

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Suse Trinchete Duarte

A RUA DA SOFIA EM COIMBRA:
A DINAMIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO A PARTIR DA
CRIAÇÃO ARTÍSTICA. UM CASO DE ESTUDO.

**Relatório de Estágio do Mestrado em Arte e Património, orientado pela Professora
Doutora Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade e pela orientadora do estágio,
Doutora Cláudia Monteiro Pato de Carvalho, apresentado ao Departamento de
História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra**

Setembro de 2019

FACULDADE DE LETRAS

A RUA DA SOFIA EM COIMBRA: A DINAMIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO A PARTIR DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA. UM CASO DE ESTUDO.

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A RUA DA SOFIA EM COIMBRA:
Subtítulo	A DINAMIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO A PARTIR DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA. UM CASO DE ESTUDO.
Autor/a	Suse Trinchete Duarte
Orientador/a(s)	Professora Doutora Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade Orientadora de estágio Doutora Cláudia Monteiro Pato de Carvalho
Júri	Presidente: Doutora Maria de Lurdes dos Anjos Craveiro Vogais: 1. Doutor Paulo Jorge Marques Peixoto 2. Doutora Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arte e Património
Área científica	História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Data da defesa	09-10-2019
Classificação do Relatório	18 valores
Classificação do Estágio e Relatório	18 valores

Ao meu pai, à minha irmã, e ao meu avô.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, por me trazer a este mundo, por todas as lições, por toda a força e por todo o carinho e amor que me deu enquanto viveu. Agradeço ao meu pai, a pessoa que mais acredita em mim e que sempre me apoiou incondicionalmente. Agradeço à minha irmã, por todo o amor, força e alegria que me dá. Agradeço ao meu avô, por me dar sempre tudo o que tem para me ver bem. Agradeço aos meus avós que já partiram, por todo o amor, ternura e alegria com que me criaram e por me terem dado o necessário para prosseguir os meus estudos.

Agradeço aos amigos que me apoiaram nesta trajetória, dando-me a motivação necessária para continuar. Agradeço à Inês, por toda a sabedoria, ajuda, apoio e amizade; e em especial à Rute, sem a sua determinação este projeto não teria sido possível. Obrigada por teres estado sempre disponível para mim, e por acreditares que era possível fazer a mudança!

Agradeço à Doutora Cláudia Carvalho, por toda a força, ajuda e motivação que sempre me deu durante o estágio, e pela sua amizade.

E tenho de agradecer, por fim, à minha orientadora, Professora Doutora Luísa Trindade, por toda a disponibilidade, ajuda, ensinamentos e motivação que me deu ao longo de todo este percurso de mestrado.

RESUMO

A Rua da Sofia em Coimbra: a dinamização do Património a partir da criação artística. Um caso de estudo.

O presente relatório marca a etapa final de um percurso académico no âmbito do Mestrado em Arte e Património, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A sua elaboração teve como base a realização de um estágio curricular no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, durante um período de seis meses, entre Outubro de 2018 e Abril de 2019.

Divide-se em 3 capítulos principais: no primeiro, relativo ao estágio curricular, é feita a descrição da entidade de acolhimento, explicado o envolvimento no projeto Rede Artéria (desafio que me foi proposto enquanto aluna e cidadã) e enumeradas as atividades realizadas. No segundo capítulo, de natureza essencialmente teórica, analisam-se os conceitos de património, de identidade e de memória, e a forma como relacionam e moldam novas formas de pensar. Toda esta reflexão permite fundamentar o terceiro capítulo na sua componente prática que se traduz num projeto desenvolvido ao longo do estágio curricular, tendo por foco a Rua da Sofia e a sua divulgação e dinamização. O projeto traduz-se numa proposta para uma plataforma cultural digital, denominada *Enquanto a Rua Falar*, direcionada exclusivamente para a Rua da Sofia, onde o visitante poderá: conhecer a história da Rua; realizar uma visita autónoma pela Rua através da proposta de Rota disponibilizada; conhecer um pouco do lado humano da Rua, nomeadamente dos seus comerciantes, através da categoria de *storytelling*; aceder a notícias e eventos e, finalmente, consultar fotografias e informação documental através da categoria do arquivo. Este projeto tem a particularidade de ter sido desenvolvido em conjunto com uma colega de estágio e de mestrado, a Rute Tavares, ainda que os resultados não se confundam. Ambas realizámos o estágio, de forma individual, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e desenvolvemos em parceria um projeto que advém da experiência monitorizada do nosso estágio. Desta nossa parceria espero que resulte um projeto bem fundamentado e consistente, que consiga verdadeiramente dar a conhecer e dinamizar o património que é a Rua da Sofia.

Palavras-chave: CES; Rede Artéria; Património; Dinamização; Rua da Sofia.

ABSTRACT

The Sofia Street in Coimbra: the promotion of heritage through artistic creation. A case study.

The present report marks the final stage of an academic journey in the context of the Master's Degree in Art and Heritage at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra. It was drawn up in the framework of a curricular internship at the Center of Social Studies of the University of Coimbra, during a period of six months, between October 2018 and April 2019.

It is divided in 3 main chapters. The first one, regarding the curricular internship, is made of the description of the host entity, and it explains the involvement in the Artery Network project (challenge that was offered to me as a student and citizen) and contains the description and analysis of the activities developed. The second chapter focuses on the theoretical part, where the concepts of heritage, identity and memory are analyzed, and explains how these ideas relate and shape new ways of thinking. All this reflection allows to ground the third chapter on its practical component which translates into a project developed throughout the curricular internship, focusing on Sofia Street and its dissemination and promotion. The project translates into a proposal for a digital cultural platform, called *While the Street Is Speaking*, focusing exclusively on the Sofia Street, where the visitor can: discover the history of the street; make an autonomous visit of the Sofia Street through the Route proposal of the street; get to know particularly its shop owners, through the category of storytelling; have access to news and current events; and consult pictures and documentary information through the archive category. This project has the particularity of having been developed jointly with a colleague of internship and master's degree, Rute Tavares, although the results don't get confused. We both made the internship individually, at the Center of Social Studies of the University of Coimbra, and we have developed in partnership a project that comes from the monitored experience of our internship. I hope this joint effort turns out into a well-grounded and consistent project that can truly make known and promote the heritage that is the Sofia Street.

Keywords: CES; Artery Network; Heritage; Promotion; Sofia Street.

SIGLAS e Abreviaturas

CES – Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Cfr. – Conferir

CMC – Câmara Municipal de Coimbra

Doc. – Documento

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

Fig. – Figura

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

In. – Em

Nº. – Número

P. – Página

Pp. – Páginas

Rua – Rua da Sofia

S.d. – Sem Data

UBI – Universidade da Beira Interior

UC – Universidade de Coimbra

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Vol. – Volume

ÍNDICE

Resumo	1
Abstract	2
SIGLAS e Abreviaturas	3
Introdução	6
Capítulo I – Estágio Curricular	9
1.1. Entidade de Acolhimento	9
1.2. O Projeto Rede Artéria	11
1.2.1. <i>Sofia, Meu Amor!</i>	14
1.3. O Estágio Curricular	21
1.4. Análise do Estágio Curricular	26
Capítulo II – Património e Identidade	27
2.1. Património Cultural	27
2.1.2. Património Cultural: Material e Imaterial	30
2.2. Identidade e Memória	35
2.2.1. Património e identidade	35
2.2.2. Cultura nacional como construção de identidades	37
2.2.3. Memória	38
2.3. A Rua da Sofia	40
Capítulo III – Projeto	47
3.1. Contextualização	47
3.2. Recolha de dados	48
3.3. Invisibilidade da Rua da Sofia	53
3.4. Estrutura da plataforma	58
3.5. Tarefas e atividades	62
Conclusão	100
Referências bibliográficas	102
Legislação	102
Bibliografia	102

Trabalhos académicos	104
Recursos eletrónicos	104
ANEXOS	108
Figuras	109
Documentos	132
Índice de Figuras	184

Introdução

O presente trabalho é parte integrante do 2º ano do Mestrado em Arte e Património da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Enquanto relatório de estágio, pretende compreender e expor seis meses de atividades práticas realizadas e 464 horas de conhecimento adquirido, na entidade de acolhimento Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

O meu percurso na Academia permitiu-me reunir conhecimento nas áreas dos Estudos Artísticos e da História da Arte mas, para além desta aprendizagem, adquiri igualmente algo que considero fundamental: uma capacidade crítica e reflexiva que me faz questionar o que vejo, o que me é dito, e principalmente, o que me é apresentado como “dado adquirido” ou “verdade absoluta”. Se não questionarmos a informação que nos chega não conseguiremos posicionar-nos perante a mesma, perceber eventuais problemas, e, de forma consequente, encontrar possíveis soluções.

É justamente para esta perspetiva de identificação de problemas que se direciona o meu estágio e o presente relatório. No decorrer do estágio quis perceber quais os problemas da Rua da Sofia, em Coimbra, perceber o que se passa naquele espaço. A escolha da Rua da Sofia como caso de estudo não foi aleatória, decorre do meu envolvimento, a partir de um desafio que me foi feito enquanto aluna e cidadã,¹ no projeto Rede Artéria² (coordenado pela companhia de teatro O Teatrão). Este, tem como propósito o desenvolvimento de uma “rede de programação cultural” e de criação artística original abrangendo oito municípios da zona Centro³ e contando com a participação de diversos grupos e associações culturais. Nas regiões em que atua, a programação ocorre “em espaços patrimoniais recuperados ou em processo de requalificação e em equipamentos culturais das referidas cidades”⁴.

A minha inclusão no projeto Rede Artéria focou-se em Coimbra e, concretamente, na Rua da Sofia,⁵ inscrita na lista do Património Mundial da UNESCO, integrando o conjunto “Universidade

¹ O desafio de acompanhar e estudar os resultados da Rede Artéria, foi feito por Cláudia Carvalho, em Março de 2018. Este desafio foi também proposto à Rute Tavares, minha colega de mestrado e de estágio. Apesar de os estágios serem individuais, ambas estagiámos no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e dividimos as tarefas e o trabalho que nos era dado. Desta forma, apesar de a Rute estar sempre presente nas atividades que enumero no Capítulo I (subcapítulo 1.2 e 1.3), para facilitar a leitura deste relatório e não gerar confusão, quando me refiro ao estágio, escrevo no singular.

² Cfr. Capítulo I, subcapítulo 1.2, onde é explicada de forma detalhada a Rede Artéria.

³ Coimbra, Figueira da Foz, Viseu, Tábua, Ourém, Fundão, Guarda e Belmonte.

⁴ REDE ARTÉRIA. (s.d.). *A Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/2-uncategorised/43-a-rede-arteriaa>.

⁵ A criação artística da Rede Artéria em Coimbra decorreu na Rua da Sofia, com o espetáculo *Sofia, Meu Amor!* apresentado dia 30 de Junho e 1 de Julho de 2018.

de Coimbra - Alta e Sofia”⁶. Acompanhei⁷ e observei o processo de investigação e criação da Trincheira Teatro, o grupo que realizou o espetáculo de Coimbra⁸. Estive presente em ensaios, em mapeamentos na Rua da Sofia, em reuniões com moradores e comerciantes da Rua, e com alunos e investigadores do projeto Rede Artéria, e realizei entrevistas aos participantes, aos criadores e aos membros da vereação em exercício. Por forma a concentrar esforços, alguns dos trabalhos curriculares desenvolvidos no ano letivo do mestrado foram direcionados para a Rua da Sofia, potenciando uma análise detalhada sobre o trabalho desenvolvido pela Trincheira Teatro.

Cláudia Pato Carvalho, responsável pela coordenação académica do projeto Rede Artéria, demonstrou interesse em integrar no projeto a desenvolver um conjunto de alunos de ciclos de estudo e cursos diferentes, nomeadamente a área das Humanidades, que abriu, entre outras coisas, um diagnóstico dos problemas que ocorrem na Rua da Sofia. Desta forma, para conseguir realizar um diagnóstico mais profundo dos problemas que ocorrem na Rua da Sofia e sobretudo para compreender qual o impacto que o espetáculo de Coimbra teve na cidade e nos seus moradores e comerciantes, realizei o meu estágio curricular no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, no âmbito do projeto Rede Artéria. Acompanhei e observei um processo de dinamização de um sítio patrimonial – A Rua da Sofia – a partir da criação artística realizada pela Trincheira Teatro. A Rua da Sofia foi o palco desta experiência monitorizada. Tive assim, a oportunidade de continuar a colaborar com o projeto Rede Artéria e de desenvolver trabalho de investigação para o meu projeto de estágio, que dá título a este relatório de estágio: *A Rua da Sofia em Coimbra: a dinamização do Património a partir da criação artística. Um caso de estudo*. Em síntese, o objetivo deste estágio foi compreender a particularidade de um caso de programação cultural e de criação artística original em contexto patrimonial, partindo do projeto Rede Artéria e da sua atuação na Rua da Sofia, em Coimbra.

A partir da aprendizagem, da reflexão e dos resultados obtidos no estágio, levantou-se a questão do que podia ser feito para dinamizar a Rua da Sofia e o seu Património. O que estaria ao meu alcance, não somente enquanto aluna de um curso superior, mas enquanto cidadã com deveres e responsabilidades cívicas, para ajudar a divulgar e a dinamizar a Rua da Sofia. Pareceu oportuno desenvolver um projeto prático⁹, que me mantivesse em contacto com a Rua da Sofia e que me permitisse aprofundar a minha relação com a Rua, com a sua arquitetura, mas também com o seu

⁶ UNIVERSIDADE DE COIMBRA ALTA E SOFIA. (s.d.). *Núcleos*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/nucleos/>.

⁷ Desde Abril de 2018.

⁸ Cfr. Capítulo I, subcapítulo 1.2, onde analiso os resultados da criação de Coimbra realizada pelos Trincheira Teatro.

⁹ Cfr. Capítulo III

lado humano: os seus habitantes e comerciantes. Congregando a minha experiência no projeto Rede Artéria com a experiência do estágio realizado no CES, foi possível criar um instrumento de trabalho, na forma de uma plataforma cultural *online* tendo por foco a Rua da Sofia¹⁰.

Em termos metodológicos, a um primeiro tempo de diagnóstico, seguiu-se o acompanhamento e observação do trabalho da Trincheira Teatro. A consulta de trabalhos científicos sobre Património em geral e sobre a Rua da Sofia em particular, a que se associou a procura intensiva de boas práticas, acompanhou todo o estágio e elaboração do projeto. Em termos operativos foi igualmente importante adquirir alguns conhecimentos sobre mapeamento cultural, instrumento particularmente usado no projeto Rede Artéria e com o qual estava pouco familiarizada. De forma empírica, o trabalho de campo, constituiu uma fase importantíssima, para a identificação de estruturas, agentes e problemas, sobretudo através da realização de entrevistas a todos quantos pudessem ser úteis. Toda a informação recolhida em cada tarefa e atividade efetuada relacionada com o projeto foi analisada e os seus resultados incluídos na plataforma.

¹⁰ Cfr. Capítulo III

Capítulo I – Estágio Curricular

1.1. Entidade de acolhimento

O estágio curricular sobre o qual incide este relatório foi realizado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, de 15 de Outubro de 2018 a 15 de Abril de 2019.

O Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), na qualidade de associação privada sem fins lucrativos¹¹, caracteriza-se por ser uma instituição de carácter científico, que tem como finalidade a investigação e uma formação avançada na área das ciências sociais e das humanidades, utilizando para isso uma abordagem interdisciplinar e também transdisciplinar. A investigação realizada pelo CES tem como preocupação a inclusão da sociedade e pretende levar à reflexão através da sua inovação, promovendo, para tal, abordagens críticas perante os desafios das sociedades contemporâneas. O CES tem como estratégia científica a democratização do conhecimento, a revitalização dos direitos humanos e a transformação da ciência num elemento de valor para a sociedade, através da reformulação das áreas de investigação, dando assim resposta às necessidades expostas pela sociedade¹².

A fundação do CES remonta a 1978, quando alguns investigadores, dirigidos por Boaventura de Sousa Santos, dão início à publicação da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, fazendo esta parte de um projeto transdisciplinar. A publicação desta Revista mantém-se até hoje. É apenas em 1987, através das mudanças do financiamento das humanidades e das ciências, que o CES consegue os fundos necessários para começar um projeto coletivo de investigação de elevada extensão. Em 2004 as ambições deste centro expandem-se e é estabelecido o primeiro curso de doutoramento. Desde os seus primórdios que o CES levou a cabo variados projetos de investigação, de grandes dimensões, nacionais e não só, tendo uma grande influência na comunidade científica e na sociedade. A sua vasta produção bibliográfica também lhe confere um lugar conceituado e respeitado na esfera pública¹³. Nos dias de hoje, mais de 700 pessoas estão ligadas ao CES: 477

¹¹ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Estatutos CES*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/ces/ces/pdf/CES_Estatutos_2018_PT.pdf.

¹² CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Apresentação*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/apresentacao>.

¹³ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *História*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/historia>.

são estudantes de doutoramento, 73 são investigadores que se encontram no pós-doutoramento, 139 são investigadores, 54 são investigadores juniores e 32 funcionários¹⁴.

Além dos seus programas de doutoramento, fator pelo qual é bastante conhecido, o CES pretende inovar nas metodologias que usa e no trabalho epistemológico que realiza, de forma a desenvolver o pensamento crítico e a analisar de forma crítica a sociedade, com as devidas ferramentas. Quer criar um ambiente onde os vários saberes possam coabitar de forma a que a diversidade cultural seja reconhecida e que haja uma articulação entre o conhecimento científico e o conhecimento que é gerado pelos cidadãos e por movimentos sociais de todo o globo. Pretende fortalecer a cooperação com organizações internacionais bem como as relações com a região Sul do Mundo, através da partilha de conhecimento, do mútuo reconhecimento e da compreensão entre culturas. O CES quer aumentar o papel da ciência na/para a sociedade, envolvendo as pessoas na cultura da ciência, de forma a revitalizar os seus direitos, em especial grupos que sejam vítimas de alguma forma de discriminação. De forma a combater a discriminação e a opressão, o CES promove a investigação sobre arte e cultura, avaliando de forma crítica o passado e investigando novos meios de reflexão sobre a sociedade e a ciência. Para complementar estas componentes sociais o CES apoia a formulação de políticas públicas, realizando investigação em diferentes áreas, que se reflete na comodidade das sociedades¹⁵.

O CES organiza-se em 5 núcleos de investigação¹⁶:

- CCArq – Núcleo de Estudos sobre Cidades, Culturas e Arquitetura;
- NECES – Núcleo de Estudos sobre Ciência, Economia e Sociedade;
- DECIDE – Núcleo de Estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito;
- NHUMEP – Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz;
- POSTRADE – Núcleo de Estudos sobre Políticas Sociais, Trabalho e Desigualdades.

O CES encontra-se em 3 edifícios diferentes, na Alta Universitária, onde decorreu o estágio curricular, na Rua da Sofia, e em Lisboa¹⁷.

¹⁴ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *O CES em Números*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/o-ces-em-numeros>.

¹⁵ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Objetivos Gerais*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/orientacoes>.

¹⁶ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Núcleos*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/nucleos>.

¹⁷ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Administração*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/administracao>.

Boaventura de Sousa Santos foi o diretor do CES desde a sua fundação até Abril de 2019, sendo atualmente o diretor emérito. O novo diretor do CES é António Sousa Ribeiro, responsável pela coordenação de todas as atividades de investigação e pela representação externa. A direção é também composta pelas vice-diretoras Lina Coelho e Madalena Duarte, e pelo diretor-executivo João Paulo Dias. Cabe à direção a governação geral do CES e a sua representação, institucional e legal; o colocar em prática as linhas gerais vindas da assembleia geral e do conselho científico; e a função de coordenar e supervisionar os serviços que apoiam a investigação. Adriana Bebiano é a presidente do conselho científico, e os vice-presidentes são Jorge Figueira, Maria Paula Meneses e Vítor Neves. O conselho científico decide sobre as questões das atividades do CES e sobre a investigação. A assembleia geral é composta por Amílcar Falcão (presidente), Paulo Peixoto (vice-presidente) e Antonieta Reis Leite (secretária). Esta assembleia é formada por todos os investigadores e tem de decidir sobre as atividades a serem realizadas, sobre o orçamento anual, tem de avaliar o relatório financeiro e o plano de atividades que a direção sugere, bem como decidir sobre a admissão de novos membros. O conselho fiscal é composto por Sílvia Portugal (presidente), Ana Raquel Matos (vogal) e Rui Lobo (vogal), e tem de seguir o cumprimento do orçamento, dar opinião sobre a gestão, analisar as contas e pronunciar-se sobre o relatório das mesmas¹⁸.

1.2. O Projeto Rede Artéria

O projeto Rede Artéria, coordenado a nível geral e artístico pelo Teatrão¹⁹ e a nível académico pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra,²⁰ pretende criar uma “rede de programação cultural regional” através de vários agentes culturais provenientes de oito municípios da zona centro: Coimbra, Figueira da Foz, Viseu, Tábua, Ourém, Fundão, Guarda e Belmonte²¹. É um projeto cofinanciado pelo Programa CENTRO 2020, Portugal 2020 e pela União Europeia, através de Fundos Europeus Estruturais e do Investimento. Este projeto surge devido à “necessidade de circulação de informação” e da vontade de explorar a “capacidade de

¹⁸ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Órgãos Sociais*. [online]. [Acedido em: 16/05/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/orgaos-sociais>.

¹⁹ O Teatrão é uma companhia de Teatro sediada em Coimbra, fundada em 1994, e presidida por Isabel Craveiro. Cfr. O TEATRÃO. (s.d.). *História*. [online]. [Acedido em: 16/05/2019]. Disponível em: <https://oteatrao.com/historia/>.

²⁰ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Projetos*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/projectos/arteria7/>.

²¹ REDE ARTÉRIA. (s.d.). *A Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/2-uncategorised/43-a-rede-arteria>.

mobilização” das regiões envolvidas, de forma a transformar “territórios meramente geográficos em comunidades relacionais”. Foram escolhidos municípios da região centro, quer do litoral quer do interior, porque é necessário existir uma “dinâmica cultural regional que tenha um impacto social local”, que ofereça uma “proposta de mudança ao nível da região e da sua relação com o território nacional e internacional”. Pretende-se criar uma reflexão acerca de como a “atividade artística pode contribuir para refundar as bases da cidadania, da democracia e da sustentabilidade urbanas”²².

“Esta rede realizará a sua programação em espaços patrimoniais recuperados ou em processo de requalificação e em equipamentos culturais das referidas cidades. Ao ser constituída por agentes da região terá um impacto no fortalecimento do tecido cultural e artístico e na afirmação deste território na produção e circulação artísticas”²³.

Este projeto, além da sua forte componente social, tem também uma componente académica, tendo sido estabelecidas parcerias com a Universidade Coimbra, a Universidade da Beira Interior, o Instituto Politécnico de Coimbra, Guarda, Castelo Branco, Tomar e Viseu, e o Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura da Universidade de Aveiro²⁴. Estas Instituições de Ensino Superior irão realizar uma “radiografia da região”,²⁵ como explica Isabel Craveiro, a diretora do Teatrão. O Artéria não surge repentinamente. Foi necessário realizar um profundo mapeamento da herança cultural das regiões envolvidas, efetuado pelo Teatrão, em várias fases de mapeamento, desde 2013 a 2017,²⁶ de forma a perceber os recursos de cada município, as suas fragilidades, os seus pontos fortes e as suas potencialidades. Importa salientar que:

“O objetivo do mapeamento foi a identificação de espaços patrimoniais estrategicamente resistentes e culturalmente significantes, assim como lugares que podem contribuir, através da intervenção artística e social, para um sentido de identidade, forte e implantado localmente, para os habitantes e turistas dos territórios Artéria”²⁷.

²² CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Projetos*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/projectos/arteria7/>.

²³ REDE ARTÉRIA. (s.d.). *A Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/2-uncategorised/43-a-rede-arteria>.

²⁴ *Idem*.

²⁵ PÚBLICO. (s.d.). *Rede Artéria leva criações artísticas a oito concelhos da região Centro*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/06/06/local/noticia/rede-arteria-leva-criacao-artisticas-a-oito-concelhos-da-regiao-centro-1833453#gs.8RTtMmL>.

²⁶ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Projetos*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/projectos/arteria7/>.

²⁷ REDE ARTÉRIA. (s.d.). *Contexto: Mapeamento Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/2-uncategorised/43-a-rede-arteria,%20Site%20da%20Rede%20Artéria>.

Esta rede de programação cultural pretende, através da criação artística e da sua fusão no património, fortalecer o sentimento de identidade e de pertença de cada comunidade, e atrair pessoas para estes locais, dinamizando e aumentando a oferta turística de cada município. Uma boa forma de promover o turismo é mostrar o que de melhor existe em cada região e que as cidades têm vida, que acontecem atividades que envolvem as pessoas que nelas habitam, contrariando a ideia de que são cidades paradas no tempo, imersas num passado distante e melancólico.

O projeto Rede Artéria quer que a criação artística que ocorreu e irá ocorrer²⁸ em cada concelho consiga desenvolver: um espaço de diálogo entre os criadores, sejam estes profissionais ou amadores; um aumento de “estruturas artísticas profissionais”; uma planificação que interligue a programação do município e a sua “programação cultural do património”, fomentado a “criação artística local” e o turismo; criações que tenham acompanhamento académico local, para investigar e comunicar os resultados gerados, o impacto social que cada criação teve; a continuidade de práticas artísticas que permita a cada cidade envolvida no Artéria, inscrever ou reforçar uma programação cultural forte e constante, na vida de cada comunidade; a ideia de que cada “centro urbano das cidades Artéria”, tem uma importância histórica, que é o “epicentro da referência cultural e histórica da dignidade e identidade destas cidades”, fator que desperta o interesse da economia e do turismo, sendo desta forma o “foco da criação artística”²⁹.

Cada cidade Artéria apresentou (ou irá apresentar)³⁰ uma criação original. Até à presente data foram produzidas 7 criações artísticas originais, em que cada criação foi apresentada 3 vezes na sua cidade de produção, tendo as mesmas circulado por 3 cidades Artéria, onde foi feita uma apresentação da criação. Cada cidade Artéria acolheu também, além da criação original, um espetáculo do criador convidado³¹.

Em Março de 2018, no âmbito do desafio colocado a vários departamentos da Universidade de Coimbra e de outros Institutos Politécnicos da Região Centro, por Cláudia Pato Carvalho, responsável pela coordenação académica do Artéria, surgiu a possibilidade de poder colaborar com o projeto Rede Artéria. Após algumas reuniões com Cláudia Carvalho e com Luísa Trindade,

²⁸ Das 8 cidades Artéria, falta estrear a criação de Belmonte, que só acontecerá em 2020.

²⁹ REDE ARTÉRIA. (s.d.). *A criação artística como estratégia de construção de tecido cultural da Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/2-uncategorised/43-a-rede-arteria.%20Site%20da%20Rede%20Art%C3%A9ria>.

³⁰ Como é o caso de Belmonte que ainda não estreou a sua criação.

³¹ Cfr. REDE ARTÉRIA. (s.d.). *Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 2/03/2019]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/>.

ficou acordado que acompanharia a criação de Coimbra, a ocorrer na Rua da Sofia,³² sendo-me proposto o direcionamento das temáticas dos trabalhos que realizei nesse semestre para a Rua da Sofia e para o projeto Rede Artéria³³. Em Abril de 2018 começa o meu estudo³⁴ no âmbito do mestrado em Arte e Património da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que decorreu até à entrega deste relatório, que o sintetiza e descreve, espoletado pelo projeto Rede Artéria.

1.2.1. *Sofia, Meu Amor!*

A criação de Coimbra, intitulada *Sofia, Meu Amor!* foi concebida pela Trincheira Teatro,³⁵ com dramaturgia de Jorge Palinhos, direção de Pedro Lamas e João Paiva e produção de Ana Bárbara Queirós,³⁶ tendo sido realizada na Rua da Sofia nos dias 30 de Junho e 1 de Julho de 2018.

A Rua da Sofia tem uma grande importância histórica e artística,³⁷ mas, apesar do reconhecimento oficial dessa natureza, através por exemplo da sua inscrição na lista do património da Humanidade, parece cada vez mais votada ao esquecimento e ao abandono, fator que motivou o Teatrão a escolher este local em detrimento de outro. Pedro Lamas afirma que é preciso devolver a vida à Rua da Sofia, voltar a habitá-la, tirar-lhe a condição de sítio de passagem que percorremos a grande velocidade e abrandar, observar toda a sua riqueza, sentir a sua história, as suas memórias, ouvir o que ela tem para nos contar. Foi sobre esta ideia que a Trincheira trabalhou, sobre a relação entre o Património e a vida que ele alberga hoje e poderá albergar amanhã³⁸.

Em termos de acompanhamento do trabalho realizado, embora o estágio curricular³⁹ só tenha iniciado oficialmente em Outubro de 2018, comecei a acompanhar o Artéria em Abril de 2018.

³² REDE ARTÉRIA. (s.d.). *Coimbra*. [online]. [Acedido em: 2/03/2019]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/coimbra>.

³³ Para a cadeira de Espaços do Profano realizei um trabalho sobre o Convento de São Domingos e para a cadeira de Gestão e Produção Culturais realizei um trabalho sobre a Rede Artéria tendo a cidade de Coimbra como caso de estudo.

³⁴ Cfr. Capítulo II, sobre Património e Identidade.

³⁵ Para consultar mais informações sobre a Trincheira Teatro Cfr. REDE ARTÉRIA. (s.d.). *Bio Trincheira Teatro*. [online]. [Acedido em: 26/03/2019]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/coimbra/9-companhias/44-bio-trincheira-teatro>.

³⁶ REDE ARTÉRIA. (s.d.). *Coimbra*. [online]. [Acedido em: 26/03/2019]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/coimbra>.

³⁷ Cfr. Capítulo II, subcapítulo 2.3 sobre a história da Rua da Sofia.

³⁸ Informação obtida na reunião do Café Sofia com os moradores e os comerciantes da Rua da Sofia, a 8 de Maio de 2018, através das declarações de Pedro Lamas, um dos diretores do espetáculo.

³⁹ Cfr. Capítulo I, subcapítulo 1.3.

No sentido de um envolvimento efetivo, presenciei várias reuniões e atividades, de que em seguida destaco as mais importantes:

- dia 16 de Abril de 2018, no Centro de Artes e Espetáculos da Figueira da Foz, com a diretora da Divisão da Cultura, Margarida Perrolas, e com o criador do espetáculo da Guarda, Graeme Pulleyn, para discutir a itinerância do espetáculo da Guarda à Figueira da Foz;
- dia 17 de Abril de 2018, no Café Sofia, com a Trincheira Teatro e os alunos de Arte e Design da ESEC, para ouvir as suas propostas de trabalho para a Rua da Sofia;
- dia 8 de Maio de 2018, no Café Sofia, com os moradores e comerciantes da Rua da Sofia e com a Trincheira Teatro, onde estes explicaram o que ia ser o espetáculo *Sofia, Meu Amor!* e apelaram à participação das pessoas presentes na reunião, no espetáculo;
- dia 8 de Maio de 2018, no CES da Rua da Sofia, com os alunos e investigadores do Artéria, de forma a perceber a investigação de cada sujeito e o ponto de situação dos trabalhos;
- dia 11 de Maio de 2018, na Universidade da Beira Interior, com a companhia de teatro Astro Fingido⁴⁰ e com o Professor Nuno Jerónimo sobre o envolvimento dos alunos do Fundão e a colaboração dos alunos de Sociologia da UBI;
- dia 11 de Maio de 2018, no Teatro Municipal da Guarda, com Victor Afonso, coordenador e programador do Teatro, e a companhia de teatro Astro Fingido, para discutir a itinerância do espetáculo do Fundão à Guarda.
- dia 19 de Junho de 2018, sessão fotográfica no Eco Museu do Sal (armazéns de Lavos). Produção dos cartazes do espetáculo da Figueira da Foz, da autoria da Filipa Francisco.

A minha presença nestas reuniões foi fundamental para adquirir um conhecimento detalhado sobre a gestão e a produção do Artéria, sobre a complexidade da gestão de recursos humanos no âmbito das produções, e para compreender os desafios e dificuldades experienciados durante a criação dos espetáculos, onde inevitavelmente se enfrentam interesses de natureza e de objetivos diferentes.

⁴⁰ Criadores do espetáculo do Fundão, *A Rua Esquecida*.

Sofia, Meu Amor! foi um espetáculo alegre, colorido, de grande impacto visual devido à dimensão da Rua da Sofia,⁴¹ e com adesão significativa por parte do público: foram feitas 3 apresentações do espetáculo,⁴² com 300 espectadores cada, todas esgotadas. Ao contrário da notícia da estreia do espetáculo amplamente divulgada por vários órgãos de comunicação,⁴³ as opiniões sobre a peça e o seu impacto não suscitaram um conjunto de notícias relevante,⁴⁴ aspeto eventualmente revelador do reduzido impacto que o espetáculo possa ter tido na cidade de Coimbra e nos espectadores⁴⁵.

Perante a necessidade de avaliar qualitativamente⁴⁶ o impacto dos produtos finais do Artéria,⁴⁷ foi indispensável proceder à realização de entrevistas⁴⁸ aos parceiros diretamente envolvidos nos projetos de criação do Artéria, nomeadamente vereadores da cultura, agentes locais e equipas criativas. Estas entrevistas⁴⁹ e posterior análise dos dados, são o resultado de um acompanhamento científico previsto na matriz do projeto Rede Artéria.

Da análise da entrevista à Trincheira Teatro é perceptível a sua intenção de construir um projeto que deixasse raízes na comunidade e marcas no lugar, mas também as dificuldades ocorridas na

⁴¹ A Rua da Sofia tem 440 metros de comprimento (200 braças) e 13.2 metros de largura (6 braças). Cfr. LOBO, R. 2006a. “Rua da Sofia: Um campus universitário em linha”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 25-26

⁴² No fim das apresentações em Coimbra esta criação foi apresentada na Guarda dia 7 de Julho, em Ourém dia 15 de Julho, e em Belmonte dia 22 de Julho.

⁴³ Cfr. VISÃO. (s.d.). *Ver.* [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/ver/2018-06-30-Sofia-meu-amor-em-Coimbra-convida-o-publico-a-descobrir-ruas-vielas-e-vidas-escondidas-por-detras-das-fachadas?fbclid=IwAR0scG5aV6nhyWqtMBmHMjO27v_p9dkqY9C3CazNzm81YR3ymjzcbGhGSew.

Cfr. NOTÍCIAS DE COIMBRA (s.d.). *Cidade. Coimbra. Lazer.* [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: https://www.noticiasdecoimbra.pt/sofia-meu-amor-estreia-hoje-em-coimbra-convida-a-abrandar-a-marcha-na-rua-da-sofia-para-tornar-visiveis-pequenos-cacos-de-vida/?fbclid=IwAR155mM-fBeOpI2Xhhw_zKVGG6kImtpgrHiPvw0dIC1J5bvlOyObsYGU4g.

Cfr. PÚBLICO. (s.d.). *Coimbra.* [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: https://www.publico.pt/2018/06/29/culturaipilon/noticia/cortar-a-sofia-para-poder-parar-escutar-e-olhar-1836427?fbclid=IwAR0ZPTrcVnqN6QFv3mq6wSQcmGduAAwsLeKucKkrJ2Ctr5QotFo2Jam_T-w.

Cfr. DIÁRIO DE NOTÍCIAS. (s.d.). *Cultura.* [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/interior/da-rua-da-sofia-para-a-regiao-centro-ha-uma-nova-arteria-a-pulsar-teatro-9530084.html>.

Cfr. COLECTIVA. (s.d.). *Cooltura.* [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: <https://colectiva.pt/2018/06/25/sejam-romanticos-e-vao-ver-a-declaracao-de-amor-que-a-trincheira-teatro-vai-fazer-a-rua-da-sofia/>.

⁴⁴ Cfr. DIÁRIO DE COIMBRA. (s.d.). *Coimbra.* [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: <http://www.diariocoimbra.pt/noticia/33772>.

⁴⁵ Esta conclusão é feita tendo em conta unicamente a informação obtida pelos órgãos de comunicação social, sabendo que para realizar um estudo profundo do impacto do espetáculo esta informação não seria suficiente, teriam de ser analisadas outras vertentes.

⁴⁶ Os dados qualitativos são um dos métodos de pesquisa em ciências sociais, neste caso em concreto, da Sociologia.

⁴⁷ Dado que a Rede Artéria é coordenada academicamente pelo CES, existe uma componente eminente de estudo e reflexão sobre os espetáculos concebidos e os resultados daí gerados.

⁴⁸ A entrevista é das técnicas mais utilizadas na recolha de dados nas ciências sociais. Para saber mais sobre entrevistas cfr. LIMA, M. 2016. “O uso da entrevista na pesquisa empírica”. In *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, pp. 24-41.

⁴⁹ Enumeradas no Capítulo I, subcapítulo 1.3.

preparação da criação de Coimbra. O Artéria é um projeto catalisador de transformação através da atividade artística, mas a inexistência de regulamentação que incida sobre as relações institucionais, sobre como artistas e câmaras podem trabalhar conjuntamente, dificulta todo o processo criativo. A Trincheira tinha uma responsabilidade para com o Património e para com a comunidade, constituindo o estabelecimento de relações estreitas com o espaço e pessoas parte fundamental do processo: através da circulação na Rua da Sofia conseguiram efetuar o seu mapeamento e contactar com os seus moradores e comerciantes, que abriram as portas das suas casas e lojas, ajudando na logística do espetáculo, bem como na sua divulgação. Ainda assim, foi difícil estabelecer uma relação abrangente com os agentes locais de forma continuada. Por outro lado, a Rua não constitui propriamente uma unidade ou um grupo coeso, aspeto que dificultou o trabalho da Trincheira. Os agentes culturais apoiaram a criação através de parcerias ou disponibilizando os seus espaços, sendo estes: Centro Social e Cultural 25 de Abril, Associação Tricanas de Coimbra, Venerável Ordem Terceira de São Francisco, Rádio Baixa, Tribunal da Relação de Coimbra, Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra, Centro de Artes Visuais, A Escola da Noite, Laços Sem Nós e Liga dos Combatentes. A Trincheira refere a ligação com a Câmara Municipal de Coimbra como complicada e o seu acompanhamento do espetáculo praticamente inexistente. Por último, salienta que a Rua da Sofia foi difícil de trabalhar em termos de produção do espetáculo, o que em grande parte decorre também da sua dimensão.

Para a vereação de Coimbra,⁵⁰ cumpriu as expectativas. A escolha da Rua da Sofia para local de realização do espetáculo foi um aspeto positivo não só por estar inscrita na lista do Património da Humanidade mas por ser uma das principais artérias da cidade de Coimbra. Por outro lado, a integração do espetáculo nas festas da cidade levou ao envolvimento da comunidade, verificando-se uma grande diversidade de pessoas a acompanhar o espetáculo, ou seja, conseguiu-se uma abordagem participativa. Reconhece, todavia, que, no acompanhamento do espetáculo, houve alguma desarticulação entre intervenientes que poderia ter sido resolvida com reuniões conjuntas de avaliações regulares, de maneira a que cada parceiro tivesse a oportunidade de expor as suas dúvidas e dificuldades. Por fim, a vereação considera essencial que permaneça algo, a nível Municipal, que incentive a criação e a circulação. A passagem de um projeto como este, tem de deixar uma semente que dê frutos futuramente, no entanto esta ideia não foi continuada e explorada pela vereação, logo, não sabemos que semente poderá ser esta. Admite que são necessárias

⁵⁰ Entrevista realizada à Vereadora da Cultura Carina Gomes e à Técnica do Departamento da Cultura Isabel Gaspar.

alterações na Rua da Sofia, que é necessário expandir o conhecimento sobre a Rua e o que esta alberga, bem como uma noção conjunta da responsabilidade da mudança.

Quanto aos agentes locais e culturais - o Dr. Luís Azevedo Mendes, Presidente do Tribunal da Relação de Coimbra, a Dona Aguilalda Amaro do Café Sofia, o Sr. João Tavares do café Sofibares, a Prof. Sandra Campos do Centro Social e Cultural 25 de Abril, a Dona Alice Abreu e o Prof. Adelino Marques, do Lar da Ordem Terceira de São Francisco, e o Sr. José Lourenço da Associação Tricanas de Coimbra -, das entrevistas transparece, em primeiro lugar, o seu contentamento com a sua participação e envolvimento, sobretudo pela diversidade de pessoas e instituições envolvidas (aproximadamente 50). Consideram a iniciativa positiva pois o espetáculo foi um bom veículo para divulgar a Rua da Sofia, mas chamam a atenção para a necessidade de lhe dar continuidade criando novas iniciativas/projetos que tragam visibilidade aos espaços da Rua da Sofia. Em termos de dificuldades destacam a organização local (e de adesão), o escasso entendimento por parte da população, especialmente pelos moradores da Rua, do que seria o espetáculo e as falhas na comunicação e divulgação,⁵¹ razões que, em conjunto, minoraram o impacto esperado.

Importa, por fim, referir os inquéritos ao público, aplicados antes e depois de cada espetáculo, de modo a traçar um perfil do espectador cultural, perceber o impacto dos espetáculos, a que tipo de pessoas chegam e de que forma, questões essenciais para proceder à avaliação dos produtos finais do Artéria. Estes inquéritos⁵² eram aplicados por várias pessoas, que continham uma caneta e uma pasta com um determinado número de inquéritos, e que, individualmente, abordavam os espectadores presentes, perguntando-lhes se gostariam de colaborar no preenchimento do inquérito, onde este era explicado muito sumariamente. Caso o espectador concordasse em participar, procedia-se então à aplicação do inquérito, numa dinâmica de pergunta e resposta. Os inquéritos (ou questionários), são empregues em estudos quantitativos e podem surgir no seguimento de uma entrevista, quer esta seja ou não presencial. A entrevista que possibilita a aplicação dos inquéritos é previamente estruturada, a nível das respostas e das perguntas⁵³.

⁵¹ As *Ideias Concertadas* são a empresa responsável pela comunicação e divulgação da Rede Artéria, cujo trabalho ficou aquém do esperado.

⁵² Elaborados pelo CES, pelos investigadores Claudino Ferreira, Paulo Peixoto, Cláudia Carvalho e Ricardo Almeida. Cfr. em anexo: Doc. 1

⁵³ Cfr. LIMA, M. 2016. “2. A entrevista nas abordagens quantitativa e qualitativa”. In *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, p. 25.

Foram várias as situações em que tive oportunidade de participar na aplicação destes inquéritos:

- Viseu, dia 10 de Agosto, na criação do Fundão - *A Rua Esquecida*;
- Figueira da Foz (Lavos), dias 17 e 19 de Agosto, na criação da Figueira da Foz - *Saal*;
- Guarda, dia 18 de Agosto, na criação do Fundão - *A Rua Esquecida*;
- Tábua, dia 15 de Setembro, na criação de Ourém - *Vagar*;
- Viseu, dia 22 de Setembro, na criação da Guarda – *Labirinto*;
- Figueira da Foz, dia 29 de Setembro, na criação da Guarda – *Labirinto*.

No cômputo geral considero ter sido uma experiência particularmente interessante sobretudo à medida que fui ganhando prática. Na realidade, tratou-se de uma experiência nova pois o recurso a inquéritos não é um instrumento comum nas áreas de Estudos Artísticos e História da Arte, em que fiz a minha formação⁵⁴. Mas a informação que deles se retira é crucial para a análise dos resultados de projetos em que a interação e a comunicação são vetores centrais, algo que é, afinal, central às áreas em que me movo. Perante a natureza deste projeto — uma peça em diferentes sítios — dois aspetos ficaram desde logo claros: a necessidade de adaptação do discurso aos vários públicos, a complexidade de adaptar cada espetáculo a diferentes localidades. Com efeito, ver o mesmo espetáculo em cidades diferentes, era ver outro espetáculo. Nem sempre na verdade, o público detém informação que nos parece importante, como quem atua, qual o objetivo, o que está em causa. Algo que pareceria importante perante uma programação pensada para um local, mas depois transportada para outros. Ao inquirir o público⁵⁵ cheguei à conclusão que quase ninguém conhecia a Rede Artéria, embora algumas demonstrassem interesse em saber; ainda mais raras foram as pessoas que conheciam os criadores e as companhias que conceberam os espetáculos. Nas localidades de menor dimensão, onde o público era, por regra, mais envelhecido, a curiosidade era geral, considerando-se a dinamização importante e defendendo-se um maior número de iniciativas semelhantes, gratuitas e capazes de levar a população a espetáculos artísticos.

Num espectro alargado, a partir das diferentes opiniões recolhidas pode considerar-se que o *Sofia, Meu Amor!* foi um espetáculo singular, que conseguiu envolver na produção um grande número

⁵⁴ A aplicação de inquéritos (entrevistas) é uma das ferramentas utilizadas pela Sociologia em métodos de pesquisa, algo que não me era familiar. Nunca tinha tido contacto com estas ferramentas e tive de as assimilar, de forma rápida e através da experiência prática no terreno.

⁵⁵ A análise do perfil dos públicos do Artéria está a ser feita por um grupo de investigadores do CES.

de pessoas (agentes, habitantes, comerciantes) e mais de 900 espectadores⁵⁶. Mas parece ter ficado aquém das expectativas pelo menos quanto à tentativa de criação de um espetáculo que conseguisse deixar raízes e contribuir para a mudança e união de quem habita e trabalha na Rua da Sofia. Considero que o espetáculo ficou na memória de quem participou, que o recorda com alegria, mas não teve o impacto suficiente para ser um evento catalisador. Nas outras localidades foi um espetáculo artístico onde a referência à Rua enquanto elemento específico parece ter-se perdido.

Desafio

De Setembro a Dezembro tivemos reuniões mensais⁵⁷ de acompanhamento do Artéria, para perceber o que podia ser feito no fim de terem estreado os espetáculos (no caso de Coimbra), e para fazer uma avaliação dos mesmos e do impacto que tiveram. Estas reuniões tiveram igualmente o intuito de criar um grupo de trabalho pluridisciplinar, congregando alunos de várias áreas (História da Arte, Antropologia, Arquitetura, Sociologia) abrindo as abordagens e visões sobre o nosso objeto de estudo: a Rua da Sofia. Por razões várias que não cabe aqui explorar, tal não foi possível, ficando o grupo reduzido a mim e à minha colega Rute Tavares. Foi no decorrer destas reuniões que, numa primeira fase, fomos desenvolvendo ideias para o estágio para depois as desenvolvermos. Importa agora expor os resultados.

Após estas reuniões, Cláudia Carvalho e João Santos, do Teatrão, pediram-nos,⁵⁸ para conduzirmos uma visita guiada à Rua da Sofia, dirigida a um público infantil. Aceite o desafio, a visita realizou-se no dia 27 de Junho de 2018, no âmbito do programa de férias de Verão “Se Esta Rua Fosse Minha”, organizado pelo Teatrão. Apesar do nosso receio inicial, o resultado foi francamente positivo, sobretudo por ser uma primeira experiência e por se dirigir a crianças, com todas as particularidades associadas, por exemplo, ao nível da necessidade de adaptar o discurso usando elementos simultaneamente cativantes e de fácil compreensão. Pelo perção que tivemos as crianças gostaram, fizeram muitas perguntas e pareceu-nos que se estavam realmente a divertir.

⁵⁶ O espetáculo foi apresentado em Coimbra em 3 sessões, com 300 espectadores cada, onde inevitavelmente se foram juntando mais espectadores no decorrer do espetáculo por este ser feito na Rua da Sofia, local aberto que permitiu ao público que não tinha bilhete assistir à criação.

⁵⁷ Estavam presentes Luísa Trindade, Cláudia Carvalho, Margarida Relvão, Andrea Gaspar, Rute Tavares e por vezes Dulce (aluna de Antropologia) e Noemi (aluna de Arquitetura).

⁵⁸ Eu própria e a Rute Tavares.

1.3. O Estágio Curricular

O estágio curricular realizou-se no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES da Alta), no âmbito do projeto Rede Artéria. Quando em Março de 2018 aceitei fazer parte do Artéria foi com o objetivo de no 2º ano do mestrado realizar o meu estágio sobre esta rede de programação cultural. Sendo o CES responsável pela coordenação académica do projeto Rede Artéria, pareceu lógico que funcionasse como instituição de acolhimento. O estágio realizou-se de Outubro de 2018 a Abril de 2019, perfazendo um total de 464 horas.

Sem um plano inicial completo e fechado, definiu-se com ambas as orientadoras que só depois de uma avaliação dos espetáculos de Coimbra poderia concretizar-se quais os objetivos e a metodologia a seguir. O acompanhamento dos espetáculos Artéria ao longo dos meses foi crucial para conseguir ter uma visão abrangente e crítica do espaço em que decorriam. Deste acompanhamento surgiu a questão a refletir: como poderia a criação artística ajudar a salvar a Rua da Sofia? Compreender as falhas e o que poderia estar ao meu alcance foi determinante para "desenhar" o trabalho a desenvolver no decorrer do estágio, explicado em detalhe no 3º capítulo. A partir das reuniões mensais referidas acima, foram definidos os objetivos do estágio curricular, acordados por todas as partes envolvidas:

1. compreender a especificidade de um caso de programação cultural em contexto patrimonial, a partir do projeto Rede Artéria e concretamente da sua atuação na Rua da Sofia, em Coimbra;
2. desenvolver um conhecimento profundo e circunstanciado da Rua da Sofia, em todo o seu contexto histórico-artístico;
3. conhecer e experienciar, de forma concreta, um processo investigativo de natureza interdisciplinar, a partir da Rede Artéria (História de Arte, Arquitetura, Sociologia, Antropologia), com particular ênfase no contacto com diferentes métodos e ferramentas de análise e atuação (mapeamento, entrevistas, etc.), aplicando simultaneamente o conjunto de conhecimentos das respetivas áreas de formação-base (Estudos Artísticos e Jornalismo); conhecer e adequar todo o quadro conceptual (património, memória, identidade, comunidade) de suporte ao estudo e intervenção em áreas urbanas de reconhecido valor patrimonial e potencial subaproveitado;
4. conhecer e participar ativamente no cumprimento dos objetivos da(s) entidades de acolhimento e parceiras, respetivamente, CES e Teatrão; e verter toda a experiência desenvolvida num relatório circunstanciado que permita a avaliação do estágio realizado.

Descrição das atividades realizadas:

Realização de entrevistas

O estágio começou justamente com esta tarefa, a realização de entrevistas (semiestruturadas) a quem participou nos espetáculos Artéria, de Coimbra e da Figueira da Foz, para perceber as suas opiniões sobre a criação que ocorreu e sobre o projeto Rede Artéria. As entrevistas são uma fonte de informação essencial utilizadas em vários métodos de pesquisa qualitativa, tais como “observação participante, estudos etnográficos, trabalhos de campo, histórias de vida, biografias, análise de trajetórias, análise de redes”⁵⁹. Estas entrevistas foram realizadas por uma equipa,⁶⁰ havendo um guião para cada tipo de entrevista,⁶¹ dividindo-se em: comércio e serviços locais, criadores e Municípios (técnicos e vereadores). Cada entrevista foi marcada atempadamente e foi gravado o registo áudio com a autorização da pessoa entrevistada. Em Outubro, no âmbito do espetáculo de Coimbra, foram entrevistadas as seguintes pessoas:

- Dr. Luís Azevedo Mendes, Presidente do Tribunal da Relação de Coimbra;
- Dona Aguinalda Amaro (Dona Guida) do café Sofia;
- Sr. João Tavares do café Sofibares;
- Prof. Sandra Campos do Centro Social e Cultural 25 de Abril;
- Dona Alice Abreu e Prof. Adelino Marques, do Lar da Ordem Terceira de São Francisco;
- Sr. José Lourenço da Associação Tricanas de Coimbra (rancho);
- Pedro Lamas, João Paiva e Bárbara Queirós dos Trincheira Teatro;
- Carina Gomes, vereadora da Cultura de Coimbra e Isabel Gaspar, técnica do Departamento de Cultura.

No âmbito do espetáculo da Figueira da Foz foram entrevistadas/os:

- Margarida Perrolas, diretora da Divisão da Cultura;
- participantes do espetáculo *Saal*⁶²;
- Filipa Francisco, criadora do espetáculo da Figueira da Foz.

⁵⁹ Cfr. LIMA, M. 2016. “2. A entrevista nas abordagens quantitativa e qualitativa”. In *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, p. 24.

⁶⁰ Equipa composta por Cláudia Carvalho, Margarida Relvão, eu própria e Rute Tavares.

⁶¹ As entrevistas foram guiadas por Cláudia Carvalho.

⁶² Criação da Figueira da Foz.

Não se enquadrando na categoria de entrevista, presenciei uma reunião na Câmara Municipal de Tábua, com o vereador da Cultura, António Oliveira, e com o técnico do Departamento de Cultura, Luís Branquinho, para perceber a sua opinião sobre os espetáculos Artéria que receberam⁶³ e como estava a ser o acompanhamento da criação do espetáculo de Tábua. Considero positiva a minha presença nestas entrevistas, porque tive contacto direto com as pessoas envolvidas nos espetáculos e tive perceção dos desafios que existiram e como foram ultrapassados. Aprendi como utilizar ferramentas e instrumentos de outras disciplinas científicas neste caso da Sociologia, por regra estranhas ao mundo da História da Arte, fator enriquecedor para o meu crescimento pessoal e profissional. Tive oportunidade de conhecer as diferentes visões e opiniões das várias pessoas e entidades envolvidas no Artéria, e conseqüentemente de verter essas opiniões em conhecimento.

Análise de entrevistas

Efetuada as entrevistas, em conjunto com Rute Tavares⁶⁴, procedi à análise das mesmas, utilizando o guião das entrevistas como base para organizar as categorias de informação. Além das previamente referidas, foi-me solicitada a análise da entrevista dos participantes/bailarinos do espetáculo de Ourém, *Vagar*. O registo seria feito em Excel o que obrigou a um período de habituação por ser um programa com o qual nunca tinha trabalhado. Para facilitar o trabalho, dividimos a análise das entrevistas, pois é um processo demorado proceder à sua audição e à respetiva análise, requer concentração e capacidade de seleção.

Este trabalho teve subjacente um conjunto de leituras orientadas por forma a tomarmos conhecimentos de processos participativos, mapeamento cultural e iniciativas de arte comunitária, para percebermos melhor as bases do Artéria, e para nos ajudar a encontrar um tema de estágio que quiséssemos desenvolver.

Participação na avaliação qualitativa sobre o impacto do projeto Rede Artéria

Todas as entrevistas (e conseqüentes análises) efetuadas foram incluídas na apresentação feita na reunião⁶⁵ no Teatrão com todos os representantes de cada Município Artéria, relativamente à

⁶³ Na dia da reunião a criação de Tábua ainda não tinha estreado, mas o município já tinha recebido em 2018 itinerâncias dos espetáculos de outras cidades Artéria.

⁶⁴ Ambas estagiámos no CES e realizámos todo o trabalho que nos era pedido, em conjunto. Trabalhámos em parceria no estágio e no projeto, desenvolvido no Capítulo III. Sempre que descrevo atividades em que ambas trabalhámos utilizo o plural.

⁶⁵ Esta reunião serviu como fórum de avaliação do projeto Rede Artéria, onde estiveram presentes os municípios Artéria, a entidade financiadora do projeto, a coordenação geral do projeto, a coordenação académica e a empresa de comunicação.

avaliação qualitativa sobre o impacto do projeto Rede Artéria. Ajudei a elaborar essa apresentação feita na reunião por Cláudia Carvalho (em representação do CES), retirando a informação mais importante de cada entrevista e reunindo fotografias sobre os espetáculos e as suas itinerâncias. Com a elaboração desta apresentação obtive um maior entendimento de todos os aspetos positivos e menos positivos das apresentações dos espetáculos em cada cidade Artéria, de todas as dificuldades, do que falhou e pode ser melhorado futuramente, mas principalmente de todo o trabalho que não é “visível”: da preparação do espetáculo até à sua estreia. Esta reunião foi posteriormente analisada (através do registo vídeo) e resumida.

Participação em colóquios, congressos e oficinas

Durante o período de estágio ocorreram alguns colóquios que considerei interessantes para a minha formação académica e pessoal, e nos quais participei, nomeadamente o colóquio *Obras Públicas do Estado Novo*, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dia 6 de Novembro de 2018; o colóquio *A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas*, colóquio de homenagem a Boaventura de Sousa Santos, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, dias 7, 8 e 9 de Novembro de 2018; o congresso *Media: Poder, Representação e Epistemologia*, na Faculdade de Letras, dia 25 de Janeiro de 2019; e a oficina *Angústia pública: processos grupais, corpo e artes nas crises*, no CES, dia 28 de Janeiro de 2019.

Cláudia Carvalho participou no congresso *International Congress on Cultural Mapping: Linking Heritage (Tangible and Intangible) and Creative Tourism*, na Universidade de Évora, nos dias 29 e 30 de Novembro de 2018, pedindo-nos para pesquisarmos sobre os oradores e as suas comunicações, de maneira a percebermos o trabalho que estava a ser desenvolvido no área do mapeamento cultural. Esta pesquisa foi produtiva pois ficámos a conhecer o trabalho da Filomena Sousa, da Memória Imaterial, *Memoriamedia: e-museu do Património Cultural Imaterial*, e decidimos entrar em contacto com a mesma para discutir a possibilidade de parceria no nosso projeto de investigação.

Visitas guiadas

Particpei, em três ocasiões, em visitas guiadas, duas delas promovidas pelo Museu Municipal de Coimbra e uma pelos Serviços Educativos do Jazz ao Centro. A primeira visita, *Percurso pedonal Claustros da Sofia*, promovida pelo Museu Municipal de Coimbra no dia 29 de Novembro de 2018 foi guiada por Paula Moura Relvas. Embora ao que parece realizada com alguma regularidade,

esta visita ficou aquém das expectativas, quer pelo teor da informação disponibilizada, sintética e superficial, quer pela forma de comunicação. A segunda visita, *Os Colégios da Sofia*, promovida pelos Serviços Educativos do Jazz ao Centro no dia 8 de Dezembro de 2018 foi guiada por Rui Lobo, arquiteto e professor do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra. Certamente por ser uma das suas áreas de trabalho específicas, a visita foi particularmente apelativa e informativa, sobretudo ao nível de informação histórica. A terceira visita, *Percurso pedonal Igrejas “perdidas” na Baixa – 1. Santa Justa*, promovida pelo Museu Municipal de Coimbra no dia 13 de Fevereiro de 2019 e, de novo, guiada por Paula Moura Relvas teve, da mesma forma, escassos resultados.

Elaboração de candidatura

Colaborei na elaboração da candidatura apresentada por Cláudia Carvalho "Plataforma Digital Artéria" ao Programa Valorizar, Linha de Apoio à Sustentabilidade do Turismo, promovido pelo Turismo de Portugal. Esta plataforma seria coordenada pelo CES e teria como parceiro o Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura - Id+ da Universidade de Aveiro. Competiu-me a informação sobre o Plano Regional de Desenvolvimento Turístico da Região Centro de Portugal, resumir o Plano de Estratégia do Turismo de Portugal para 2027, bem como o artigo *Monitorização dos impactos turísticos: uma proposta de modelo aplicável a territórios em mudança*, de Mónica Belchior Morais de Brito. Para a elaboração desta candidatura reunimos no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro com a Equipa Id+, Carlos Santos e Nuno Dias, no dia 6 de Dezembro de 2018, de modo a perceber a proposta que seria feita na candidatura desta Plataforma. Reunimos via Skype no dia 11 de Dezembro de 2018 com João Neto (gabinete de projetos do CES), com o Id+ (Carlos, Nuno, Daniel), e com Cristina Baptista (iClio), onde tentámos perceber a possível colaboração da iClio na Plataforma Digital Artéria. Reunimos no Instituto Pedro Nunes dia 13 de Dezembro de 2018 com Miguel Monteiro (iClio) para preparar a reunião com o Turismo do Centro. No dia 14 de Dezembro de 2018 tivemos reunião⁶⁶ no Turismo do Centro - Delegação de Coimbra, com a Dra. Filomena Pinheiro para lhe explicarmos o projeto e pedir financiamento para a candidatura⁶⁷.

⁶⁶ Para além de mim própria, Cláudia Carvalho e Miguel Monteiro.

⁶⁷ Até à presente data ainda não é conhecido o resultado desta candidatura.

Aplicação de Inquéritos -Viseu

A criação Artéria da cidade de Viseu, *Borrvalho*, estreou a 8 de Fevereiro de 2019, e, à semelhança dos outros espetáculos Artéria, procederíamos à aplicação dos inquéritos. Como o Artéria é um projeto com uma componente interdisciplinar, Cláudia Carvalho entrou em contacto com o Professor Luís Sousa da Escola Superior de Educação de Viseu, para que os alunos de Relações Públicas pudessem realizar os inquéritos na cidade de Viseu. No dia 29 de Janeiro de 2019 dirigimo-nos à Escola Superior de Educação de Viseu para conversar com estes alunos, para lhes mostrar os inquéritos, explicar a estrutura dos mesmos e como deviam ser aplicados, e falar da nossa experiência de aplicação de inquéritos ao público nos espetáculos decorridos anteriormente nas outras cidades Artéria. Foi a primeira vez que senti, desde o espetáculo de Coimbra, que havia interdisciplinaridade, que estavam a ser envolvidos alunos de outras áreas científicas neste projeto. Sobre a criação de Viseu: assisti ao ensaio geral dia 7 de Fevereiro de 2019, onde estavam presentes o Professor Luís Sousa e duas das alunas que iam aplicar inquéritos; apliquei inquéritos dia 8 de Fevereiro de 2019 na estreia do espetáculo, onde estavam os 3 alunos da Escola Superior de Educação de Viseu e o seu Professor, Luís Sousa; apliquei inquéritos dia 2 de março de 2019 na Figueira da Foz, na itinerância do espetáculo; apliquei inquéritos dia 23 de Março em Tábua, na itinerância do espetáculo.

1.4. Análise do Estágio Curricular

Ao refletir sobre os 6 meses de Estágio Curricular na Entidade Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, considero que estes foram verdadeiramente transformadores da minha vida académica, profissional e pessoal, levando-me a crescer enquanto pessoa e enquanto profissional. Obrigada a sair da minha área de conforto, a formação em Estudos Artísticos e História da Arte, o desafio para, num âmbito de cruzamentos disciplinares, colaborar em abordagens da esfera da Sociologia, usando métodos e ferramentas com as quais jamais tivera contacto, foi particularmente interessante e enriquecedor. No seu conjunto, a experiência trouxe-me uma maior perceção dos desafios e condicionantes existentes quando se trabalha diretamente com pessoas, principalmente num contexto patrimonial e artístico.

Como será certamente corrente na vida real e no mercado de trabalho, o estágio acabou por ser muito diferente da ideia que antecipadamente construía. O meu envolvimento desde Março de 2018 em todo o trabalho realizado no espetáculo de Coimbra e a presença constante nas

apresentações dos espetáculos Artéria das restantes cidades, criou-me um conjunto de expectativas que, passada a fase inicial do estágio, de avaliações, não chegou a concretizar-se. Por um lado, de Setembro de 2018 a Fevereiro de 2019 não houve apresentações dos espetáculos Artéria, por outro, falhas de comunicação e de disponibilidade/abertura por parte do Teatro Experimental do Porto⁶⁸ não me proporcionaram um envolvimento semelhante na criação de Viseu. Finalmente, como o mais recente espetáculo Artéria estreou em Tábua no mês de Julho, não o acompanhei já enquanto estagiária. Apesar de tudo isso, o desenvolvimento do projeto de estágio, a passagem de postura de quem observa a quem propõe, o processo de aprendizagem, de leituras, de descoberta de boas práticas, revelou-se não menos entusiasmante.

Se há aprendizagem que obtive de forma bem vincada com o estágio foi como lidar com os desafios que apareceram durante a elaboração e concretização do projeto. Ganhei confiança e “à vontade” para abordar e interagir com as pessoas (que não tinha), aprimorei a capacidade de procurar alternativas quando os meus planos iniciais não resultavam como esperava e aprendi a ser persistente. Todas as atividades que realizei durante o período do estágio revelaram-se muito úteis na elaboração do projeto.

Capítulo II – Património e Identidade

2.1. Património Cultural

Atualmente fala-se muito sobre Património, escutando-se frequentemente expressões como: *Agora tudo é Património. Se classificarmos tudo como Património, o que vai acontecer futuramente? Se tudo é Património então nada é Património.*

Na prática, o défice de conhecimento sobre o conceito *património*, parece quase proporcional ao uso que se faz da palavra. O que talvez não surpreenda num País de modestas dimensões como Portugal, onde existem 17 lugares (16 culturais e 1 natural) inscritos na lista de Património Mundial da UNESCO,⁶⁹ dos quais 4 estão localizados na Zona Centro⁷⁰. Obviamente que a classificação do património existente no nosso país não é exclusivamente efetuada pela UNESCO,

⁶⁸ Criadores do espetáculo de Viseu, *Borrvalho*.

⁶⁹ UNESCO. (s.d.). *The States Parties*. [online]. [Acedido em: 23/07sz/2019]. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/statesparties/pt>.

⁷⁰ Mosteiro de Alcobaça, Mosteiro da Batalha, Convento de Cristo em Tomar e Universidade de Coimbra - Alta e Sofia. Cfr. TURISMO CENTRO PORTUGAL. (s.d.). *Lugares Património Mundial do Centro*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://turismodocentro.pt/artigo-regiao/lugares-patrimonio-da-humanidade-do-centro/>.

apesar desta entidade proporcionar maior visibilidade e reconhecimento aos locais classificados (ou pelo menos assim se esperaria)⁷¹. Existe património nacional, de interesse público, de interesse municipal, natural, cultural (material e imaterial), móvel, arquitetónico, histórico, arqueológico, entre outros. Todos estes diferentes domínios do património geram, a meu ver, confusão no raciocínio do público em geral,⁷² que considera *património* como uma amálgama indistinta.

Importa talvez por isso ir à origem, neste caso, à origem etimológica do termo. O conceito de património surge associado a herança, ao que passa dos pais para os filhos, às ligações familiares e económicas, não sendo um bem adquirido: “Património. Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”.⁷³ Se procurarmos o seu significado num dicionário vemos que esta definição se mantém atualmente, embora mais completa:

*“Património, n. m. herança paterna; conjunto dos bens de família, transmitidos por herança; conjunto de bens ou valores de interesse económico pertencentes a uma pessoa, instituição ou empresa; bem, ou conjunto de bens, de natureza material ou imaterial, de reconhecido interesse (cultural, histórico, ambiental, etc.) para determinada região, país, etc.; RELIGIÃO dote necessário para a ordenação de um eclesiástico; figurado riqueza; profusão”*⁷⁴.

Isso explica que no decorrer do século XIX a palavra “património” fosse empregue para nomear bens imóveis, e não necessariamente património edificado. Este era designado por “monumento histórico”,^{75 76} uma categoria do património histórico⁷⁷. Entre os anos de 1930 e 1960 sobretudo nos países latinos a aceção do termo vai ganhando a conotação que tem hoje. Nos países anglo-saxónicos é a partir de 1950 que se divulga a palavra *heritage* (património), distinguindo-a de *legacy* (herança)⁷⁸.

⁷¹ Cfr. Capítulo III, subcapítulo 3.3.

⁷² Que não entendem: o que é património, quem decide se *algo* é ou não património, nem porque razão *algo* é considerado valioso e a partir de que altura esse *algo* se torna valioso para um coletivo.

⁷³ CHOAY, F. 2006. *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, p. 11

⁷⁴ DICCIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. (s.d.). *Património*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Patrim%C3%B3nio>.

⁷⁵ Cfr. DESVALLÉES, A. e MAIRESSE, F. 2013. “Património”. In *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comité Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, p. 73

⁷⁶ A construção de um monumento serve para conservar a memória de algo ou de alguém.

⁷⁷ Por património histórico entenda-se a acumulação de diversos objetos que remetem para o passado e o afirmam, onde estão incluídas obras-primas de arte e produtos do saber e conhecimento humano. Cfr. CHOAY, F. 2006. *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, p. 11

⁷⁸ Cfr. DESVALLÉES, A. e MAIRESSE, F. 2013. “Património”. In *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comité Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, p. 73

É por essa mesma altura que o conceito de património começa um imparável processo de ampliação, passando a incluir o “conjunto de testemunhos materiais do homem e do seu meio”⁷⁹. Desta forma, o “património folclórico, o património científico e (...) o património industrial” foram gradualmente assimilados ao conceito de património⁸⁰. Atualmente, inclui:

“(...) todos os bens ou valores, naturais ou criados pelo Homem, materiais ou imateriais, sem limite de tempo nem de lugar, que sejam simplesmente herdados dos ascendentes e ancestrais de gerações anteriores ou reunidos e conservados para serem transmitidos aos descendentes das gerações futuras. O património é um bem público cuja preservação deve ser assegurada pelas coletividades, quando não é feita por particulares”⁸¹.

Mas o termo “património” gera debates e diferentes abordagens. Para Laurajane Smith não existe património, o que existe é um discurso hegemónico sobre património que serve para formar a maneira como pensamos, falamos e escrevemos sobre património⁸². Que quer isto dizer? Que património é um valor que nós associamos a um determinado bem. Não é algo palpável e imediatamente identificável por todos. Não é inerente ao objeto. É-lhe dado por nós, no presente. É essa atribuição que explica que o termo vá ganhando novas aceções e conteúdos. Ou seja, é uma construção social, sempre atual. E como tal gera opiniões contrárias consoante quem a experiencia, avalia, identifica⁸³. Por isso também, como defende Stuart Hall património é por natureza um conceito plural: são tantos os patrimónios, como as identidades ou as culturas, ou seja, a pluralidade de quem o reconhece como tal. Na realidade, todos estes conceitos são hoje entendidos como construções, algo que está em permanente transformação e plurais pois geram necessariamente diferentes leituras. Mas esta complexidade conceptual não passa para o discurso geral ou para o grande público. A forma como o termo se inseriu rapidamente nas conversas e discursos da sociedade acaba por gerar estranheza e confusão, como também sublinha Stuart Hall⁸⁴. Ao ser “usurpado” pelo sector do turismo e identificado como um potencial ativo, uma mais valia em termos económicos, termo, e uso, generalizam-se criando a já chamada “patrimonialite”, a doença do património própria das sociedades atuais.

⁷⁹ *Idem*, p. 74

⁸⁰ Cfr. DESVALLÉES, A. e MAIRESSE, F. 2013. “Património”. In *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comité Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, p. 74

⁸¹ *Idem*.

⁸² Cfr. SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York: Routledge, cop. p. 11

⁸³ Um bom exemplo desta contradição é o património colonial, sobre o qual podemos ter um discurso de identificação ou de aversão.

⁸⁴ Cfr. HALL, S. 1999. “Whose Heritage? Un-settling ‘The Heritage’, Re-imagining the Post-nation”. In *Third Text*, nº 102, vol. 13, Critical Perspectives on Contemporary Art and Culture, p. 3

O pensamento de David Lowenthal reforça esta ideia ao corroborar que o património está por toda a parte, nas notícias, nos cinemas, nos supermercados, reside em tudo desde as galáxias aos genes:

“It is the chief focus of patriotism and a prime lure of tourism. One can barely move without bumping into a heritage site. Every legacy is cherished. From ethnic roots to History theme parks, Hollywood to the Holocaust, the whole world is busy lauding – or lamenting – some past, be it fact or fiction. To neglect heritage is a cardinal sin, to invoke it a National duty”⁸⁵.

Esta visão de Lowenthal alerta para os usos "indevidos" do património invocado demasiadas vezes para “justificar um número diversificado de acções ou de actuações”⁸⁶ que pouco têm a ver com o reconhecimento que as comunidades fazem dos seus bens, sejam eles materiais ou imateriais.

2.1.2. Património Cultural: Material e Imaterial

A noção de património esteve no início associada a um sentimento de perda experienciado no decorrer da Revolução Francesa⁸⁷ e particularmente vincado nos grandes conflitos mundiais. A 2ª grande guerra trouxe a noção da urgência em preservar um determinado conjunto de bens. Aqueles com que as diversas comunidades se identificavam e que por isso elegiam como parte fundamental da sua história, cultura, forma de ser e de estar.

Por isso, património, identidade e cultura, são conceitos que embora não sinónimos estão interligados⁸⁸. Apesar de não serem exatamente sinónimos, o património “é sempre cultural, pois faz parte de uma cultura enquanto representação metonímica da mesma”⁸⁹.

“O património cultural constitui um conjunto de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, independentemente do regime de propriedade dos bens, como um reflexo e expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução. Inclui todos

⁸⁵ LOWENTHAL, D. 2009. *The Heritage Crusade and the spoils of History*. United Kingdom: Cambridge University Press, p. xviii

⁸⁶ MENDES, J. A. 2009. *Estudos do Património: Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 9. **Nota:** apesar deste relatório estar escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, manteve-se a citação como estava originalmente escrita, no antigo acordo ortográfico.

⁸⁷ Cfr. CHOAY, F. 2006. “A Revolução Francesa”. In *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, pp. 103-134.

⁸⁸ Cfr. MOREIRA, C. 2006. “Prefácio”. In *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, p. xvi

⁸⁹ ANICO, M. e PERALTA, E. (org.). 2006. *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, p. 3

os aspectos do meio ambiente resultantes da interacção entre as pessoas e os lugares através do tempo”⁹⁰.

O património cultural é um legado de artefactos físicos e de atributos imateriais de um grupo ou sociedade, herdados das gerações passadas, preservados no presente para usufruto dos coevos e para benefício das gerações futuras. É neste sentido que a aceção original continua a fazer sentido: o termo património materializa a noção de herança e transmissão, bem como o dever de proteger e preservar. O que se alterou profundamente, no sentido da ampliação, foi a sua natureza: utilizado em tempos para referência exclusiva a vestígios monumentais de culturas, o conceito de património inclui múltiplas novas categorias. De forma genérica e essencialmente operativa, pode dizer-se que existem três tipos de património: material, imaterial e natural⁹¹. É considerado património natural os “monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas (...); as formações geológicas e fisiográficas (...); e os locais de interesse naturais (...)”⁹².

Segundo Folarin Shyllon, o património cultural material inclui edifícios e lugares históricos, monumentos, livros, obras de arte e artefactos. É dado destaque à preeminência do objeto⁹³.

Por património cultural imaterial considera-se:

*“(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões — bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados — que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”*⁹⁴.

⁹⁰ Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do Património Cultural para a Sociedade, de 27 de Outubro de 2005, Título I, Artigo 2º. Diário da República, 1ª Série, N.º 177, pp. 6648-6649. **Nota:** apesar deste relatório estar escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, manteve-se a citação como estava originalmente escrita, no antigo acordo ortográfico.

⁹¹ Cfr. SHYLLON, F. 2016. “Cultural Heritage and Intellectual Property: Convergence, Divergence, and Interface”. In *A Companion to Heritage Studies*. Chichester, West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, p. 55

⁹² Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural da UNESCO de 1972, N.º. I, Artigo 2º

⁹³ Cfr. SHYLLON, F. 2016. “Cultural Heritage and Intellectual Property: Convergence, Divergence, and Interface”. In *A Companion to Heritage Studies*. Chichester, West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, p. 55

⁹⁴ Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de 2003, N.º. I, Artigo 2º, ponto 1. **Nota:** apesar deste relatório estar escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, manteve-se a citação como estava originalmente escrita, no antigo acordo ortográfico.

Todas estas definições encontram a sua origem em organismos internacionais e nacionais que têm a seu cargo a "prática" do património, ou seja, a identificação e significação, a conservação, a gestão de protocolos, técnicas e procedimentos utilizados por profissionais da área⁹⁵.

Em Portugal a salvaguarda e valorização do património cultural rege-se pela lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, de 8 de Setembro de 2001⁹⁶ e está a cargo de organismos como a DGPC⁹⁷.

Internacionalmente, entre as várias organizações ligadas à proteção do património,⁹⁸ a que tem mais destaque por todo o trabalho desenvolvido é a UNESCO. Integrada na Organização das Nações Unidas (ONU), surge em 1945, com o objetivo de estabelecer a “solidariedade intelectual e moral da humanidade”, evitando assim uma nova guerra mundial⁹⁹. Procura estabelecer a paz através de programas de cooperação internacional nas áreas da educação, das ciências e da cultura. Estes programas contribuem para atingir os objetivos de desenvolvimento sustentável definidos na agenda de 2030 e adotados pela Assembleia das Nações Unidas em 2015. A UNESCO desenvolve ferramentas educacionais para ajudar as pessoas a viverem como cidadãos globais livres de ódio e intolerância. Ao promover o património cultural e a igual dignidade de todas as culturas, reforça as ligações entre as nações¹⁰⁰.

Até 1970 a ênfase das convenções da UNESCO recaía no património cultural¹⁰¹. Após essa década, e em tempos mais recentes, a organização tem colocado a sua atenção no património cultural imaterial¹⁰². Com efeito, em Dezembro de 2018 a UNESCO lançou a plataforma *Mergulhe no Património Cultural Imaterial – Constelações, biomas e ameaças*¹⁰³. Desde 2008 que a organização listou os mais de 500 elementos culturais imateriais inscritos nas listas da convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial de 2003. Nesta plataforma, em constante evolução consoante a inscrição e indexação de novos elementos na lista, é possível explorar de

⁹⁵ Cfr. SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York: Routledge, cop. p. 13

⁹⁶ Diário da República, 1ª Série -A, Nº 209

⁹⁷ Cfr. DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. (s.d.). *Apresentação*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/>.

⁹⁸ Como é o caso do *International Council on Monuments and sites* (ICOMOS)

⁹⁹ COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO. (s.d.). *História*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco/historia>.

¹⁰⁰ UNESCO. (s.d.). *Mission and Mandate*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://en.unesco.org/about-us/introducing-unesco>.

¹⁰¹ Convenção sobre os Meios de Proibição e Prevenção do Tráfego Ilícito de Propriedade Cultural (1970) e Convenção para a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural (1972), na qual surge o termo Património Mundial

¹⁰² Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003)

¹⁰³ UNESCO. (s.d.). *Dive into cultural intangible cultural heritage!* [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/dive>.

forma dinâmica e interativa as práticas e expressões do património cultural imaterial, ver como formam um valioso conjunto de diversidade cultural.

A UNESCO tem um Comité do Património Mundial,¹⁰⁴ responsável por desenvolver os critérios para a inscrição de lugares na Lista do Património Mundial, bens que têm de responder a pelo menos um dos seguintes critérios:

- (i) representar uma obra-prima do génio criador humano;
- (ii) ser testemunho de um intercâmbio de influências considerável, durante um dado período ou numa determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planeamento urbano ou da criação de paisagens;
- (iii) constituir um testemunho único ou pelo menos excecional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida;
- (iv) representar um exemplo excecional de um tipo de construção ou de um conjunto arquitetónico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história;
- (v) ser um exemplo excecional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis;
- (vi) estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excecional;
- (vii) representar fenómenos naturais notáveis ou áreas de beleza natural e de importância estética excecionais;
- (viii) ser exemplos excecionalmente representativos dos grandes estádios da história da Terra, nomeadamente testemunhos da vida, de processos geológicos em curso no desenvolvimento de formas terrestres ou de elementos geomórficos ou fisiográficos de grande significado;

¹⁰⁴ UNESCO. (s.d.). *Operational Guidelines*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/guidelines/>.

(ix) ser exemplos excepcionalmente representativos de processos ecológicos e biológicos em curso na evolução e desenvolvimento de ecossistemas e comunidades de plantas e de animais terrestres, aquáticos, costeiros e marinhos;

(x) conter os habitats naturais mais representativos e mais importantes para a conservação *in situ* da diversidade biológica, nomeadamente aqueles em que sobrevivem espécies ameaçadas que tenham Valor Universal Excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação¹⁰⁵.

Portugal conta com vários¹⁰⁶. A Universidade de Coimbra – Alta e Sofia,¹⁰⁷ foi inscrita na lista em 2013, a partir dos critérios (ii), (iv) e (vi)¹⁰⁸.

São os organismos nacionais e a UNESCO, as autoridades para o discurso patrimonial: definem o que é património, definem o como e o porquê da importância do património, e explicitam como o património deve ser usado e gerido. Uns e outra, enquanto autoridades do discurso patrimonial, definem quadros e convenções que mutuamente se influenciam¹⁰⁹.

Mas esse é o discurso oficial, hegemónico e que constitui a "regra". Através dele(s) sabemos o que é património. Ou pelo menos alguns sabem. Com efeito o problema do discurso oficial é que ele nem sempre espelha as ansiedades, preocupações e ambições das comunidades. Nem sempre quem as habita, usa ou usufrui é parte integrante da escolha, da (re)significação. Por isso, muitas vezes não existe identificação. É neste aspeto que Laurajane Smith defende que "there is, really, no such thing as heritage"¹¹⁰.

Património não significa o mesmo para todas as pessoas. É um processo que focando-se no passado, é absolutamente atual e está intimamente relacionado com as nossas condições de identidade no presente¹¹¹. O que nos leva para um outro conceito tão ou mais indissociável que os anteriores: o de memória.

¹⁰⁵ ISSU. (s.d.). *Rede do Património Mundial de Portugal*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: https://issuu.com/comissaonacionaldaunesco/docs/guia_rede_patrim_nio_mundial_de_po.

¹⁰⁶ Cfr. UNESCO. (s.d.). *About World Heritage*. [online]. [Acedido em 3/04/2019]. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/statesparties/pt>.

¹⁰⁷ A Rua da Sofia é o tema deste relatório. Cfr. Capítulo II, subcapítulo 2.3

¹⁰⁸ COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO. (s.d.). *Universidade de Coimbra*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/universidade-de-coimbra>.

¹⁰⁹ Cfr. SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York: Routledge, cop. p. 87

¹¹⁰ *Idem*, p. 11

¹¹¹ Cfr. MCDOWELL, S. 2008. "Heritage, Memory and Identity". In *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. England; USA: Ashgate, p. 49

2.2. Identidade e memória

Património, identidade, memória e cultura são conceitos que se mesclam e necessitam uns dos outros. Podemos falar de património cultural, memória cultural, património como reflexo da identidade, identidade e memória como condições para a existência de património, entre outras equações.

A identidade é questionada, sobretudo se estiver em crise. Somos seres culturais, como tal, temos uma identidade cultural, elementos da nossa identidade que emergem devido ao sentimento de pertença a culturas¹¹².

2.2.1. Património e identidade

Poderá ser mais correto falar de *identificação* em detrimento de identidade, já que a identidade se forma não apenas pelo que reside em nós enquanto indivíduos, mas também por uma carência de plenitude que preenchemos “a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*”¹¹³. É exatamente esta identificação que é necessária ocorrer em cada indivíduo para reconhecermos algo enquanto património, e isso não acontece, em grande maioria, na Rua da Sofia. Apesar de ser património da humanidade, nem todos os habitantes de Coimbra e os habitantes e comerciantes da Rua da Sofia a reconhecem como património, precisamente por não ocorrer essa identificação com aquele espaço¹¹⁴. Neste momento, na Rua da Sofia, existe um património para uma elite, não para um coletivo. A sociedade não se revê nem se identifica naquele património. O património é um elemento essencial da identidade: de indivíduos e de sociedades¹¹⁵. As identidades coletivas não são estáticas, estáveis nem definitivas, são sim trabalhos em progresso e geralmente incompletas, “daí a sua plasticidade, o seu dinamismo, a sua

¹¹² Sejam elas “étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Cfr. HALL, S. 2006. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 8

¹¹³ HALL, S. 2006. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 39

¹¹⁴ Para proceder a um estudo profundo dos problemas existentes na Rua da Sofia realizámos um inquérito presencial e *online* à população. Uma das perguntas pretendia apurar se as pessoas consideram a Rua da Sofia património. No inquérito que distribuímos presencialmente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dos 104 estudantes que responderam ao inquérito 40% não considera a Rua da Sofia património. O inquérito *online* partilhado nas redes sociais foi preenchido por 226 pessoas, das quais 19,9% não considera a Rua da Sofia património. Cfr. em anexo: Resultados dos Inquéritos [Doc. 3 e Doc. 4].

¹¹⁵ Cfr. MENDES, J. A. 2009. *Estudos do Património: Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 53

contingência, a sua impureza”,¹¹⁶ logo, é possível transformar uma identidade, neste caso, transformar a identidade coletiva da Rua da Sofia.

O património e a identidade são termos que estão inevitavelmente relacionados e que muitas vezes são percebidos como uma continuação do outro termo: “a identidade como a ‘essência’ de um determinado colectivo humano; o ‘património’ como a sua manifestação ‘natural’, que sobrevive ao decurso do tempo e que é preciso resgatar e preservar a todo o custo”¹¹⁷. A identidade é transmitida através da memória (individual e partilhada). O património cultural é um alicerce da memória, visto ser relativamente fácil de observar, dado que a maioria deste património está ao nosso redor, é a parte material da nossa civilização e do nosso quotidiano, logo, as memórias que nos surgem transformam o património num fator “estruturante da própria identidade”¹¹⁸. Podemos abordar o património e a identidade como ficções:

“Ficções porque ambos existem apenas em abstracto, como algo virtual, que dependem da forma como nos imaginamos a nós próprios, e somos imaginados pelos outros, num determinado contexto social. A identidade será, assim, a ficção do ‘sujeito colectivo’; o património, um instrumento simbólico ao serviço dessa ficção”¹¹⁹.

Património e identidade são "ficções" que transmitem imagens construídas de carácter social, político, histórico e cultural em relação a uma coletividade. O objetivo não é saber se o património cria identidade, mas sim se cria identificação. Uma possível definição de identidade é o nível de identificação e solidariedade que um indivíduo tem relativamente ao grupo onde está inserido. Identidade é simultaneamente pertença e reconhecimento¹²⁰. A identidade de uma comunidade é caracterizada pelos seus eventos, pelas suas atividades, pela partilha de contactos que realiza com outras comunidades, pela forma como vivem e agem os habitantes, pelo que vestem e comem, pelas comemorações festivas, e por todos os elementos mencionados realizados pelas elites¹²¹.

¹¹⁶ MOREIRA, C. 2006. “Prefácio”. In *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, p. xvi

¹¹⁷ ANICO, M. e PERALTA, E. (org.). 2006. *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, p. 1. **Nota:** apesar deste relatório estar escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, manteve-se a citação como estava originalmente escrita, no antigo acordo ortográfico.

¹¹⁸ MENDES, J. A. 2009. *Estudos do Património: Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 53

¹¹⁹ ANICO, M. e PERALTA, E. (org.). 2006. *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, p. 2. **Nota:** apesar deste relatório estar escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, manteve-se a citação como estava originalmente escrita, no antigo acordo ortográfico.

¹²⁰ *Idem*, pp. 2-3

¹²¹ MENDES, J. A. 2009. *Estudos do Património: Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 53

Temos falado da relação simbiótica entre património e identidade, mas importa explorar também a relação antagónica. Paulo Peixoto defende que quando o património nasce, a identidade que era vivida e partilhada ou morre ou é esvanecida, porque estes conceitos estão ligados à vida e à morte das práticas e dos objetos sociais. Alguns bens, objetos e práticas sociais “perdem um valor funcional na vida quotidiana para adquirirem um estatuto formal de proteção e de exibição”¹²². Todo o ato de consciencialização do património compreende uma nova função social, onde se deixa uma vida antiga (função social utilitária) e se começa uma nova (estatuto de proteção e exibição), perde-se algo que já não se recupera¹²³. Com efeito, rotular um objecto como património significa na maior parte dos casos subtraí-lo à sua função e vida originais. Retirá-lo do circuito das coisas vivas e encerrá-lo numa redoma, numa vitrina de um museu: uma imagem sacra, um quadro, uma peça de ourivesaria, perdem respetivamente o seu valor devocional, social e representativo para, em muitos casos, se tornarem memórias ou registos engessados, distantes do observador, reforçando-se a distância temporal que os separa com a distância física que um vidro ou um cordão de separação impõem. Mas importa aqui rever esta situação no que toca ao património urbanístico que permanece ativado, vivo e, como tal, em permanente mutação. Pode-se mudar a natureza desse bem, através do processo de classificação, mas esse património, um trecho de cidade, um grupo de edifícios e ruas, mais ou menos contíguas e imbricadas, continua a desempenhar um conjunto de funções que podem ser mais ou menos próximas das originais mas que, idealmente, continuam ocupadas por comunidades várias.

2.2.2. Cultura nacional como construção de identidades

A identidade nacional não é algo que obtemos com o nosso nascimento, é sim construída e modificada no interior da representação. A nação é mais do que uma entidade política, é um organismo que gera sentidos, que gera um sistema de representação cultural¹²⁴. A população, além de representar cidadãos individuais de uma nação, participa na conceção de nação como é representada em cada cultura nacional¹²⁵. Apesar de sermos estranhos uns para os outros, formamos uma comunidade imaginada porque partilhamos uma ideia do que é a nação e daquilo

¹²² PEIXOTO, P. 2006. “O Património mata a identidade”. In *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, p. 64. **Nota:** apesar deste relatório estar escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, manteve-se a citação como estava originalmente escrita, no antigo acordo ortográfico.

¹²³ *Idem*.

¹²⁴ Sobre identidade e coesão nacional Cfr. MCDOWELL, S. 2008. “Heritage, Memory and Identity”. In *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. England; USA: Ashgate, pp. 37-53

¹²⁵ HALL, S. 2006. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51

que representa. O património transforma-se na materialização do espírito da nação, uma representação coletiva do que é tradição¹²⁶.

A cultura nacional é constituída por estabelecimentos culturais, bem como por símbolos e representações, ou seja, pode ser definida como sendo um discurso, uma forma de construção de sentidos que vai influenciar a ação de cada sujeito, bem como a ideia que este tem de si. “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”¹²⁷.

Podemos enumerar três elementos construtores da união nacional: as memórias que temos do passado, a vontade de viver em conjunto e o desejo de perpetuar a herança que nos foi legada. Esta união nacional, ou a simples noção de nação traduzem-se num contexto de pertença¹²⁸. Esta ideia de pertença, de reflexão, está sempre presente no conceito de identidade, quer seja no âmbito da nação, da cultura, do património. É necessário ocorrer identificação, sentir que fazemos parte de algo ou que temos um legado nas nossas mãos que vale a pena preservar: “a herança patrimonial constitui um pretexto para o reforço das identidades”¹²⁹.

2.2.3. Memória

A memória (termo plural e complexo), interrogada desde os tempos da antiguidade clássica, tem sido alvo de estudo de várias áreas socioculturais. Muitas são as pesquisas levadas a cabo para a elaboração de teorias interpretativas sobre a memória, poderosa ferramenta de evocação, e a forma como esta se relaciona com outros temas. Podemos encontrar estudos sobre “a ligação entre Memória e Tempo em Thomas Hobbes; da relação entre História, Memória e Narrativa, em Paul Ricoeur; ou sobre a Memória, Tempo e Filosofia, em Henri Bergson”¹³⁰.

O estudo da memória expande-se no meio académico como elemento imprescindível na relação entre história e identidade. Desde o final do século XX que “os estudos sobre a memória têm vindo

¹²⁶ “(...) nations construct identities by selectively binding their chosen high points and memorable achievements into an unfolding ‘national story’. This story is what is called ‘Tradition’”. Cf. HALL, S. 1999. “Whose Heritage? Unsettling ‘The Heritage’, Re-imagining the Post-nation”. In *Third Text*, nº 102, vol. 13, Critical Perspectives on Contemporary Art and Culture, pp. 4-5

¹²⁷ HALL, S. 2006. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51

¹²⁸ *Idem*, p. 58

¹²⁹ BARROS, J. 2006. “Turismo e construção do património cultural: Os projetos turístico-patrimoniais das autarquias”. In *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, p. 186

¹³⁰ MARQUES, M. 2018. Memória, Identidade e Estratégias Educativas na Casa da Memória de Guimarães. Relatório de Estágio Curricular, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 50

a ganhar terreno ao monopólio da história (...) em estudos que enveredam pela multiplicidade da invenção das tradições e memórias”¹³¹. Dada esta grande expansão do estudo da memória, já não é suficiente referir-nos a memória como uma entidade unitária, há diferentes tipos de memória que podem ser pensados em termos de escala¹³².

A cultura está ligada à memória. Podemos definir cultura como a memória de uma sociedade que não é transmitida geneticamente, mas por símbolos externos¹³³. O ser humano tem necessidade de inscrever memória num determinado lugar, essa inscrição é uma forma de expressão cultural que reforça o sentimento de pertença. Sem memória, sem um sentido do *Eu*, de identidade, perde-se a cultura e o património¹³⁴.

Quando falamos sobre memória ligada ao conceito de património falamos de uma memória social que é altamente seletiva. Ao pensarmos sobre memória devemos começar a nossa linha de raciocínio com o esquecimento, dado que a dinâmica da memória individual consiste numa contínua interação entre o ato de lembrar e de esquecer: para nos lembrarmos de alguma coisa em específico, algo tem de ser esquecido¹³⁵. O ato de esquecer na construção da memória é fundamental na criação de identidade¹³⁶. O processo contínuo de esquecimento é parte integrante da normalidade social: a comunicação da sociedade tem de ser continuamente esquecida para dar lugar a nova informação¹³⁷.

Existem duas formas de esquecimento: ativa e passiva. O esquecimento ativo consiste em atos intencionais de destruição, necessários e estruturantes para as transformações sociais internas, no entanto são atos violentos direcionados a uma cultura diferente ou a uma minoria perseguida; a censura é um exemplo eficaz deste atos de destruição de material cultural. O esquecimento passivo consiste em atos não intencionais, como a perda, a dispersão, a negligência, a ocultação, entre outros. O que está perdido mas não se encontra materialmente destruído pode ser descoberto

¹³¹ MARQUES, M. 2018. Memória, Identidade e Estratégias Educativas na Casa da Memória de Guimarães. Relatório de Estágio Curricular, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 51

¹³² Cfr. MCDOWELL, S. 2008. “Heritage, Memory and Identity”. In *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. England; USA: Ashgate, p. 40

¹³³ Cfr. ASSMAN, A. 2008. “The Dynamics of Cultural Memory between Remembering and Forgetting”. In *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin; New York: Gruyter, pp. 97-107

¹³⁴ Cfr. MCDOWELL, S. 2008. “Heritage, Memory and Identity”. In *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. England; USA: Ashgate, pp. 37-53

¹³⁵ Cfr. ASSMAN, A. 2008. “The Dynamics of Cultural Memory between Remembering and Forgetting”. In *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin; New York: Gruyter, pp. 97-107

¹³⁶ Cfr. MCDOWELL, S. 2008. “Heritage, Memory and Identity”. In *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. England; USA: Ashgate, pp. 37-53

¹³⁷ Cfr. ASSMAN, A. 2008. “The Dynamics of Cultural Memory between Remembering and Forgetting”. In *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin; New York: Gruyter, pp. 97-107

acidentalmente em tempos futuros. Se admitirmos que o esquecimento é um processo normal na vida pessoal e cultural de um sujeito, o ato de lembrar torna-se uma exceção que necessita de precauções especiais, precauções que se materializam em instituições culturais¹³⁸.

A memória coletiva pode ser encarada como componente essencial do progresso de uma sociedade: a criação de recordações influencia a maneira como transmitimos e partilhamos conhecimento e saberes, estabelecendo-se desta forma um denominador comum que utilizamos para a atribuição de sentidos e criação de laços afetivos e de união¹³⁹.

2.3. A Rua da Sofia¹⁴⁰

Em 1535 D. João III ordena que se projete e edifique a Rua da Sofia¹⁴¹ com o objetivo de albergar a sede dos estudos gerais do “Império Português”, o que concedeu a Coimbra um elevado e excecional estatuto a nível nacional e internacional. O monarca pretende reformar o ensino começando por impor essa reforma em 1527 no Mosteiro de Santa Cruz, através da ajuda de Frei Brás de Braga, tendo como objetivo a criação de um ensino privado no Mosteiro de Santa Cruz, para poder suportar estudos externos e atribuir graus. Esta reforma culmina com a transferência definitiva da Universidade de Lisboa¹⁴² para Coimbra, a 1 de Março de 1537¹⁴³.

A ideia da transferência da Universidade para Coimbra enquadra-se na estratégia de modernização do estado e adquire carácter prioritário. D. João III não nutria muita afinidade pela urbe Lisboaeta

¹³⁸ Cfr. ASSMAN, A. 2008. “The Dynamics of Cultural Memory between Remembering and Forgetting”. In *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin; New York: Gruyter, pp. 97-107

¹³⁹ Cfr. MARQUES, M. 2018. Memória, Identidade e Estratégias Educativas na Casa da Memória de Guimarães. Relatório de Estágio Curricular, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 54

¹⁴⁰ Para a escrita deste subcapítulo foi essencial o contacto com o trabalho de três autores que contribuíram para o estudo da História da Arquitetura e Urbanismo em Coimbra e para o estudo do Renascimento Coimbrão. Desta forma, quem quiser aprofundar o seu conhecimento sobre a Rua da Sofia em Coimbra terá obrigatoriamente de consultar o trabalho de Walter Rossa, Maria de Lurdes Craveiro e Rui Lobo. Cfr. ROSSA, W. 2001. *DiverCidade: Urbanografia do Espaço de Coimbra até ao Estabelecimento Definitivo da Universidade*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra; Cfr. CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.

¹⁴¹ Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 67

¹⁴² Dado que o “bulício” de Lisboa era prejudicial aos estudos. Cfr. ROSSA, W. 2006. “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 16

¹⁴³ Cfr. ROSSA, W. 2006. “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 16

e o desentendimento que teve com a Universidade de Lisboa fez com que a transferência da Universidade para uma cidade de menores dimensões e com mais propensão aos estudos, com uma renovação quase total dos professores, fosse algo essencial para a sua reorganização. Esta reforma implicou que a Universidade fosse adaptada a um modelo de ensino mais progressista e humanista, o que implicava a divisão de dois tipos de ensino: um ensino preparatório, nos colégios, e um ensino superior, na Universidade, através das faculdades. A escolha de Coimbra para cidade universitária advém da reforma levada a cabo pelo monarca no Mosteiro de Santa Cruz, onde a partir de 1535 começaram a funcionar colégios no seu interior,¹⁴⁴ o que reforçou o carácter pedagógico e humanista da cidade¹⁴⁵.

Desde o século XVI que os reis, começando com D. Manuel I, demonstraram o seu interesse na renovação de Santa Cruz. Até à instalação definitiva da Universidade em Coimbra, o Mosteiro Crúzio transformou-se num estaleiro de obras onde o antigo edifício românico se transformou, ganhando dessa forma uma “nova dimensão espacial e simbólica”¹⁴⁶.

A reforma monástica do Mosteiro de Santa Cruz que D. João III promove em 1527, que resultaria, 10 anos depois, na transferência definitiva da Universidade de Lisboa para Coimbra, foi antecedida por uma importante reforma¹⁴⁷ promovida pelo seu pai, D. Manuel, determinante para as intervenções realizadas posteriormente. As obras de D. Manuel¹⁴⁸ transformaram o Mosteiro Crúzio numa das principais e mais importantes casas religiosas de Portugal¹⁴⁹.

No mês de Julho de 1527, D. João III veio para Coimbra para fugir à peste que alastrava em Lisboa e na zona Sul. Quando visitou o renovado Mosteiro de Santa Cruz percebeu a situação do quotidiano do mosteiro, que não poderia ser considerada própria devido ao não cumprimento das regras de silêncio e de clausura por parte dos cônegos. O monarca teve conhecimento da existência de um Mosteiro feminino, o Mosteiro de S. João das Donas, num edifício contíguo ao Mosteiro

¹⁴⁴ O Colégio de Santo Agostinho e o Colégio de São João Baptista. Cfr. CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 147-149

¹⁴⁵ Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 68

¹⁴⁶ CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 58

¹⁴⁷ A reforma ocorreu de 1507 a 1527, por três fases. Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 29

¹⁴⁸ Para perceber em detalhe as transformações da Reforma Manuelina em Santa Cruz Cfr. CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 58-105

¹⁴⁹ Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, pp. 27-36

Crúzio, e logo agiu¹⁵⁰ de forma a que a ordem e a moralidade dos religiosos fosse restituída. Ordenou a extinção do Mosteiro feminino e nomeou um reformador, Frei Brás de Braga, encarregue de estabelecer as novas medidas no Mosteiro Crúzio. “A reforma da regra deveria implicar, à luz do pensamento moderno, a reforma dos espaços ao mesmo tempo que a uma mentalidade nova deveria corresponder, necessariamente, um novo tipo de edifício”¹⁵¹.

Frei Brás de Braga¹⁵² era um frade Jerónimo, com formação humanista. D. João III, ao colocar um frade Jerónimo responsável pela reforma do Mosteiro Crúzio, deixava clara a sua decisão de reformar o Mosteiro e a regra, “personalizada numa figura da mais moderna e mais humanista ordem religiosa do início de quinhentos em Portugal e também em Espanha”¹⁵³.

O projeto universitário da Rua da Sofia começa a tomar forma durante a reforma do Mosteiro de Santa Cruz. Em 1535 eram criados dois colégios crúzios, de ambos os lados da igreja de Santa Cruz, o Colégio de Santo Agostinho e o Colégio de São João Baptista, divididos em dez gerais onde eram lecionadas as aulas para os noviços da Ordem e para os alunos não pertencentes ao Mosteiro Crúzio, de forma separada. D. João III estimulou a construção de mais dois colégios afastados de Santa Cruz, possivelmente para esses mesmos alunos não pertencentes a Santa Cruz terem uma residência. São criados o Colégio de Todos-os-Santos e o Colégio de São Miguel,¹⁵⁴ tendo Santa Cruz avaliado os terrenos para troca, em Setembro de 1535, de modo a efetuar a construção. A criação deste colégios assinalava o início da rua que tinha como propósito albergar os outros colégios, de diferentes ordens religiosas, depois da Universidade ser instalada¹⁵⁵.

A 17 de Abril de 1535 é mencionada pela primeira vez a intenção de abrir a Rua da Sofia, numa carta de D. João III a Frei Brás de Braga, entregue por Diogo de Castilho. “Nela ficou clara a intenção e o partido topográfico-urbanístico da iniciativa”¹⁵⁶. Para a construção da rua no seu troço inicial procedeu-se à compra e demolição de algumas casas que encerravam o Largo de Sansão

¹⁵⁰ Sobre a reforma imposta de 1527 Cfr. CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 106-107

¹⁵¹ LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 41

¹⁵² Ou Frei Brás de Barros, como é muitas vezes denominado por alguns autores

¹⁵³ LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 41

¹⁵⁴ Sobre este colégios Cfr. CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 149-157

¹⁵⁵ Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 70

¹⁵⁶ ROSSA, W. 2006. “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 19

(atual praça 8 de Maio), e rasgou-se o início da encosta de Montarroio. Entre Setembro de 1536 e Novembro de 1537 foram trocados terrenos e, através da iniciativa de Santa Cruz, foi realizado o “loteamento da frente nascente da rua, prevista para a construção de prédios de rendimento que albergassem lentes, estudantes leigos e todas as actividades de apoio aos estudantes”¹⁵⁷. Em Outubro de 1537 o rei informa Frei Brás de Braga que os estudos seriam feitos em cima, ou seja, seriam construídas escolas na Alta, próximas do paço real, para as quatro faculdades da Universidade, enquanto na Baixa, no Mosteiro de Santa Cruz, iria funcionar “o ensino preparatório das humanidades e das artes (...) estando já em construção o colégio de Todos os Santos”¹⁵⁸. Na Rua da Sofia ficariam os colégios destinados ao ensino e à educação dos membros das ordens religiosas. Estes colégios serviriam como estudo preparatório para o estudo superior da Universidade.

A 20 de Março de 1538 aparece o nome extenso da nova rua, *Rua de Santa Sofia*. O nome surge em contratos feitos para a cedência da construção de casas no lado poente da Rua, já que o lado nascente estava destinado à construção dos colégios. A designação da Rua é óbvia, em grego Sofia significa aquela que detém a sabedoria, e a nova Rua servia o propósito da sabedoria, no entanto não deixa de ser incomum visto que o nome foi “atribuído e não induzido pelo uso, como até então era habitual, o que só reforça a densidade ideológica e normativa da iniciativa”¹⁵⁹. Em 1538 Frei Brás de Braga assinou vários “contratos de aforamento de terrenos com cidadãos e comerciantes dos mais diversos ofícios, no sentido de se levantarem prédios de habitação e comércio ao longo da via” ficando desta forma explícito que a rua não era exclusiva aos colégios¹⁶⁰. Estes contratos de aforamento continham as dimensões dos terrenos e as suas “confrontações, segundo uma fórmula sistematizada”, o que nos permite saber que a rua tinha um comprimento predeterminado e concluir que antes da “fundação do primeiro colégio regular, já a totalidade da frente poente da

¹⁵⁷ LOBO, R. 2006a. “Rua da Sofia: Um campus universitário em linha”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 24. **Nota:** apesar deste relatório estar escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, manteve-se a citação como estava originalmente escrita, no antigo acordo ortográfico.

¹⁵⁸ LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 72

¹⁵⁹ ROSSA, W. 2006. “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 19

¹⁶⁰ Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 73

Rua da Sofia (no comprimento exacto que ela detém hoje) se encontrava aforada para a construção de edifícios civis”¹⁶¹.

Apesar de em 1539 já existirem estudos necessários à instalação dos colégios na rua, estes só são iniciados em 1541. Os primeiros foram o Colégio Cisterciense do Espírito Santo¹⁶² e o de Nossa Senhora da Conceição, entregue depois aos carmelitas calçados, passando a designar-se Colégio do Carmo¹⁶³. Os colégios crúzios, Colégio de Todos-os-Santos e Colégio de São Miguel, projetados em 1535 tiveram a sua construção prolongada ao longo dos anos. Em 1547 quando estes são transformados no Colégio das Artes,¹⁶⁴ o Colégio de São Miguel ainda se encontrava em obras¹⁶⁵.

Em 1544, altura em que D. João III decide juntar as faculdades na Alta, retirando assim os lentes de medicina, de teologia e do ensino preparatório das Artes do Mosteiro Crúzio, todos os colégios¹⁶⁶ da Rua da Sofia estavam fundados,¹⁶⁷ preenchendo toda a frente do lado da encosta. O Colégio de S. Tomás construiu-se no lado oposto, a poente, porque devido a uma alteração dos planos iniciais, o Convento de São Domingos¹⁶⁸ instalou-se na Rua da Sofia para fugir das inundações constantes do Rio Mondego. Como o Colégio de São Tomás pertence à Ordem dos

¹⁶¹ Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, pp. 73-74. **Nota:** apesar deste relatório estar escrito de acordo com o novo acordo ortográfico, manteve-se a citação como estava originalmente escrita, no antigo acordo ortográfico.

¹⁶² Fundado em 1541 pelo Cardeal Infante D. Henrique só teve a sua construção iniciada em 1545. Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, pp. 94-95

¹⁶³ Cfr. LOBO, R. 2006a. “Rua da Sofia: Um campus universitário em linha”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 25

¹⁶⁴ Sobre o Colégio da Artes Cfr. ROSSA, W. 2001. *DiverCidade: Urbanografia do Espaço de Coimbra até ao Estabelecimento Definitivo da Universidade*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, p. 718; Cfr. CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 188-224

¹⁶⁵ Cfr. CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 150

¹⁶⁶ Sobre os colégios Cfr. CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 183-272; Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, pp. 87-109 e 133-188

¹⁶⁷ Cfr. em anexo: Fig. 1

¹⁶⁸ Sobre o Convento de São Domingos Cfr. BORGES, N. C. 1980. *A Capela do Tesoureiro da antiga igreja de São Domingos*. Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro; Cfr. GONÇALVES, A. N. 1982. *A Igreja do Convento de São Domingos na Rua da Sofia*. Coimbra: Imprensa de Coimbra

Dominicanos, procedeu-se à sua instalação do mesmo lado da rua que o Convento, constituindo-se assim um complexo dominicano¹⁶⁹.

Walter Rossa diz-nos que um dos modelos seguidos por D. João III para projetar a sua reforma no ensino foi a Universidade Complutense em Alcalá. O rei baseou-se nos estatutos de Alcalá para implementar os novos estatutos decretados em 1544 e seguiu o modelo de estrutura colegial que originou o planeamento e construção da Rua da Sofia. As Escuelas Menores da Universidade de Salamanca, que começaram a funcionar em 1533, também têm de ser aqui inseridas porque a sua dimensão é semelhante às dos colégios menores¹⁷⁰ da Rua da Sofia¹⁷¹.

Este autor salienta a ação urbanística revolucionária que significou a abertura da Rua da Sofia na cidade de Coimbra, principalmente porque ocorreu numa altura em que a subida do leito do Rio Mondego impunha uma recorrente invasão das margens. A água, ao invadir o Arnado, a única saída norte da cidade, impedia a circulação na Rua Direita. A Rua da Sofia para ser aberta teve de ser nivelada e teve de se proceder à remoção de uma grande quantidade de aterro. A abertura da Rua criou um acesso norte na cidade, onde se edificou “no seu extremo torre e porta com funções aduaneiras e de instauração de quarentenas, a Porta de Santa Margarida”¹⁷². Walter Rossa defende que a Rua da Sofia foi planeada “como um sistema de *ensanche*” que continha o arruamento e o “território urbano necessário à sua conformação pela construção de edifícios que se pretenderam o mais possível regulares e repetitivos”¹⁷³.

Rui Lobo dá-nos outra visão da abertura da Rua da Sofia, uma rua de grandes dimensões, com 200 braças de extensão (440 metros) e 6 braças de largura (13,2 metros), que se configura como um *campus* universitário em linha (como já tinha proposto Alexandre Alves Costa), ligado a Santa Cruz, contendo colégios e casas de apoio aos estudantes¹⁷⁴. O autor defende que o modelo utilizado como referência para projetar a Rua da Sofia foi o modelo urbano da Rue de Sorbonne, uma rua antiga e semiprivada do Colégio de Paris, que é copiado e atualizado na Rua da Sofia, onde são

¹⁶⁹ Cfr. LOBO, R. 2006a. “Rua da Sofia: Um campus universitário em linha”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 25

¹⁷⁰ Sobre as dimensões dos colégios Cfr. ROSSA, W. 2006. “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 20

¹⁷¹ Cfr. ROSSA, W. 2006. “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 22

¹⁷² *Idem*.

¹⁷³ *Idem*.

¹⁷⁴ Cfr. LOBO, R. 2006a. “Rua da Sofia: Um campus universitário em linha”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 25-26

duplicadas as dimensões¹⁷⁵. A rua Parisiense é “ladeada pelas construções do colégio a nascente e por casas urbanas a poente – tal como na Sofia”, tendo portas no seus extremos que a separavam do bairro universitário de Paris, por uma questão de comodidade e segurança¹⁷⁶. A Rua da Sofia tem também, como já vimos, uma porta no seu extremo norte, a Porta de Santa Margarida, o que nos leva a ver um paralelismo com a Rue de Sorbonne. Frei Brás de Braga estudou em Paris, estando “comprovada a influência da organização pedagógica do colégio parisiense na definição das primeiras constituições dos colégios internos crúzios”, pois em 1537 escreve que está a criar os colégios ao modo de Paris¹⁷⁷.

Walter Rossa contesta estes fundamentos, através da sua visão da construção da Rua da Sofia como uma nova saída a norte da cidade e como elemento essencial no crescimento urbano da cidade, como já referimos. Rui Lobo afirma que não existem elementos que comprovem a tentativa de uma ação “urbanizadora da raiz, em *ensanche* – ou seja, em grelha –, montada a partir da rua para poente”, nem existem referências “nos contratos iniciais ao lançamento de novas ruas a partir do troço norte do loteamento”¹⁷⁸.

Apesar destas diferentes visões da construção da Rua da Sofia, ambos os autores reconhecem a sua importância e o seu carácter excepcional. Walter Rossa afirma que a rua mantém o símbolo “urbanístico, cultural e ideológico de uma reforma que determinou a fixação e a refundação moderna para o Mundo da Universidade Portuguesa”¹⁷⁹. Rui Lobo destaca a relevância da Rua para o “estabelecimento de um modelo de instalação física de um programa universitário, em pleno século XVI”, cujo modelo/desenho “remete para as operações programadas de novas ruas monumentais, desenhadas a um impulso, da Europa do Renascimento”¹⁸⁰.

¹⁷⁵ Cfr. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, p. 67

¹⁷⁶ Cfr. LOBO, R. 2006a. “Rua da Sofia: Um campus universitário em linha”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 26

¹⁷⁷ *Idem*.

¹⁷⁸ *Idem*.

¹⁷⁹ ROSSA, W. 2006. “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 23

¹⁸⁰ LOBO, R. 2006a. “Rua da Sofia: Um campus universitário em linha”. In *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 26

Capítulo III – Projeto

3.1. Contextualização

Este projeto surgiu, primeiramente, da necessidade de desenvolver um tema de investigação para o estágio curricular que, devido ao meu envolvimento com o projeto Rede Artéria, teria de incidir sobre a Rua da Sofia, em Coimbra. Partindo dos resultados obtidos da avaliação do espetáculo *Sofia, Meu Amor!* que obtive no decorrer do estágio¹⁸¹ procedi a um período de reflexão sobre o que poderia fazer para dinamizar a Rua da Sofia e o seu Património, não somente enquanto aluna mas também enquanto cidadã. Dessa reflexão¹⁸² resultou este projeto prático, desenvolvido em conjunto com Rute Tavares, que durante todo o período do estágio curricular nos manteve em contacto com a Rua da Sofia, do qual resultou uma forte relação, aprofundada com o decorrer do tempo, com o lado humano da rua, os seus habitantes e comerciantes. Através da experiência obtida no projeto Rede Artéria e no estágio curricular realizado no CES, foi possível a criação do nosso instrumento de trabalho: uma plataforma cultural *online* sobre a Rua da Sofia.

Devido à experiência e resultados obtidos com as entrevistas realizadas durante o estágio a todos os envolvidos, qualquer que fosse a forma, no espetáculo *Sofia, Meu Amor!* do projeto Rede Artéria, conseguimos perceber o funcionamento da Rua da Sofia e os seus problemas. Um dos maiores problemas é o facto de não despertar interesse nas pessoas: porque não a conhecem, embora passem diariamente por ela, a pé, de carro ou autocarro, não param para a observar.

A Rua da Sofia integra o conjunto “Universidade de Coimbra - Alta e Sofia”¹⁸³ inscrito na lista de Património Mundial da UNESCO desde 2013¹⁸⁴. Mas uma elevada percentagem da população de Coimbra não sabe que a Rua é património, e quem sabe, em especial os comerciantes, nem sempre a considera como tal. A rua está abandonada, parada, maltratada¹⁸⁵. Está esquecida pelas pessoas que quase não a frequentam: se o fazem é porque esta é uma via de passagem, um percurso para atingir determinados objetivos como a superfície comercial Pingo Doce¹⁸⁶.

¹⁸¹ Cfr. Capítulo I

¹⁸² Realizada com a minha colega de estágio e mestrado, Rute Tavares, a quem dou o mérito de ter tido a ideia sobre o rumo que este projeto deveria tomar, e agradeço a oportunidade de o termos desenvolvido em conjunto.

¹⁸³ UNIVERSIDADE DE COIMBRA ALTA E SOFIA. (s.d.). *Núcleos*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/nucleos/>.

¹⁸⁴ COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO. (s.d.). *Universidade de Coimbra*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/universidade-de-coimbra>.

¹⁸⁵ Cfr. em anexo: Fig. 2 a Fig. 6.

¹⁸⁶ Cfr. em anexo: Resultados dos Inquéritos [Doc. 3 e Doc. 4].

E, contudo, a Rua é rica em história e monumentos. Precisa de alguém que acredite nela e que esteja disposto a fazer algo para a tirar da invisibilidade em que se encontra. Perante tudo isto, perguntámo-nos o que podíamos fazer pela Rua, para a sua dinamização. A criação da plataforma pode ser parte da resposta, dando às pessoas a oportunidade de conhecer a Rua, nas suas componentes física e humana.

3.2. Recolha de dados

Embora conhecêssemos já alguns problemas da Rua da Sofia, tivemos de realizar trabalho de campo para os experienciar e confirmar. Passámos muitas horas e muitos dias na Rua da Sofia, a olhar para os edifícios, a ver o seu estado de degradação, a conversar com os comerciantes, a observar as pessoas e a sua relação com a Rua. Tínhamos de nos munir de um saber que só a experiência e a vivência podiam dar.

Uma das primeiras tarefas que realizámos foi caminhar por Coimbra, pela Rua Fernão Magalhães, pela Rua da Sofia, pela Baixa e pela zona da Portagem, com o intuito de perceber os possíveis trajetos que os turistas realizam ao chegar a Coimbra, quer viagem de autocarro e cheguem à estação rodoviária, quer viagem de comboio e cheguem à estação ferroviária. Com este trajeto pretendemos observar se havia informação e sinalética espalhada pela cidade sobre a Rua da Sofia. Rapidamente percebemos que não. Contudo, reparámos em alguns lugares onde seria possível colocar, num futuro próximo, alguma informação sobre a Rua para ajudar à sua divulgação¹⁸⁷. Dirigimo-nos ao posto de Turismo da Portagem¹⁸⁸ e ao posto de Turismo da Praça da República¹⁸⁹, na esperança de encontrar informação histórica sobre a Rua da Sofia ou de possíveis eventos culturais programados, mas para nosso espanto nenhum dos funcionários tinha informação ou material para nos fornecer especificamente sobre a Rua, tentando por sua vez orientar-nos para outros locais da cidade. Assim, percebemos que a falta de informação na via pública sobre a Rua da Sofia tem correspondência com os locais de recepção ao habitante/ visitante/turista de Coimbra. Em síntese, não há informação disponível sobre a Rua da Sofia. É uma realidade preocupante e que veio reforçar a oportunidade da nossa plataforma, onde constará uma categoria sobre a história

¹⁸⁷ Cfr. em anexo: Fig. 7 e Fig. 8.

¹⁸⁸ Pertencente à delegação de Coimbra do Turismo do Centro.

¹⁸⁹ Pertencente à Câmara Municipal de Coimbra.

da Rua da Sofia, fornecendo aos visitantes a informação que os serviços municipais e turísticos da cidade não estão a ser capazes de prestar.

Ainda neste âmbito, quisemos ir mais longe e saber se, porventura, a Rua estaria a ser incluída em algum roteiro turístico, sendo alvo de visitas guiadas. Deslocámo-nos até ao balcão do Turismo da Universidade de Coimbra, sediado na Biblioteca Geral, onde existe a maior concentração de turistas. Quem frequenta a alta universitária com regularidade tem perfeita noção desta situação pelos autocarros que chegam constantemente com turistas e pelas filas enormes que fazem para comprar o bilhete para a visita. Perguntámos à funcionária que nos atendeu se havia alguma rota ou visita pela Rua da Sofia, se tinham alguma informação que nos pudesse fornecer. Mais uma vez a resposta foi negativa, remetendo-nos para a visita do sítio em linha do Turismo da Universidade de Coimbra (UC). Nele vemos que se realizam visitas ao Paço Real, à Real Capela de S. Miguel, à Biblioteca Joanina, ao Museu da Ciência, à Torre da Universidade de Coimbra e ao Jardim Botânico¹⁹⁰. Estando a Rua da Sofia incluída no conjunto da “Universidade de Coimbra – Alta e **Sofia**”, faria todo o sentido que estivesse incluída no roteiro das visitas do Turismo da UC, o que não se verifica.

Surpreendida, a primeira justificação possível é a de que para os órgãos de gestão do património da UC só a Alta universitária é efetivamente considerada como tal, o que explicaria que no programa denominado “Coimbra Património Mundial” apenas se inclua a visita ao Paço Real e ao Colégio de Jesus, incluindo a Galeria de Física Experimental e a Galeria de História Natural¹⁹¹. Embora a Sofia esteja presente no nome do conjunto patrimonial da UC, não desempenha qualquer papel e a sua divulgação não se faz em lugar algum.

Na tentativa de perceber melhor o porquê deste esquecimento da Sofia contactámos com Oscar Cumps Ruelle, na sua condição de ex-funcionário do Turismo da UC e atual colaborador da *ViewPoint – Tourism Tours*¹⁹². Explicou que a Rua da Sofia não é gerida pela UC mas pela Câmara Municipal de Coimbra (CMC). Que os guias do Turismo da UC podem até mencionar a Rua mas que nunca se deslocam até lá nos seus percursos. Mencionou também o diferente alcance dos dispositivos de divulgação, da UC e da CMC, o primeiro muito mais sofisticado e de âmbito internacional. Por outro lado, no seu trabalho atual, na *ViewPoint – Tourism Tours* também não

¹⁹⁰ UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). *Turismo*. [online]. [Acedido em: 21/05/2019]. Disponível em: <https://www.uc.pt/turismo/article?key=a-e7f0d91d91>.

¹⁹¹ UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). *Turismo*. [online]. [Acedido em: 21/05/2019]. Disponível em: <https://www.uc.pt/turismo/article?preview=true&key=a-3050516e2d>.

¹⁹² VIEWPOINT TOURISM (s.d.). *Coimbra*. [online]. [Acedido em: 21/05/2019]. Disponível em: <https://www.viewpointourism.com/coimbra-express>.

visita a Rua da Sofia limitando-se a referi-la e explicá-la de forma muito breve a partir da Praça 8 de Maio, ou seja, à entrada da Rua da Sofia, ainda que a visibilidade seja apenas genérica, de uma rua longa e larga. Desse ponto, todos os edifícios permanecem "invisíveis". Apenas percorre a Rua quando, em veículo automóvel, se dirige com os grupos de visitantes para a Alta Universitária. Passar de carro de forma fugaz pela Rua claramente não permite a sua observação e não é de todo suficiente.

Por outro lado, informou que os visitantes apenas perguntam pela Rua da Sofia no sentido de esclarecer a denominação "Alta e Sofia", inquirindo sobre "essa Sofia" que não viram. Alguns turistas americanos sabem da existência da Rua da Sofia por via de Rick Steves, um escritor de livros de viagens, embora não saibam o significado da Rua. É graças a este escritor que vêm tantos americanos para Coimbra, com o seu livro na mão.

Ao grande desconhecimento sobre a história da Rua da Sofia juntou-se, após este contacto, a noção de que ele incide também sobre a sua própria existência. A Rua não é de todo divulgada, nem pela UC, nem pela CMC, nem pelas empresas de animação turística em Coimbra.

Apesar da indicação por parte de Oscar Cumps Ruelle sobre a não inclusão da Rua da Sofia nos roteiros de outras empresas, contactámos Catarina Freire, representante do Centro de Portugal do Sindicato Nacional de Atividade Turística, Tradutores e Intérpretes. Confirmou que não existem visitas de teor turístico rentabilizadas na Rua da Sofia, existindo apenas algumas visitas culturais, pontuais, nomeadamente as realizadas pelo Museu Chiado e pelos Serviços Educativos do Jazz ao Centro, já aqui referidas¹⁹³. Corroborou o atual abandono da Rua e a urgência sentida pelos técnicos de turismo em inverter a situação.

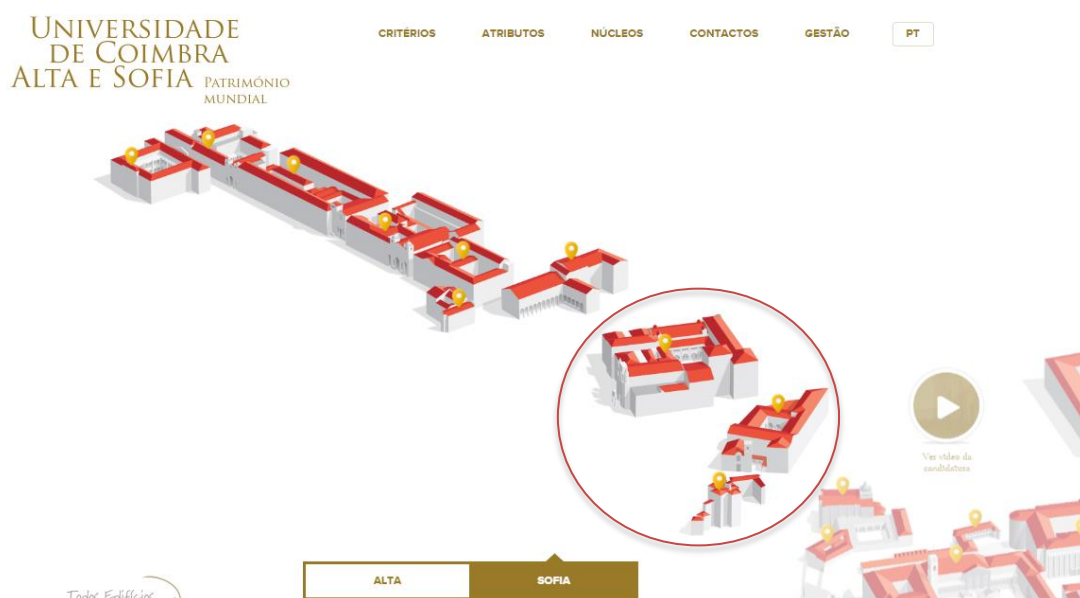
Além destas visitas pontuais à Rua da Sofia, existe um roteiro pelo Património Mundial de Coimbra fornecido pela CMC no seu sítio em linha, disponível para *download*¹⁹⁴, onde estão incluídos os colégios da Rua da Sofia. É uma boa iniciativa mas que levanta alguns problemas, começando pela dificuldade em chegar ao roteiro. Quando entramos no sítio em linha da CMC e clicamos na opção "Visitar" temos de escolher de seguida a opção "Ver e Fazer", aparecendo várias categorias. Este roteiro poderia estar inserido em três delas: "Roteiros Temáticos", "Visitas Guiadas" e "Percurso Turísticos", o que para um visitante mais desatento ou com alguma "pressa"

¹⁹³ Cfr. Capítulo I, subcapítulo 1.3.

¹⁹⁴ CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA. (s.d.). *Coimbra, Património Mundial*. [online]. [Acedido em: 23/07/2019]. Disponível em: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2018/09/patrimoniomundial_brochura_ULTIMO.pdf.

poderá ser confuso, pois clicar na categoria “Visita Guiada” não conduz a qualquer proposta de visita, levando a crer que esta não exista. Esta, encontra-se inserida na categoria “Roteiros Temáticos”, e dentro das nove subcategorias que comporta, naquela que se intitula “Coimbra, Património Mundial”. Ou seja, demasiado confuso: é necessário percorrer vários passos para encontrar o roteiro, o que é claramente desaconselhável em termos de eficácia do *site*. Explorando o seu conteúdo, percebe-se que este é bastante frágil. Dividido em quatro áreas, a informação é demasiado concisa em todas elas. A título de exemplo, na entrada “Rua da Sofia” surge apenas uma única frase referindo como a Rua marca o início da história da UC através da instalação definitiva da Universidade.

Existe um sítio em linha onde podemos consultar informação sobre a Alta Universitária e a Rua da Sofia, o *site* do Património Mundial da Universidade de Coimbra – Alta e Sofia¹⁹⁵. Aqui encontramos informação sobre a candidatura da UC a Património Mundial, os critérios pelos quais foi inscrita na Lista de Património Mundial da UNESCO, os atributos que lhe foram reconhecidos, os quatro núcleos em que a área patrimonial se divide, bem como informação sobre a gestão e os contactos. Se clicarmos na parte designada “Sofia” vemos o mapa da Rua com os vários colégios assinalados, embora o *site* inclua incorretamente o Colégio de S. Agostinho e o Palácio de Sub-Ripas como parte da Rua da Sofia. Também o Mosteiro de Santa Cruz está incluído embora tal possa justificar-se pelo seu papel no início da construção da Rua.



¹⁹⁵ UNIVERSIDADE DE COIMBRA ALTA E SOFIA. (s.d.). *Património Mundial*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/>.

O sítio em linha é uma boa ferramenta para uma visão global do mapa da Rua, permitindo ao visitante carregar em cada colégio e conhecer as suas características artísticas e arquitetónicas, bem como uma linha cronológica, uma proposta de intervenção e uma ficha técnica. Pouco é dito sobre a história de cada colégio, a caracterização está incompleta e falta o conteúdo do que podemos visitar em cada um. Relativamente à informação sobre a Rua da Sofia, esta encontra-se no Núcleo 1, de forma bastante reduzida, incompleta e inclusivamente com erros graves, de que é exemplo a atribuição de 27 colégios:

NÚCLEO 1

FOI NA BAIXA DA CIDADE, NA RUA DA SOFIA. SOFIA, CLARO, DE SABEDORIA QUE A HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA SE ERIGIU A PARTIR DA TRANSFERÊNCIA DEFINITIVA PARA COIMBRA EM 1537.



Foi na Baixa da cidade, na Rua da Sofia. Sofia, claro, de Sabedoria que a história da Universidade de Coimbra se erigiu a partir da transferência definitiva para Coimbra em 1537.

Uma rua que rasgou o medievalismo urbano para se tornar num eixo absolutamente moderno para a sua época. Ao todo, 27 colégios deram vida a esta artéria. Sete deles mantêm-se como testemunhos atuais da história da Universidade.

Esta sábia rua começa na Igreja de Santa Cruz, Panteão Nacional, onde D. Afonso Henriques e D. Sancho I estão sepultados. Aí está também o Café Santa Cruz, Café histórico sem paralelo, carismático onde os Cruzios, deliciosos pastéis conventuais, foram reinventados.

Percebemos rapidamente que este sítio em linha é uma boa ferramenta para alguém que quer apenas visualizar a área patrimonial da UC, saber o mínimo, mas não para um visitante que queira realmente aprofundar o seu conhecimento sobre a Sofia, os colégios e o lado humano da Rua. É precisamente por todos estes elementos que a plataforma resultante deste projeto difere e inova deste sítio em linha da UC. O objetivo é criar uma plataforma dinâmica, sempre em atualização, que sirva de divulgação e que atraia e convide as pessoas a conhecer o seu património material e imaterial.

Toda esta prévia pesquisa remetia para a necessidade de colmatar esta falha na divulgação da Rua e para o potencial do projeto que pretendíamos desenvolver: oferecer um roteiro de espaços a visitar na Rua da Sofia, de forma autónoma ou integrado em visitas guiadas. A maioria da população Coimbrã já passou na Rua da Sofia, a pé ou de carro, mas talvez nunca tenha tido a oportunidade de entrar nos colégios e nas igrejas, por receio, por desconhecimento do que pode fazer, ou simplesmente por desconhecer a sua existência.

3.3. Invisibilidade da Rua da Sofia

Toda a análise realizada e todos os dados recolhidos de forma empírica, corroboraram a grande falta de informação sobre a Rua, a sua pouca ou quase nenhuma divulgação, o seu abandono, a sua invisibilidade. Embora conte com já quase 500 anos e várias centenas de pessoas passem por ela todos os dias, ninguém realmente a vê. Para fundamentar ou refutar este pensamento decidimos ouvir a opinião da população de Coimbra sobre a Rua. Na impossibilidade de falar com as pessoas de forma individual e presencial, decidimos que a melhor forma de as contactar seria através da realização de um questionário *online* realizado através dos formulários google¹⁹⁶. Este questionário foi elaborado com vários tipos de questões, todas sobre a Rua da Sofia, com o objetivo de analisar a forma como a população se relaciona com a Rua, dando-nos assim uma visão mais aprofundada dos problemas da Rua e do que a população gostaria de ver concretizado para os mesmos serem resolvidos. A experiência que tivemos com a aplicação de inquéritos nos espetáculos do projeto Rede Artéria revelou-se essencial para a elaboração deste questionário. Tivemos por base a estrutura desses inquéritos na realização do nosso questionário.

O questionário foi disponibilizado dia 20 de Fevereiro de 2019. Foi partilhado nas redes sociais, através dos nossos perfis pessoais do *Facebook* apelando sempre ao seu preenchimento e partilha. Para alcançar um maior número de pessoas o questionário foi também partilhado em vários grupos no *Facebook*¹⁹⁷. No dia em que o questionário foi disponibilizado teve uma grande adesão a nível de respostas e de partilhas¹⁹⁸. Cláudia Carvalho contactou algumas entidades apelando ao

¹⁹⁶ DOCUMENTOS GOOGLE. (s.d.). *Formulário*. [online]. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSemsO6QfkgOhKWTvtsBDyJp-fKvLv3WBBPiJ60rHH4fH94rA/viewform?fbclid=IwAR06KPLxDXUg9dQ9sZrT1tn7VKxJAgcryFS-zpLfvq9tb3OaEfKM_80GTjo.

¹⁹⁷ Nomeadamente: Câmara Municipal de Coimbra (página não oficial); A nossa baixa de Coimbra... Agora e sempre; e Arte, museus e património

¹⁹⁸ O questionário foi partilhado não só por amigos e conhecidos mas também por pessoas que me são desconhecidas, e pela página do Apoio ao Investimento Turístico, pertencente à delegação de Coimbra do Turismo do Centro

preenchimento e partilha do questionário. Desta forma foi enviado por email o questionário ao Centro de Artes Visuais, à Escola da Noite, ao Jazz ao Centro, à Agência para a Promoção da Baixa, à Associação Comercial e Industrial de Coimbra, à Direção Regional do Centro, ao Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, à Associação Ruas, e ao Tribunal da Relação de Coimbra. Foi também enviado a todos os comerciantes da Rua da Sofia cujos contactos forneceram no âmbito das atividades do Artéria, por sua vez fornecidos por Cláudia Carvalho.

Luísa Trindade contactou com vários professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, havendo assim a possibilidade de apelar ao preenchimento dos questionários em formato físico¹⁹⁹ e de forma presencial a algumas turmas da FLUC, nomeadamente aos alunos de História da Arte, de Jornalismo e Comunicação e de Arqueologia. A escolha da FLUC para a realização de inquéritos e não de outra faculdade justifica-se com o conhecimento que nesta faculdade é lecionado, muito direcionado para as Línguas, para a História, para a Cultura e para o estudo da Arte. Se aplicássemos os inquéritos a um estudante de Medicina ou de Engenharia Informática, provavelmente não saberia responder às perguntas visto não incidirem na sua área de formação. Coloca-se de seguida o questionário:

Doc. 2: Questionário

A Rua da Sofia em Coimbra: a dinamização do património a partir da criação artística. Um caso de estudo.

O presente questionário tem como objetivo recolher informação para a realização de um projeto de Mestrado em Arte e Património, para a obtenção do grau de Mestre pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Este projeto insere-se no estágio curricular no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra no âmbito da Rede Artéria e procura criar uma plataforma cultural online que reúna o máximo de informação sobre a Rua da Sofia.

O seguinte questionário pretende analisar a forma como a população se relaciona com a Rua da Sofia.

Os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos e serão exclusivamente utilizados para fins de investigação.

Agradecemos desde já o seu contributo.

1. Costuma frequentar a Rua da Sofia em Coimbra?

¹⁹⁹ Cfr. Doc. 1

- Sim
- Não

2. Nos últimos 6 meses com que regularidade visitou a Rua da Sofia?

- Nenhuma
- 1-3 vezes
- Mais de 3 vezes
- Diariamente
- Não sabe

3. Porque é que frequenta a Rua da Sofia? (pode assinalar mais do que uma hipótese)

- Serviços
- Comércio
- Habitação
- Motivos religiosos
- Via de passagem para outro destino
- Outros _____ (indicar qual)

4. Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património Mundial?

- Sim
- Não

4.1. Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património?

- Sim
- Não

4.2. Porquê?

_____ (preencher)

5. Numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), avalie as seguintes afirmações. Pode também assinalar as opções *não sabe* ou *não responde*.

	Discordo Totalmente					Concordo Totalmente					NS	NR
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A Rua da Sofia é um elemento muito importante na cidade de Coimbra.	1	2	3	4	5						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O facto da Rua da Sofia ser classificada Património da Humanidade pela UNESCO atrai pessoas que de outra forma não visitariam a Rua.	1	2	3	4	5						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A classificação desta Rua como Património Mundial é uma forma de lhe dar reconhecimento.	1 2 3 4 5	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A Rua da Sofia tem valor histórico independentemente de ser ou não Património Mundial da UNESCO.	1 2 3 4 5	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A passagem de veículos na Rua da Sofia influencia a minha perceção dos edifícios.	1 2 3 4 5	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. Sabe o que significa *Sofia*?

- Sim
 Não

7. Conhece os motivos que levaram à construção desta Rua?

- Sim
 Não

8. A partir de que ano foi construída a Rua da Sofia?

- 1500
 1537
 1553
 1637
 Não sabe

9. A Rua da Sofia alberga vários colégios. Sabe o que é um colégio?

- Sim
 Não

10. A Rua da Sofia tem parte de uma igreja dentro de um centro comercial.

- Verdadeiro
 Falso

11. Quais são os aspetos mais positivos na Rua da Sofia?

_____ (resposta aberta)

12. Quais os aspetos menos positivos na Rua da Sofia?

_____ (resposta aberta)

13. Se esta Rua fosse minha... _____ (completar)

14. Género:

- Masculino
- Feminino
- Outro

15. Idade: _____ (completar)**16. Concelho de residência:** _____ (completar)**17. Habilitações literárias:**

- 1º ciclo do ensino básico
- 2º ciclo do ensino básico
- 3º ciclo do ensino básico
- Ensino secundário
- Ensino superior

18. Qual é a ocupação principal?

- Exerce uma atividade profissional
- Esta desempregado(a)
- Está à procura do 1º emprego
- É reformado(a) ou pensionista
- Estudante
- Trabalhador-estudante
- Outro

19. Se respondeu *Estudante*, indique a sua área de estudo:
_____ (completar)

Procedeu-se ao tratamento e inserção das respostas em Excel e à realização dos respetivos gráficos. Como algumas pessoas responderam ao inquérito físico e outras ao inquérito *online*,²⁰⁰ manteve-se essa separação no tratamento de dados, da qual resultaram dois documentos Word, onde cada pergunta e a respetiva resposta tem um gráfico correspondente. No total 330 pessoas responderam ao inquérito, 104 no formato físico²⁰¹ e 226 em formato *online*²⁰². A partir desses questionários podemos chegar a algumas conclusões sobre a relação que a população de Coimbra tem com a Rua da Sofia²⁰³. Antes disso, porém, interessa especificar que 65,5% das pessoas que responderam

²⁰⁰ Apesar de o questionário ainda se encontrar ativo, foram consideradas as respostas recebidas até ao dia 5/05/2019, data em que se terminou a conceção dos gráficos.

²⁰¹ Cfr. em anexo: Doc. 3

²⁰² Cfr. em anexo: Doc. 4

²⁰³ Para chegar às conclusões usei os resultados obtidos no questionário *online* dado que é uma amostra maior do que o questionário presencial.

ao questionário foram mulheres; que o questionário foi preenchido por várias faixas etárias, com especial destaque para as idades compreendidas entre os 20 e os 40; que 80% tem como habilitação literária o ensino superior e exerce uma atividade profissional; e, finalmente, que parte importante dos estudantes que responderam ao questionário são das áreas da História da Arte e Arqueologia.

Entre eles:

- 79% da população não frequenta com regularidade a Rua da Sofia e quando o faz é como via de passagem para outro destino;
- 16,8% não sabe que a Rua da Sofia é património mundial e 19,9% não a considera como tal;
- quem a considera património é maioritariamente pelo seu valor histórico e arquitetónico e quem não a considera é devido ao seu abandono e degradação;
- a população considera que a Rua é importante para a cidade de Coimbra, que atrai visitantes devido à sua classificação que por sua vez lhe confere reconhecimento e que tem um elevado valor histórico independentemente da sua classificação;
- 20,8% não sabe o que significa Sofia, 46,9% não sabe o motivo da abertura da Rua e 65% não sabe a data do início da sua construção;
- 96,9% sabe o que é um colégio mas 15% desconhece que o Centro Comercial Sofia tem parte de uma igreja no seu interior;
- 23% considera que o aspeto mais positivo da Rua é o seu valor histórico e arquitetónico e 24,7% considera o tráfego automóvel o mais negativo que, por sua vez, interfere na perceção dos edifícios;
- 17,3% considera que se a Rua fosse sua propriedade esta seria recuperada, reabilitada e revitalizada.

3.4. Estrutura da plataforma

A criação da plataforma surge com o objetivo de documentar: documentar a Rua da Sofia, a sua história, o que foi sucedendo ao longo dos séculos, quem lá vive, quem lá viveu, documentar o passado, o presente e o futuro da Rua. Através dela é possível a criação de uma agenda em permanente atualização sobre eventos que acontecem na Rua da Sofia.

A plataforma divide-se em várias categorias:

Quem somos: explicação do surgimento da plataforma, contextualização. Apresentação das criadoras e dos respetivos percursos profissionais;

Arquivo: informação histórica e documental sobre a Rua da Sofia e sobre os colégios (trabalhos académicos, mestrado e doutoramento, artigos científicos, para *download* mediante autorização dos autores), iconográfica (gravuras, desenhos) e fotográfica (fotografias antigas e atuais, gerais e de pormenor);

“Estórias”: realização de entrevistas a comerciantes e trabalhadores da Rua da Sofia, que resultaram em vários textos onde se conta a história dessas pessoas e o que pensam sobre a Rua. Esses textos serão disponibilizados ao visitante;

Notícias: notícias sobre a Rua e sobre os eventos, quando aconteceu, quem participou, etc...;

Visita Guiada: apresentação do conteúdo da visita guiada à Rua da Sofia;

Agenda cultural: partilha do que irá acontecer na Rua a nível de eventos, um dos pontos que parece atualmente mais frágil dado que essa informação raramente é difundida, ou pelo menos a divulgação não é feita de forma eficaz;

Outras ligações: categoria que terá ligações várias a temas, acontecimentos ou práticas que possam ter relação com a Rua.

Definidas as categorias era necessário criar um nome para a plataforma, *Enquanto a Rua Falar* foi o nome selecionado. A escolha foi motivada pelo desejo de divulgar a Rua e a sua história. Além da sua divulgação pretende-se criar uma ligação emocional com os visitantes da plataforma, dando a conhecer quem vive e trabalha na rua, quem lá passa os seus dias, e as suas “estórias”. Queremos difundir e nutrir o lado “humano” da Rua. Consideramos que a Rua da Sofia tem muita história para contar, muito conhecimento para partilhar e, acima de tudo, muita vontade de ser descoberta. Podem-se realizar muitas coisas, as pessoas têm apenas de estar dispostas a parar, a ouvir, e a observar, daí o nome. Enquanto a Rua Falar há esperança, há vida.

Escolhido o nome e querendo começar a materializar e a visualizar os elementos da nossa plataforma procedeu-se à criação do logotipo, não só para estar presente na plataforma como forma de identificação, mas também como possível futura forma de divulgação.

Atualmente é usual vermos (e usarmos) uns saquinhos de pano (*tote bags*) com frases, desenhos ou com o símbolo de alguma marca que gostamos:



Saco de Pano da Comunidade Cultura e Arte. “Quanta cultura cabe neste saco?”, 2018.

Achamos que se tivermos um bom logotipo, simples e minimalista, impresso num desses saquinhos (ou outro material de marketing) as pessoas poderão querer usar e, desta forma, divulgar este trabalho. Para tal solicitámos a Tatiana São, ilustradora formada em Arte e Multimédia, a criação do logotipo, fornecendo-lhe informação sobre a Rua e fotografias. Explicámos-lhe o projeto e as nossas ideias dando-lhe total liberdade criativa. A Tatiana incluiu-nos no processo de criação, dando-nos várias escolhas ao nível da forma. Depois de vários testes chegámos a um resultado final que nos parece cumprir tudo o que pretendíamos.

ENQUANTO
A RUA
FALAR

Com o logótipo realizado começámos a estruturar a nossa visão do que será a página inicial da plataforma:



3.5. Tarefas e atividades

Com as categorias da plataforma definidas pensámos nos conteúdos que queríamos criar e passámos à organização de tarefas. Realizámos várias, umas com mais sucesso que outras. Nem sempre conseguimos fazer tudo aquilo a que nos tínhamos proposto e, por vezes, devido a vários motivos o trabalho/tarefa não aconteceu da maneira desejada.

Cartazes

Um das primeiras tarefas que fizemos foi a pesquisa de fotografias antigas da Rua da Sofia, não só para percebermos a sua evolução mas também para as disponibilizarmos no arquivo. Dirigimo-nos à Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra para este efeito. Decidimos ir para a Rua da Sofia com algumas das fotografias que recolhemos para tirar novas fotografias enquadrando os vários espaços das fotografias antigas nos mesmos espaços na atualidade, para posteriormente realizar cartazes. De seguida apresenta-se um esboço da visão que teremos ao aceder ao arquivo. A informação sobre cada fotografia (autor, data, acontecimento) surgirá sempre que for conhecida, ao clicar sobre a própria fotografia.

ENQUANTO
A RUA
FALAR



Arquivo

Fotografias



Página anterior



Página seguinte



ENQUANTO
A RUA
FALAR



Arquivo

Fotografias



Página
anterior



ENQUANTO
A RUA
FALAR




Arquivo

Fotografias antigas



←
Página
anterior

→
Página
seguinte 

ENQUANTO
A RUA
FALAR



Arquivo

Fotografias antigas



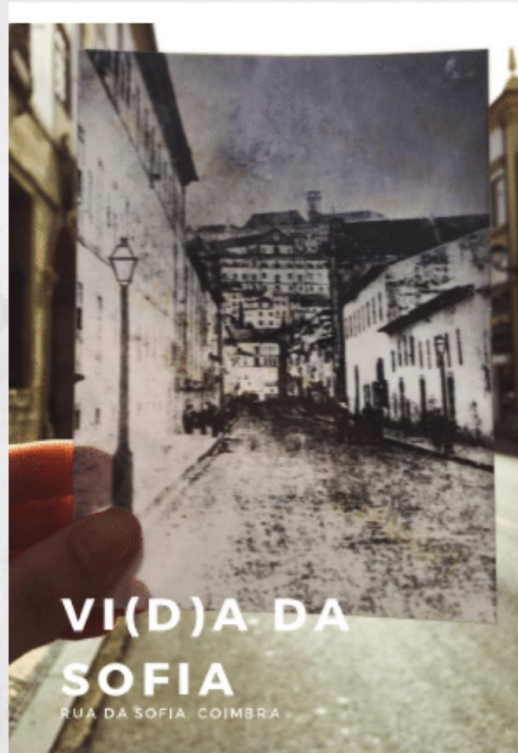
←
Página anterior 

ENQUANTO
A RUA
FALAR



Arquivo

Cartazes



Página anterior



Página seguinte

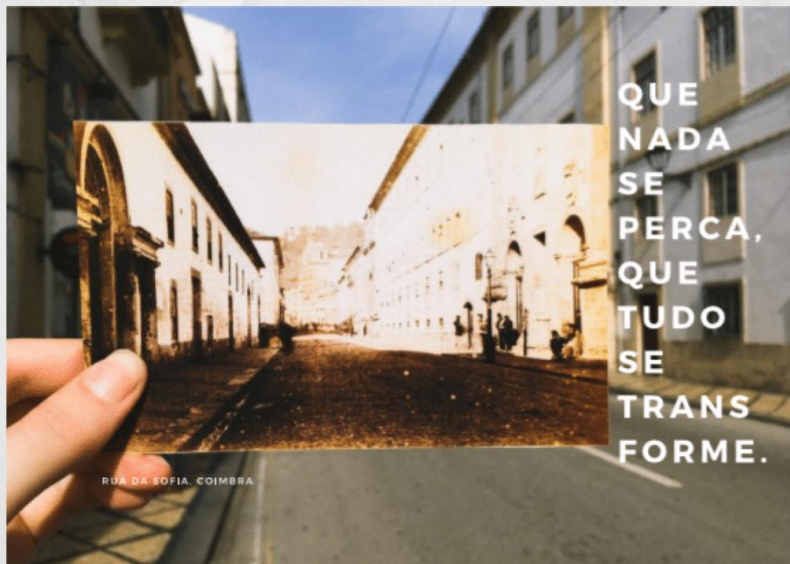


ENQUANTO
A RUA
FALAR



Arquivo

Cartazes



←
Página anterior

Estes cartazes seriam afixados em sítios de passagem, como por exemplo as paragens de autocarro, local onde as pessoas permanecem algum tempo, de forma a chamar a sua atenção. Queríamos que cada indivíduo que olhasse para o cartaz visse as diferenças e ficasse intrigado e motivado a deslocar-se à Rua da Sofia.



Devido a vários imprevistos, na sua maioria decorrentes das condições meteorológicas,²⁰⁴ e a dificuldades logísticas, não nos foi possível afixar os cartazes na Rua como planeado. A título de experiência colocámos alguns na FLUC, experiência fracassada devido à invisibilidade do lugar e à dificuldade de reconhecimento dos espaços retratados.

Mapeamento

A Rua da Sofia tem grandes dimensões e só conseguimos ter perceção do que nela existe se a percorremos em todo o seu comprimento. Mesmo assim podemos não conseguir assimilar todos os edifícios, lojas e serviços existentes. Posto isto mapeámos²⁰⁵ a Rua para ter uma noção da quantidade de lojas abertas e fechadas e da variedade de oferta de serviços e comércio. Também cronometrámos a Rua para ter uma noção aproximada do tempo que uma pessoa demora, a partir da Caixa Geral de Depósitos, a percorrer toda a Rua e a chegar às várias igrejas e colégios. Com estes tempos pretendíamos criar sinalética para colocar na Rua para informar as pessoas não só da existência do património que existe na Rua mas também que embora a Rua seja extensa demoramos apenas 5 minutos a percorrê-la. Só existe uma placa em toda a Rua, na extremidade Sul, a mencionar a igreja do Carmo, da Graça e de Santa Justa²⁰⁶; de resto, a única sinalética presente são *mupies* (Mobiliário Urbano Para Informação),²⁰⁷ à frente de cada igreja/colégio, que apesar do seu tamanho são bastante invisíveis, e a informação que contêm não é de fácil compreensão²⁰⁸ para o visitante comum sem conhecimentos de história da arte ou de arquitetura. Não conseguimos colocar na Rua a sinalética²⁰⁹ mas sabemos que é algo que faz muita falta e na qual é necessário apostar.

Entrevistas

Para a categoria do *Storytelling* foi necessário realizar várias entrevistas aos trabalhadores da Rua da Sofia, com o intuito de conhecer a “estória” destas pessoas, a sua relação com a Rua e o que realmente sabem sobre ela. Para elaborar o guião das entrevistas guiámo-nos um pouco pela estrutura das entrevistas da Rede Artéria, incluindo também questões mais pessoais.

²⁰⁴ Sempre que combinávamos afixar os cartazes chovia, o que impossibilitava não só a sua colocação mas principalmente a observação das reações das pessoas.

²⁰⁵ Cfr. em anexo: Doc. 5

²⁰⁶ Cfr. em anexo: Fig. 9

²⁰⁷ Cfr. em anexo: Fig. 10a e Fig. 10b

²⁰⁸ Principalmente pela linguagem usada, não é uma linguagem inclusiva, é sim uma linguagem para uma elite.

²⁰⁹ Na entrada Sul da Rua da Sofia junto à Caixa Geral de Depósitos. Cfr. em anexo: Fig. 11

Algumas perguntas eram de resposta direta (inquérito fechado) e outras de resposta aberta para dar ao entrevistado a possibilidade de incluir comentários.

Doc. 6: Guião das entrevistas

1. Tem conhecimento que a Rua da Sofia é classificada Património Mundial pela UNESCO?

1.1 Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património? Porquê?

2. Sabe o que significa *Sofia*?

3. Conhece os motivos que levaram à construção desta Rua?

4. Sabe o que é um colégio e quais são as suas funções?

5. O que é que esta Rua tem de belo?

6. Fale-nos do seu percurso na Rua da Sofia.

7. Que episódio ocorrido nesta Rua o/a marcou mais?

8. O que é que aprendeu ao observar a Rua da Sofia?

9. Se pudesse fazer o que quisesse na Rua da Sofia, o que seria?

10. Quais foram as maiores mudanças na Rua da Sofia? Que mudanças estão por fazer?

11. Quais são os maiores problemas que a Rua da Sofia enfrenta?

12. Como imagina o futuro desta Rua?

13. Quem foram ou quem são as pessoas mais marcantes desta Rua?

14. Se esta Rua fosse um filme, que título teria?

Não podendo entrevistar todos fizemos uma seleção com base nos seguintes critérios: quem trabalhasse há muito na Rua da Sofia por forma a poder relatar as mudanças ocorridas; pessoas mais idosas pela sua experiência de vida e pessoas cujo trabalho seja importante para a dinamização da Rua.

A escolha recaiu sobre 5 pessoas²¹⁰:

- a Dona Aguilalda Simões (Dona Guida) ²¹¹ proprietária do Café Sofia, pela sua energia invulgar, dando os bons dias e 5 minutos de conversa a todos quantos entram no café, pelo conjunto de eventos e animação que consegue criar no café e Rua;
- o Sr. Alídio Mendes²¹² da Retrosaria Mendes, à frente do seu estabelecimento há quase 50 anos;
- a Dona Alice Abreu,²¹³ auxiliar de serviço social do Lar da Ordem Terceira, há 30 anos;
- o Professor Adelino Marques,²¹⁴ homem cultíssimo com 87 anos, que trabalhou toda a sua vida na Rua da Sofia e desde a década de 60 ligado à Venerável Ordem Terceira de São Francisco, tendo ocupado o cargo de ministro da Ordem até 2016;
- o Tenente-Coronel João Paulino,²¹⁵ que trabalha na Rua há cerca de 5 anos, desde que assumiu o cargo de Presidente do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes.

As entrevistas foram realizadas no local de trabalho de cada pessoa e foi gravado o registo vídeo e áudio com a autorização dos entrevistados. A Rute ficou encarregue da filmagem e eu da “condução” da entrevista.

²¹⁰ Inicialmente escolhemos 7 pessoas, mas a duas delas não foi possível realizar a entrevista porque estavam constantemente a esquecer-se da entrevista, e embora remarcando algumas vezes, decidimos que não as iríamos entrevistar.

²¹¹ Cfr. em anexo: Doc. 7

²¹² Cfr. em anexo: Doc. 8

²¹³ Cfr. em anexo: Doc. 9

²¹⁴ Cfr. em anexo: Doc. 10

²¹⁵ Cfr. em anexo: Doc. 11

ENQUANTO
A RUA
FALAR

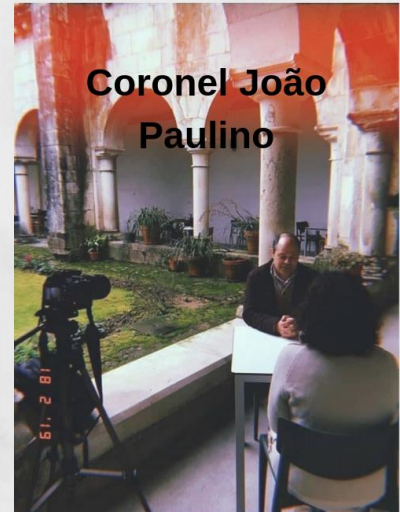
"Estórias"



Dona Guida



Dona Alice



Coronel João
Paulino



Professor Adelino



Sr. Mendes



Página
inicial

ENQUANTO
A RUA
FALAR

"Estórias"



Dona Aguilalda Simões, Café Sofia

"Gostava de ver na Rua pessoas, crianças e carrinhos de bebé, gostava que existissem parques infantis, e espaços agradáveis onde as pessoas pudessem passear, principalmente à noite.

Diz-nos que já não pede árvores, mas gostava pelo menos de ter os passeios mais largos, paragens de autocarro, ou de elétrico, gostava de recuperar as coisas boas que a Rua já teve." [ver mais]

Dona Alice Abreu, Lar da Ordem Terceira de São Francisco

"Considera D. João III a personalidade mais importante da rua pela mente aberta que teve para construir uma rua tão imponente, de objetivos tão educacionais. Sonha que se faça jus a esta obra urbana do século XVI, projetando o futuro da rua para um ambiente luminoso, cheio de turistas, igrejas abertas e comércio atrativo." [ver mais]



Tenente - Coronel João Paulino, Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes

"Face ao futuro da Rua, João Paulino, que se considera um homem positivo, projeta uma grande vontade de tornar a Rua da Sofia a mais importante de Coimbra, pois o seu carinho pelo espaço começa com a grande admiração que tem pelo seu criador D. João III, segue-se pela paixão na sua missão de tornar a rua um exemplo para o resto da Europa e desagua na vontade de continuar com este principio." [ver mais]



Página
anterior



Página
seguinte



ENQUANTO
A RUA
FALAR**"Estórias"****Professor Adelino Marques, Lar da Ordem Terceira de São Francisco**

"Revela-nos, com saudade, que antigamente no cortejo da queima das fitas, das janelas das casas da Rua Visconde da Luz e da Rua Ferreira Borges, os habitantes saudavam os amigos e os estudantes, e nas procissões religiosas todas as sacadas se enchiam de colchas, hoje não vemos nada, só janelas e casas fechadas. Para ele a cidade é um repositório de recordações."

[ver mais]

**Sr. Alídio Pereira, Retrosaria Mendes**

"A Retrosaria Mendes é uma das lojas mais antigas da Rua da Sofia, com quase cinquenta anos de idade.

Durante este tempo, o Sr. Mendes assistiu a várias mudanças na rua, no comércio e nas pessoas.

O tipo de cliente mais frequente que entra na retrosaria são os da casa, os que até têm direito a um banco para se sentarem e conversarem, enquanto escolhem mais um baby-grow para o bisneto." [ver mais]



Página
anterior

Das entrevistas podemos perceber que os comerciantes e trabalhadores sabem de forma geral a história da Rua da Sofia, sabem que é património mas nem todos a consideram como tal, principalmente porque a sua classificação não trouxe benefícios nem dinamização²¹⁶ (praticamente nada mudou na Rua), mas percebemos sobretudo que têm um grande carinho pela Rua e que gostavam de a ver reabilitada e estimada. As suas “estórias” de vida são uma inspiração e o carinho que têm pela Rua, bem como a sua dedicação, deixaram-nos com o desejo de criar um elo estreito entre eles e os habitantes de Coimbra, partilhando o lado humano da Rua. Por considerarmos que estas pessoas deviam ter mais visibilidade do que a que atualmente têm, achamos que poderiam futuramente ser montados dispositivos de exibição ao longo da Rua da Sofia que mostrassem os rostos destes trabalhadores e comerciantes. À semelhança do que já foi feito em Sesimbra,²¹⁷ poderia expor-se fotografias de grande formato – retratos psicológicos – atuais ou do tempo em que começaram a trabalhar na Rua da Sofia:



Visita Guiada

Ao longo dos 6 meses do estágio aprofundámos o nosso conhecimento sobre a Rua e sobre os seus colégios, passámos muitas horas a percorrer os seus edifícios, participámos em visitas guiadas²¹⁸ para perceber que tipo de percurso era feito, entrámos nos colégios, andámos pelos seus claustros, fizemos contactos com as pessoas que utilizam estes espaços, o que nos levou a conhecer a Rua da Sofia de maneira aprofundada, mas também a criar uma ligação especial com todas estas pessoas. Em conversa com vários amigos e conhecidos percebemos que grande parte deles nunca visitou a Rua com o intuito de abrandar o passo e observar o que esta alberga; desconhecem a

²¹⁶ Cfr. em anexo: Doc. 12

²¹⁷ BALCÃO ÚNICO DE SERVIÇOS. (s.d.). *Exposição Pescadores de Sesimbra*. [online]. [Acedido em 24/07/2019]. Disponível em: https://www.sesimbra.pt/pages/1836?news_id=6613.

²¹⁸ Cfr. Capítulo I, subcapítulo 1.3

história da Rua, razão pela qual não são capazes de lhe atribuir o devido valor; não sabem que nela existem vários colégios, muito menos que podem entrar nestes espaços, e não sabem os tesouros escondidos por detrás destas fachadas. Por estas razões, e por todas as já mencionadas anteriormente, é necessário propor uma Rota para a Rua da Sofia.

A maioria dos edifícios da Rua da Sofia não são públicos, pertencem a privados, o que é, à partida, um obstáculo à sua visita. É o caso do Colégio do Espírito Santo²¹⁹ (onde no piso térreo existem estabelecimentos e nos pisos superiores habitações), pertencente ao Sr. Portela, e do Colégio de S. Pedro²²⁰ (atual Casa de Saúde Coimbra) pertencente à Fundação Sophia. De todos os colégios da Rua estes são, sem dúvida, os de mais difícil acesso, embora não seja algo impossível: no claustro do Colégio de São Pedro entrámos durante uma visita promovida pelo Museu Municipal de Coimbra; no claustro do Colégio do Espírito Santo, embora não aberto ao público em geral o acesso pode fazer-se pelas suas traseiras, ou seja, pela cerca de São Bernardo. O único Colégio onde a entrada não é de todo possível é o de São Boaventura,²²¹ hoje transformado numa retrosaria e muito descaracterizado. Também não podemos entrar na Igreja de São Pedro²²² nem na Igreja do Carmo²²³ visto que se encontram fechadas. No colégio da Graça, na parte pertencente ao CES²²⁴ onde se encontra o Centro de Documentação 25 de Abril (nos antigos dormitórios), o acesso poderá ser restrito ou limitado. De resto, conseguimos entrar sem problemas no Colégio de São Tomás²²⁵ (atual Tribunal da Relação de Coimbra) e visitar o claustro²²⁶, observando os painéis de azulejos²²⁷; no Colégio da Graça, pertencente ao Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes,²²⁸ existe um agradável bar no claustro²²⁹; no Convento de São Domingos²³⁰ (atual Centro Comercial Sofia) podemos observar o que resta da cabeceira da igreja, nomeadamente a capela de Jesus²³¹; na Igreja da Graça²³², ainda aberta ao culto; e no Colégio do Carmo²³³ (atual Lar da Ordem Terceira) que

²¹⁹ Cfr. em anexo: Fig. 12

²²⁰ Cfr. em anexo: Fig. 13

²²¹ Cfr. em anexo: Fig. 14

²²² Cfr. em anexo: Fig. 5

²²³ Cfr. em anexo: Fig. 15

²²⁴ Cfr. em anexo: Fig. 16

²²⁵ Cfr. em anexo: Fig. 17

²²⁶ Cfr. em anexo: Fig. 18

²²⁷ Cfr. em anexo: Fig. 19

²²⁸ Cfr. em anexo: Fig. 20

²²⁹ Cfr. em anexo: Fig. 21

²³⁰ Cfr. em anexo: Fig. 22

²³¹ Cfr. em anexo: Fig. 23

²³² Cfr. em anexo: Fig. 24

²³³ Cfr. em anexo: Fig. 15

abre as suas portas para visitas, desde que devidamente agendadas, aos dois pisos do Claustro²³⁴ e também ao quintal²³⁵.

Visita Guiada à Rua da Sofia

Duração: cerca de 90 minutos

Preço: 5€

Nesta fase ainda não sabemos como se desenvolverá na prática a visita, se será guiada por nós, por uma empresa de animação turística ou se será realizada através de um áudio guia ou de panfletos/roteiros que dão autonomia ao visitante. Por ainda não sabermos estes detalhes, focamos no conteúdo, que é comum a todos os tipos de visita. A visita poderá ter formatos (extensão, conteúdo, acessibilidades) diferentes dependendo da tipologia do grupo.



²³⁴ Cfr. em anexo: Fig. 25

²³⁵ Cfr. em anexo: Fig. 26

Ponto de encontro: Largo de Sansão – Praça 8 de Maio.

Razões da escolha: zona turística movimentada e de fácil acesso. É um espaço que comunica visualmente com todos os pontos essenciais à visita: Mosteiro de Santa Cruz e Rua da Sofia.

Conteúdo:

- Alta e Sofia, a inscrição de Coimbra na Lista do Património Mundial da Humanidade;
- Este espaço no início do século XVI: um contexto (da travessia da ponte à Rua Direita – um percurso pela Rua da Calçada com passagem obrigatória frente ao Mosteiro de Santa Cruz).

Tempo: 10 minutos.



1ª paragem: Café Santa Cruz

Razões da escolha: espaço patrimonial (antiga igreja que passa despercebida) com dimensões para receber os visitantes e permitir uma explicação oral eficaz em termos auditivos. Cumpre ainda outro objetivo considerado essencial: a procura de sinergias entre este investimento e o comércio local dando a conhecer as dinâmicas atuais (pastéis crúzios, por exemplo).

Conteúdo:

- Questões sobre o património na atualidade – caso de Coimbra;
- Um património duplamente ativo: reconhecimento e reutilização;

- O que era Coimbra antes da Universidade, e como a decisão de D. João III afetou o desenvolvimento da cidade em torno dos estudos;
- Lisboa – Coimbra – Lisboa – Coimbra: o vaivém medieval;
- O porquê da escolha definitiva de Coimbra: a cidade pacata que possibilitava um ambiente propício para a concentração nos estudos;
- O Mosteiro de Santa Cruz como motor de arranque da Universidade em Coimbra. A figura de Frei Brás de Barros.

Tempo: 15 minutos.

Sugestão: O Café Santa Cruz pode ter um conteúdo audiovisual que sirva de introdução para a visita guiada, sobre o que era Coimbra antes da Universidade.

Informação para uma visita mais completa:

Visitas à Igreja e Claustro de Santa Cruz:

2ª a Sábado: 9:30h às 16:30h

Domingo: 13h às 17h

Preço de bilhete: 3€ (grátis para ≤ 8 anos)

Visita ao Jardim da Manga: acesso livre permanente



2ª paragem: Início da Rua da Sofia, de frente para o edifício da Caixa Geral de Depósitos.

Razões da escolha: zona que permite olhar a Rua da Sofia numa perspetiva linear. Consegue-se deste modo perspetivar o comprimento e largura bem como o carácter retilíneo, invulgar à época.

Conteúdo:

- Características da largura e comprimento da rua, que eram invulgares para a época da sua construção (século XVI);
- A nova saída da cidade;
- Explicação das suas funções – o lado poente e o lado nascente: colégios e habitação;
- A Rua da Sofia na atualidade e a dificuldade em perceber a sua tipologia original.

Tempo: 7 minutos.

Sugestão: Neste local deverá existir um *mupie* com informação simples, sempre com o objetivo de promover a visibilidade da Rua. Propõe-se uma vista aérea onde a arquitetura dos colégios é facilmente explicitada (sequência de igrejas e claustros e respetiva geometria).





3ª paragem: Antigo Colégio das Artes, atual Centro de Artes Visuais

Razões da escolha: Espaço que albergou os primeiros colégios construídos no contexto da chegada da Universidade a Coimbra (Colégio de Todos os Santos e Colégio de São Miguel). Local tranquilo, onde pode ser feita uma explicação detalhada. Esta escolha implica não entrar desde o primeiro momento na Rua da Sofia. Tal não é, todavia, um problema, pelo contrário: permite explicar o início de todo o processo de construção; dá a conhecer um local esquecido e de grande potencial turístico (CAV, parte do claustro do edifício fronteiro, no canto nordeste do pátio, perceção do que eram as cercas dos Colégios e restauração com esplanada). Atingir-se-á a Rua da Sofia através da descida pela Azinhaga do Carmo.

Conteúdo:

- O Renascimento e o Humanismo em Coimbra;
- Os estudos e a vinda de importantes intelectuais que modernizaram o ensino, o exemplo de André de Gouveia;
- Referência aos diferentes usos que o edifício foi recebendo: da Inquisição ao Centro de Artes Visuais e ao Teatro da Cerca de São Bernardo.

- Jardim da Cerca: explicação do conceito de Colégio (funções com especial atenção à cerca, autossustentabilidade e cultivo).
- Informação para uma visita mais completa:
 - CENTRO DE ARTES VISUAIS. (s.d.). *Exposições Patentes*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: http://cav-ef.net/cav_exposicoes_exposicoes%20patentes.htm.
 - A ESCOLA DA NOITE. (s.d.). *Início*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: <http://weblog.aescoladanoite.pt/>.

Tempo: 10 minutos.



4ª paragem: “Espreitar” o Claustro do Colégio do Espírito Santo

Razões da escolha: a rota tem um sentido crítico, não pretende branquear o que é o património atualmente. O que não se quer ver/ não se devia ver.

Conteúdo:

- Questões de propriedade e problemas de conservação do património.

Tempo: 5 minutos.



5ª paragem: Azinhaga do Carmo

Razões da escolha: Integra o percurso entre o Antigo Colégio das Artes e a Rua da Sofia.

Conteúdo:

- *Loggia* – espaço de estudo, de lazer, de leitura e para apreciar a paisagem;
- Falar da *loggia* do Colégio da Trindade que desapareceu;
- Despertar a atitude de descobrir elementos arquitetónicos, postura que assumimos perante o património: olhar para cima; alertar para o cata-vento do anjo; apurar os sentidos;
- Elucidar sobre os vários elementos exteriores da arquitetura do colégio; encontrar semelhanças com outros e diferenças.

Tempo: 5 minutos.

Nota: O choque de desembocar numa Rua cheia de trânsito.



6ª paragem: Colégio de São Boaventura

Razões da escolha: O atravessamento da Rua fornece um exemplo de um colégio profundamente transformado, à semelhança do Colégio do Espírito Santo que sofreu grandes alterações. Por outro lado dá-nos a perspetiva dos Colégios fronteiros organizados em linha: Colégio do Espírito Santo, Colégio do Carmo, Colégio da Graça e Colégio de São Pedro.

Conteúdo:

- Explicar as várias transformações da Rua ao longo dos séculos;
- Explicar a extinção das ordens religiosas em 1834 e venda do património, que levou à atual detenção da propriedade privada e pública dos colégios;
- Remeter novamente para as várias funções dos edifícios deste lado da Rua.

Tempo: 5 minutos.



7ª paragem: Convento de São Domingos

Razões da escolha: Este lado da Rua, inicialmente destinado apenas a habitação de professores e funcionários, cedo incorporou outras instituições, caso do Convento de São Domingos fugido das águas do Rio Mondego. A maldição de um património: descaracterização, transladação e desclassificação.

Conteúdo:

- O Rio e as águas na história de Coimbra, o motivo da mudança do original Convento de São Domingos para a Rua da Sofia;
- Descaracterização do espaço, transladação da Capela do Tesoureiro para o Museu Nacional Machado de Castro, manutenção da capela lateral de Jesus e a recente desclassificação como património nacional;
- Visita à Capela de Jesus e visão crítica sobre o contexto envolvente;
- Várias funções do património: estação de camionagem, escritórios, centro comercial.

Sugestão: Ecrã táctil no antigo Convento de São Domingos com informação sobre a Rua da Sofia. Estando a Capela de Jesus atualmente para arrendar considera-se uma altura estratégica para que a Câmara Municipal de Coimbra tome conta do espaço. Caso tal se realizasse a Capela poderia incorporar uma mesa interativa ou de forma mais simples cartazes expositivos com fotografias antigas das várias utilizações do espaço. Caso tal não se verifique propõe-se que esta explicação seja dada à porta da Capela.



- Hiperligação para o Museu Nacional Machado de Castro – Capela do Tesoureiro:
- MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO. (s.d.). *Museu*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: <http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/museu/ContentDetail.aspx?id=629>.

Tempo: 10 minutos.



8ª paragem: Igreja da Graça

Razões da escolha: única igreja da Rua da Sofia que se encontra aberta ao público diariamente. Por outro lado constitui um excelente exemplo da arquitetura religiosa da Contra Reforma.

Conteúdo:

- Explicar como era a vida num colégio;
- Caracterização da arquitetura da igreja da Contra Reforma;

- Igreja salão onde visibilidade e audição são particularmente ativadas pelo partido arquitetónico.

Tempo: 10 minutos.



9ª paragem: Colégio da Graça

Razões da escolha: colégio cujo acesso ao claustro é garantido sem restrições, e de todos da Rua da Sofia é o que se mantém mais fiel à construção original. É um lugar público que pertence ao Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes.

Conteúdo:

- Aprofundar a definição de colégio, caracterizando a vida dos colegiais, como era a sua rotina e vivências;
- Semelhanças com outros colégios;
- Arquitetura do Claustro e suas funções;
- Contraste do barulho da Rua com o silêncio que se encontra nestes espaços;

- Articular com as *loggias*, pois o claustro é o coração do colégio, com múltiplas funções, práticas e de lazer;
- Atualmente é um espaço que oferece serviço de restauração, cujo proprietário é particularmente aberto a sinergias e dinâmicas culturais.

Tempo: 10 minutos.



10ª paragem: Colégio de São Pedro

Razões da escolha: colégio de propriedade privada. O seu espaço foi modificado consoante as várias funções e apresenta graves falhas de conservação, principalmente a igreja.

Conteúdo:

- Alertar para a degradação do património, especialmente da igreja;
- Causas da deterioração: dejetos de pombos e poluição.

Tempo: 5 minutos.



11ª paragem: Colégio de São Tomás, atual Tribunal da Comarca de Coimbra

Razões da escolha: caso que contrasta com o colégio anterior. Além de ter sofrido profundas alterações, é o colégio que está em melhor estado de conservação. A entrada é garantida, visto tratar-se de um edifício público.

Conteúdo:

- Falar sobre as boas práticas patrimoniais;
- Explicar as várias transformações do colégio, transladação dos portais para o Museu Nacional Machado de Castro;
- Explicar brevemente a história dos azulejos do claustro;
- Dinamismo da atual presidência do Tribunal relativamente a atividades culturais destinadas a diferentes públicos.

Tempo: 5 minutos.

Sugestão: Exposição sob a forma de cartazes que explicitassem as transformações ocorridas no edifício – de Colégio a Palácio do Conde do Ameal, até às atuais funções de Tribunal.



12ª paragem: Café Sofia

Razão da escolha: espaço comercial inserido no Colégio do Espírito Santo, explorado por Aguilinda Simões, acérrima defensora da Rua, que proporciona um bom ambiente para finalizar a visita. O visitante poderá comer, beber e conversar, em ambiente descontraído. Espaço pequeno e caloroso, onde diariamente são levados ao forno vários bolos e onde todos são tratados de forma especial pois é dada atenção e um sorriso amigo a quem entra neste café.

Conteúdo:

- Degustação de doces típicos de Coimbra, como por exemplo o bolo de Ançã;
- Contacto com o lado humano da Rua da Sofia, neste caso com os seus comerciantes.

Tempo: indeterminado.

Orçamento da plataforma

Apesar de sabermos a estrutura e o design que queremos para a plataforma (tendo já esboços da mesma), de termos os conteúdos e muita vontade de a colocar *online*, tal não é possível por uma questão financeira. Contactámos Emerson Nunes, engenheiro informático, explicando-lhe o trabalho que queríamos. Informou-nos que o preço da plataforma rondaria os 650€, quantia que

neste fase inicial não é viável. Apesar de sabermos desde o início que, no âmbito do estágio, a natureza da plataforma seria essencialmente teórica, aproveitámos as oportunidades que surgiram para obter financiamento, quanto mais não fosse como experiência para o futuro. Para tal apresentámos candidatura ao prémio José Manuel Alves, da 4ª edição do Concurso de Empreendedorismo Turístico, e ao programa NEWTON (*New Tourism Opportunities Network*), programa de aceleração promovido pela Rede de Incubadoras de Empresas da Região Centro, com o apoio do Turismo de Portugal. Ambas não foram bem-sucedidas.

Realização de visita guiadas

Pensar a plataforma passou por pôr em prática algumas ideias. Experimentar foi essencial para decidir e optar pelo formato final. Assim, aproveitando as oportunidades que foram surgindo, planeámos ações com crianças, realizando visitas guiadas; com adultos, desenhando uma feira da Primavera no claustro do Colégio da Graça; e com séniores, desenvolvendo atividades com os residentes do Lar da Ordem Terceira. Infelizmente apenas a primeira foi efetivamente levada a cabo.

Dia 13 de Março de 2019 realizámos uma visita guiada pela Rua da Sofia às crianças do Centro Cultural e Social 25 de Abril (infantário), nomeadamente às 17 crianças da Sala Azul, com 5 anos. Já tínhamos anteriormente realizado uma visita a crianças, mas com idades compreendidas entre os 6 e 13 anos. Com esta idade revelou-se para nós um desafio no sentido que tivemos de adaptar e simplificar a linguagem, tivemos de adaptar o conteúdo, não podemos dar demasiados detalhes nem muita informação, porque as crianças não vão reter e distraem-se com facilidade. Optámos por chamar a atenção para aspetos visuais e sensoriais, dando-lhes oportunidade de nos colocarem questões sempre que quisessem, de forma a estimular o diálogo e a compreendermos o foco da sua atenção. A visita não podia ser muito longa, tinha de durar no máximo 2h. Como tal, chegámos mais cedo ao infantário para elas conversarem connosco e se habituarem à nossa presença, deixando-as mais confortáveis. Explicámos o porquê de estarmos ali, e pedimos para estarem muito atentas durante toda a visita porque no final teriam de desenhar algo que vissem na Rua e que lhes tivessem despertado a atenção. Depois desta conversa inicial saímos da sala. Descemos para a entrada do Colégio do Espírito Santo, onde, sentados na escadaria, tentámos explicar a importância da Rua e porque foram construídos os colégios, bem como levá-los a observar os azulejos que ali estão, pelos quais passam diariamente e talvez não reparam. Fomos à Igreja da

Graça²³⁶ e ao claustro do Colégio da Graça,²³⁷ dirigindo-nos depois ao jardim da Cerca de São Bernardo, onde se sentaram e comeram o lanche que lhes levámos²³⁸. De seguida voltámos para a sala no infantário e pedimos para desenharem o que mais gostaram de ver na Rua da Sofia²³⁹.

Pesquisa de boas práticas

Ao longo da realização do projeto foi importante pesquisar sobre boas práticas de preservação e divulgação do património que pudessem ser aplicadas na Rua da Sofia. Em Leiria chamou-me a atenção o Centro de Diálogo Intercultural,²⁴⁰ instalado na Casa dos Pintores²⁴¹, edifício medieval. Esta casa, juntamente com a Igreja da Misericórdia,²⁴² tem no seu interior vários núcleos expositivos onde se pretende dar visibilidade à história da urbe, dos seus habitantes e das suas trocas culturais. Tendo realizado a Rota da Judiaria de Leiria, onde este Centro se inclui, pude perceber o quanto é fundamental para a perceção e divulgação do património cultural da cidade. Com as devidas adaptações pode constituir um exemplo de boa prática para Coimbra e especificamente para a Rua da Sofia. Comprovámos que o município de Leiria faz uma forte aposta na divulgação do seu património: por toda a cidade, com mais incidência na zona histórica, encontramos informações e/ou sinalética²⁴³ que nos guia até pontos de interesse. A revitalização desta zona passa também pela arte urbana,²⁴⁴ promovendo a criação artística e atraindo novos públicos, com destaque para os mais jovens.

Contactos com profissionais de áreas afins

Durante a realização do projeto percebemos que era necessário expormos o nosso trabalho a pessoas da área do património, da arquitetura e do turismo por forma a recolhermos a sua opinião, sugestões e até esclarecimentos.

Começámos por reunir no dia 26 de Fevereiro de 2019 no Turismo do Centro – delegação de Coimbra, com Gonçalo Gomes, chefe do núcleo de apoio do investimento turístico, a quem explicámos o nosso projeto com a esperança de conseguir alguma forma de parceria.

²³⁶ Cfr. em anexo: Fig. 28

²³⁷ Cfr. em anexo: Fig. 29

²³⁸ Cfr. em anexo: Fig. 30

²³⁹ Cfr. em anexo: Fig. 31

²⁴⁰ VISITE LEIRIA. (s.d.). *Centro de Diálogo Intercultural de Leiria* [online]. [Acedido em: 27/05/2019]. Disponível em: <https://www.visiteleiria.pt/pontos-de-interesse/patrimonio-cultural/centro-de-dialogo-intercultural-de-leiria/>.

²⁴¹ Cfr. em anexo: Fig. 32 e Fig. 33

²⁴² Cfr. em anexo: Fig. 34

²⁴³ Cfr. em anexo: Fig. 35 a Fig. 37

²⁴⁴ Cfr. em anexo: Fig. 38 a Fig. 41

Ele achou que era algo inovador e necessário, admitindo que a Rua da Sofia está esquecida não só pela CMC mas pelo próprio Turismo do Centro que não tem rotas turísticas para a Rua da Sofia. Aconselhou-nos a alargar o nosso foco de trabalho por mais partes de Coimbra e a abrir uma empresa de animação turística para comercializar visitas guiadas à Rua da Sofia. Explicámos que neste momento o nosso foco era unicamente a divulgação e dinamização da Rua da Sofia não querendo reduzir o projeto apenas à abertura de atividade com a criação de uma empresa desse teor. Como queremos divulgar a Rua da Sofia e também o projeto, apesar deste se encontrar ainda numa fase teórica, aconselhou-nos a reunir com Victor Melo, responsável pelas rubricas de reportagem do Turismo do Centro onde relatam histórias de empreendedorismo. Reunimos dia 8 de Abril de 2019 no Café Sofia, explicando como surgiu este projeto, em que consiste, o que já foi feito, e os resultados que gostaríamos de obter. A entrevista, transformada depois em reportagem, foi publicada dia 2 de Julho de 2019 no sítio em linha do apoio ao investimento turístico do Turismo do Centro²⁴⁵.

Na sequência dessa reportagem Filomena Dias, da Divisão de Cultura e Turismo da CMC, entrou em contacto connosco e reunimos dia 9 de Julho de 2019 para falar sobre o projeto. Disse-nos que a CMC ficou bastante interessada no projeto que estamos a desenvolver e que depois da sua defesa teria todo o gosto em voltar a reunir connosco para vermos como podemos colocar algumas das ideias deste projeto em prática.

Ponderámos numa fase inicial a possibilidade de ter um centro de interpretação da Rua da Sofia inserido na antiga Igreja de Santa Justa, no Terreiro da Erva²⁴⁶. O Tenente-Coronel João Paulino informou-nos que havia um projeto para a reabilitação desta Igreja. Querendo averiguar o assunto dirigimo-nos à Divisão de Reabilitação Urbana do Gabinete do Centro Histórico de Coimbra, onde fomos recebidas pelo Arquiteto Eduardo Mota, responsável pela reabilitação do Terreiro da Erva. Explicado o motivo da nossa presença, direcionou-nos para o responsável por esse projeto, também arquiteto. Permitiu-nos o acesso às plantas do projeto explicando-nos que a ideia base é a de utilizar a Igreja como espaço para exposições temporárias, sendo simultaneamente intervencionado o exterior do antigo templo. Perante a apresentação da nossa plataforma, equacionou-se a possibilidade de usarmos esse espaço quando fosse inaugurado, algo que demorará ainda alguns anos.

²⁴⁵ Cfr. TURISMO DO CENTRO DE PORTUGAL. (s.d.). *Apoio ao investimento turístico*. [online]. [Acedido em 26/08/2019]. Disponível em: <https://investenocentro.blogspot.com/2019/07/as-duas-jovens-que-va-o-fazer-uma-rua.html?fbclid=IwAR1XLdCvHoJgyWclv2NoahvVitXd2BWMhH3I0DrkpQ6JR5wFM0CLh1vi4gA>.

²⁴⁶ Cfr. em anexo: Fig. 42

No âmbito do trabalho desenvolvido percebemos rapidamente o quão importante é estar a par de todos os projetos em desenvolvimento em Coimbra, por forma a criarmos articulações e sinergias. Como tal, sabendo que o arquiteto Rui Lobo dirige um projeto para a reconstrução em 3D do Mosteiro de Santa Cruz, remontando ao ano de 1834,²⁴⁷ conseguimos reunir a 7 de Março de 2019 no Colégio das Artes, estando igualmente presente Mauro Costa. Trocadas informações detalhadas sobre ambos os projetos, o nosso e o deles, discutimos a possibilidade de ter um *link* na nossa plataforma na categoria **Outras Ligações** que remeta para a sua plataforma, e vice-versa, de forma a dar ao visitante a possibilidade de conhecer ambos os projetos.

Da mesma forma, o facto de Coimbra ser candidata a Capital Europeia da Cultura 2027, constituiu matéria de investigação. Contactada Joana Loureiro do grupo de trabalho Coimbra 2027 – Candidatura a Capital Europeia da Cultura, agendou-se uma reunião para o dia 8 de Maio de 2019, estando presentes os Professores António Pedro Pita, Luís Filipe Menezes e Cristina Robalo Cordeiro. Explicado o nosso projeto percebemos que a candidatura estava ainda em fase de elaboração sendo escassos os eventos ou objetivos já inteiramente definidos. Até ao momento a Rua da Sofia não se inscrevia em qualquer deles embora ficasse no ar a promessa de que não seria esquecida.

Eventuais parcerias

Desde o início da elaboração do projeto que sabíamos necessitar de parceiros. Ficámos a conhecer o trabalho da Filomena Sousa, da Memória Imaterial, *Memoriamedia: e-museu do Património Cultural Imaterial*²⁴⁸ através de Cláudia Carvalho. Este trabalho, desenvolvido na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e com o qual nos identificamos particularmente, incide no património cultural imaterial. Em reunião a 11 de Abril de 2019, discutimos a eventual parceria o que recebeu a concordância da investigadora Filomena Sousa uma vez que o foco do seu trabalho, as histórias de vida, vai ao encontro daquilo que queremos fazer através do *storytelling*. Tal como no caso anterior acordou-se em trocar *links* em ambas as plataformas redirecionando os visitantes de ambos.

Luísa Trindade, orientadora do relatório de estágio, recomendou-nos a pesquisa da Casa da Memória²⁴⁹ de Guimarães. Feita a pesquisa, percebemos o papel que os testemunhos materiais e

²⁴⁷ Ano em que foram extintas as Ordens Religiosas.

²⁴⁸ MEMORIA MEDIA. (s.d.). *Início*. [online]. [Acedido em: 26/11/2018] Disponível em: <https://www.memoriamedia.net/>.

²⁴⁹ CASA DA MEMÓRIA GUIMARÃES. (s.d.). *Sobre*. [online]. [Acedido em: 1/02/2019]. Disponível em: <https://www.casadamemoria.pt/>.

imateriais da própria comunidade podem ter no aprofundar do conhecimento da história, do território e da cultura. Pareceu particularmente interessante o uso da memória e de tudo o que ela implica para divulgar a história de uma cidade. Não pretendemos criar um centro interpretativo, nem divulgar uma cidade, mas queremos divulgar a Rua da Sofia, apelando para isso, claro, à memória, à identidade e sentimento de pertença. O contacto com Catarina Pereira da Casa da Memória, com quem reunimos no dia 19 de Março de 2019 levou por isso à discussão de uma possível parceria. Catarina Pereira abriu as portas a uma colaboração de formato a discutir quando a nossa plataforma passasse da teoria à prática. A visita ao centro interpretativo corroborou como constitui um excelente exemplo de boas práticas.

Conclusão

O término deste relatório de estágio assinala um longo e intenso processo de investigação, que culminou numa imensurável aprendizagem. O que começou com um desafio para integrar a Rede de Programação Cultural Artéria, materializou-se na realização de um estágio no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra que, por sua vez, levou à concretização de um projeto de investigação. O objetivo era claro, trabalhar com a Rua da Sofia, com o seu património, com a sua arquitetura, com as suas gentes. Não poderia imaginar numa fase inicial o rumo e a dimensão que este projeto iria tomar. Foi muito gratificante ter a oportunidade de trabalhar durante um ano no meu objeto de estudo, que se revelou um desafio maior do que eu esperava e que exigiu um elevado nível de dedicação.

Todo este desafio começou com o espetáculo *Sofia, Meu Amor!* onde tive pela primeira vez oportunidade de conhecer realmente a Rua. Durante os anos que estudei em Coimbra nunca tive uma relação com a Rua, tal como a maioria dos estudantes, e, atrevo-me a dizer, tal como a maioria da população de Coimbra. Durante todos estes meses, através do acompanhamento da criação do espetáculo de Coimbra do projeto Rede Artéria, através das entrevistas aos envolvidos de alguma forma no espetáculo, através das inúmeras vezes que caminhei nos seus passeios, que entrei nos seus colégios, que falei com quem lá se encontra diariamente, que li sobre a sua história e que observei o seu quotidiano, aprendi muito.

O elemento que considero mais importante e que me levou a querer trabalhar sobre a Rua da Sofia é saber que é Património Mundial da Humanidade, mas que quase ninguém sabe, e os poucos que sabem, não a consideram Património. Não é de estranhar, a Rua da Sofia está parada no tempo, quase abandonada e degradada, fatores que impedem uma identificação com o seu património por parte dos seus habitantes e visitantes. Se não existe identificação muito dificilmente haverá reconhecimento, e a conseqüente salvaguarda e preservação, algo fundamental para o património cultural. A Câmara Municipal de Coimbra, ali tão perto, não toma medidas para reverter esta situação. É claro que não podemos culpabilizar o Município por tudo o que acontece (ou não) na Rua da Sofia, mas sendo a CMC responsável por ela, deveria fazer algo para a revitalizar. Como a vereação não está preocupada com o futuro da Rua da Sofia, cabe aos cidadãos o dever cívico de fazer algo para dar vida à Rua, plantar uma pequena semente que leve à mudança.

Por ser aluna e cidadã com deveres cívicos pretendi inserir essa semente de mudança, através da criação deste projeto de investigação. Tenho noção que poderá não passar de uma ideia utópica que talvez nunca seja posta em prática, mas posso afirmar que foi uma ideia pensada, ponderada e

elaborada. Foi uma ideia que durante alguns meses alterou a dinâmica da Rua: pelas vezes que andámos a tirar fotografias, que andámos com cadernos e canetas a percorrer a Rua a escrever e a desenhar, pelas vezes que andámos a tirar fotos às fotos e a virar cabeças de transeuntes curiosos. Apesar desta investigação ter sido realizada da forma mais profissional possível, considero que conseguimos incutir alguma esperança às pessoas com quem falámos, porque mostrámos um genuíno interesse em fazer algo pela Rua, em dar o nosso pequeno contributo para ajudar à sua dinamização. O contacto direto com os trabalhadores da Rua foi extremamente importante para mim pois foi através das conversas que tive com eles que percebi a dimensão e gravidade dos problemas que a Rua enfrenta e a mágoa que o estado atual da Rua lhes causa.

Com a realização dos questionários confirmei, de forma massiva, a principal função da Rua da Sofia para os habitantes de Coimbra: uma mera via de passagem para outro destino. Enquanto estudante de Arte e Património fico indignada com esta situação, pois considero que uma Rua classificada como Património Mundial devia ser o destino das pessoas, e não servir simplesmente como via de passagem para outro lugar. Por isso, aceitei o desafio de fazer algo para contrariar esta tendência, surgindo após muita reflexão, ponderação e trabalho, o projeto prático descrito neste relatório de estágio.

O projeto, que se traduz numa plataforma cultural *online*, pretende, através dos seus conteúdos ser um espaço onde qualquer pessoa possa visitar e ficar a conhecer um pouco mais da Rua da Sofia, mas não pretendo que a ação destas pessoas fique apenas pela pesquisa e visita virtual, espero sinceramente conseguir que a plataforma consiga incutir a vontade de conhecer e visitar pessoalmente a Rua da Sofia, pois só entrando nela e percorrendo-a, é que a podemos verdadeiramente experienciar.

Referências bibliográficas

Legislação

Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural da UNESCO de 1972, N.º. I, Artigo 2º

Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de 2003, N.º. I, Artigo 2º, ponto 1

Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do Património Cultural para a Sociedade, de 27 de Outubro de 2005, Título I, Artigo 2º. Diário da República, 1ª Série, N.º 177

Convenção sobre os Meios de Proibição e Prevenção do Tráfego Ilícito de Propriedade Cultural de 1970

Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, de 8 de Setembro de 2001. Diário da República, 1ª Série-A, N.º 209

Bibliografia

ABLETT, P. e DYER, P. 2009. “Heritage and hermeneutics: towards a broader interpretation of interpretation”. In *Current Issues in Tourism*, vol. 12, nº 3

ANICO, M. e PERALTA, E. (org.). 2006. *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora

ASSMAN, A. 2008. “The Dynamics of Cultural Memory between Remembering and Forgetting”. In *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin; New York: Gruyter

BARRANHA, H. (org.). 2016. *Património cultural: conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa: ICOMOS-Portugal

BARROS, J. 2006. “Turismo e construção do património cultural: Os projetos turístico-patrimoniais das autarquias”. In *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora

BORGES, N. C. 1980. *A Capela do Tesoureiro da antiga igreja de São Domingos*. Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro

CARVALHO, C. e SANCHO QUEIROL, L. (orgs.). 2018. “Community and Creative Research. Developing Participatory Methodologies”. In *Conjunctions*, vol.5, nº 1, Transdisciplinary Journal of Cultural Participation.

CHOAY, F. 2006. *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70

- CRAVEIRO, M. L. 2002. *O Renascimento em Coimbra: Modelos e Programas Arquitectónicos*, Vol.1. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- DESVALLÉES, A. e MAIRESSE, F. 2013. “Património”. In *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comité Brasileiro do Conselho Internacional de Museus
- FORTUNA, C. 2012. *Património, turismo e emoção*, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 97. Coimbra: Centro de Estudos Sociais
- GONÇALVES, A. N. 1982. *A Igreja do Convento de São Domingos na Rua da Sofia*. Coimbra: Imprensa de Coimbra
- HALL, S. 1999. “Whose Heritage? Un-settling ‘The Heritage’, Re-imagining the Post-nation”. In *Third Text*, nº 102, vol. 13, *Critical Perspectives on Contemporary Art and Culture*
- HALL, S. 2006. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A
- LAVRINEC, J. 2014. “Community art initiatives as a form of participatory research: The case of street mosaic workshops”. In *Creativity Studies*, vol. 7(1)
- LIMA, M. 2016. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP
- LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra
- LOBO, R. 2006a. “Rua da Sofia: Um campus universitário em linha”. In *Monumentos*, nº 25, *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
- LOWENTHAL, D. 2009. *The Heritage Crusade and the spoils of History*. United Kingdom: Cambridge University Press
- MCDOWELL, S. 2008. “Heritage, Memory and Identity”. In *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. England; USA: Ashgate
- MENDES, J. A. 2009. *Estudos do Património: Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- MOREIRA, C. 2006. “Prefácio”. In *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora
- PEIXOTO, P. 2006. “O Património mata a identidade”. In *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora
- ROSSA, W. 2001. *DiverCidade: Urbanografia do Espaço de Coimbra até ao Estabelecimento Definitivo da Universidade*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
- ROSSA, W. 2006. “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa”. In *Monumentos*, nº 25, *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

SHYLLON, F. 2016. "Cultural Heritage and Intellectual Property: Convergence, Divergence, and Interface". In *A Companion to Heritage Studies*". Chichester, West Sussex, UK: Wiley-Blackwell

SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York: Routledge, cop.

SOUSA, F. 2015. *Património Cultural Imaterial. MEMORIAMEDIA e-Museu – métodos, técnicas e práticas*. Alenquer: Memória Imaterial CRL

TRINDADE, L. (no prelo). "História, urbanismo e interpretação: Viver (n)a cidade com o passado ativo". Atas do II Congresso Internacional As Cidades na História - Sociedade, 18-20 de Outubro de 2017, Centro Cultural Vila Flor, Guimarães.

Trabalhos académicos

MARQUES, M. 2018. Memória, Identidade e Estratégias Educativas na Casa da Memória de Guimarães. Relatório de Estágio Curricular, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Recursos eletrónicos

A ESCOLA DA NOITE. (s.d.). *Início*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: <http://weblog.aescoladanoite.pt/>.

BALCÃO ÚNICO DE SERVIÇOS. (s.d.). *Exposição Pescadores de Sesimbra*. [online]. [Acedido em 24/07/2019]. Disponível em: https://www.sesimbra.pt/pages/1836?news_id=6613.

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA. (s.d.). *Coimbra, Património Mundial*. [online]. [Acedido em: 23/07/2019]. Disponível em: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2018/09/patrimoniomundial_brochura_ULTIMO.pdf.

CASA DA MEMÓRIA GUIMARÃES. (s.d.). *Sobre*. [online]. [Acedido em: 1/02/2019]. Disponível em: <https://www.casadamemoria.pt/>.

CENTRO DE ARTES VISUAIS. (s.d.). *Exposições Patentes*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: http://cav-ef.net/cav_exposicoes_exposicoes%20patentes.htm.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Administração*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/administracao>.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Apresentação*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/apresentacao>.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Estatutos CES*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/ces/ces/pdf/CES_Estatutos_2018_PT.pdf.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *História*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/historia>.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Núcleos*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/nucleos>.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Objetivos Gerais*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/orientacoes>.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *O CES em Números*. [online]. [Acedido em: 1/03/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/o-ces-em-numeros>.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Órgãos Sociais*. [online]. [Acedido em: 16/05/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/orgaos-sociais>.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. (s.d.). *Projetos*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/projectos/arteria7/>.

COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO. (s.d.). *História*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco/historia>.

COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO. (s.d.). *Universidade de Coimbra*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/universidade-de-coimbra>.

COLECTIVA. (s.d.). *Cooltura*. [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: <https://colectiva.pt/2018/06/25/sejam-romanticos-e-vao-ver-a-declaracao-de-amor-que-a-trincheira-teatro-vai-fazer-a-rua-da-sofia/>.

DIÁRIO DE COIMBRA. (s.d.). *Coimbra*. [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: <http://www.diariocoimbra.pt/noticia/33772>.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. (s.d.). *Cultura*. [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/interior/da-rua-da-sofia-para-a-regiao-centro-ha-uma-nova-arteria-a-pulsar-teatro-9530084.html>.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. (s.d.). *Património*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Patrim%C3%B3nio>.

DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. (s.d.). *Apresentação*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/>.

FACEBOOK. (s.d.). *Liga dos Combatentes*. [online]. [Acedido em: 25/05/2019]. Disponível em: <https://www.facebook.com/coimbra.ligadoscombatentes/photos/pcb.1118851228217029/1119701648131987/?type=3&theater>.

ISSU. (s.d.). *Rede do Património Mundial de Portugal*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: https://issuu.com/comissaonacionaldaunesco/docs/guia_rede_patrim_nio_mundial_de_po.

MEMORIA MEDIA. (s.d.). *Início*. [online]. [Acedido em: 26/11/2018]. Disponível em: <https://www.memoriamedia.net/>.

MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO. (s.d.). *Museu*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: <http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/museu/ContentDetail.aspx?id=629>.

NOTÍCIAS DE COIMBRA (s.d.). *Cidade. Coimbra. Lazer*. [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: https://www.noticiasdecoimbra.pt/sofia-meu-amor-estreia-hoje-em-coimbra-convida-a-abrandar-a-marcha-na-rua-da-sofia-para-tornar-visiveis-pequenos-cacos-de-vida/?fbclid=IwAR155mM-fBeQpl2Xhhw_zKVGg6kImtnpgrHiPvw0dlC1J5bvlOyObsYGU4g.

O TEATRÃO. (s.d.). *História*. [online]. [Acedido em: 16/05/2019]. Disponível em: <https://oteatrao.com/historia/>.

PÚBLICO. (s.d.). *Coimbra*. [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: https://www.publico.pt/2018/06/29/culturaipilon/noticia/cortar-a-sofia-para-poder-parar-escutar-e-olhar-1836427?fbclid=IwAR0ZPTrcVnqN6QFv3mq6wSQcmGduAAwsLeKucKkrJ2Ctr5QotFo2Jam_T-w.

PÚBLICO. (s.d.). *Rede Artéria leva criações artísticas a oito concelhos da região Centro*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/06/06/local/noticia/rede-arteria-leva-criacao-artisticas-a-oito-concelhos-da-regiao-centro-1833453#gs.8RTrtMmL>.

REDE ARTÉRIA. (s.d.). *A criação artística como estratégia de construção de tecido cultural da Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/2-uncategorised/43-a-rede-arteria,%20Site%20da%20Rede%20Art%C3%A9ria>.

REDE ARTÉRIA. (s.d.). *A Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/2-uncategorised/43-a-rede-arteriaa>.

REDE ARTÉRIA. (s.d.). *Bio Trincheira Teatro*. [online]. [Acedido em: 26/03/2019]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/coimbra/9-companhias/44-bio-trincheira-teatro>.

REDE ARTÉRIA. (s.d.). *Coimbra*. [online]. [Acedido em: 2/03/2019]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/coimbra>.

REDE ARTÉRIA. (s.d.). *Contexto: Mapeamento Rede Artéria*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/2-uncategorised/43-a-rede-arteria,%20Site%20da%20Rede%20Artéria>.

TURISMO DO CENTRO DE PORTUGAL. (s.d.). *Apoio ao investimento turístico*. [online]. [Acedido em 26/08/2019]. Disponível em: <https://investenocentro.blogspot.com/2019/07/as-duas-jovens-que-vao-fazer-uma-rua.html?fbclid=IwAR1XLdCvHoJgyWclv2NoahvVitXd2BWMhH3I0DrkpQ6JR5wFM0CLh1vi4gA>.

TURISMO CENTRO PORTUGAL. (s.d.). *Lugares Património Mundial do Centro*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://turismodocentro.pt/artigo-regiao/lugares-patrimonio-da-humanidade-do-centro/>.

UNESCO. (s.d.). *About World Heritage*. [online]. [Acedido em 3/04/2019]. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/statesparties/pt>.

UNESCO. (s.d.). *Dive into cultural intangible cultural heritage!* [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/dive>.

UNESCO. (s.d.). *Mission and Mandate*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <https://en.unesco.org/about-us/introducing-unesco>.

UNESCO. (s.d.). *Operational Guidelines*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/guidelines/>.

UNESCO. (s.d.). *The States Parties*. [online]. [Acedido em: 3/04/2019]. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/statesparties/pt>.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA ALTA E SOFIA. (s.d.). *Núcleos*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/nucleos/>.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA ALTA E SOFIA. (s.d.). *Património Mundial*. [online]. [Acedido em: 18/06/2018]. Disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/>.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). *Turismo*. [online]. [Acedido em: 21/05/2019]. Disponível em: <https://www.uc.pt/turismo/article?key=a-e7f0d91d91>.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). *Turismo*. [online]. [Acedido em: 21/05/2019]. Disponível em: <https://www.uc.pt/turismo/article?preview=true&key=a-3050516e2d>.

VIEWPOINT TOURISM (s.d.). *Coimbra*. [online]. [Acedido em: 21/05/2019]. Disponível em: <https://www.viewpointourism.com/coimbra-express>.

VISÃO. (s.d.). *Ver*. [online]. [Acedido em: 27/03/2019]. Disponível em: http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/ver/2018-06-30-Sofia-meu-amor-em-Coimbra-convida-o-publico-a-descobrir-ruas-vielas-e-vidas-escondidas-por-detras-das-fachadas?fbclid=IwAR0scG5aV6nhyWqtMBmHMjO27v_p9dkqY9C3CazNzm81YR3ymjzcBGhGSew.

VISITE LEIRIA. (s.d.). *Centro de Diálogo Intercultural de Leiria* [online]. [Acedido em: 27/05/2019]. Disponível em: <https://www.visiteleiria.pt/pontos-de-interesse/patrimonio-cultural/centro-de-dialogo-intercultural-de-leiria/>.

ANEXOS

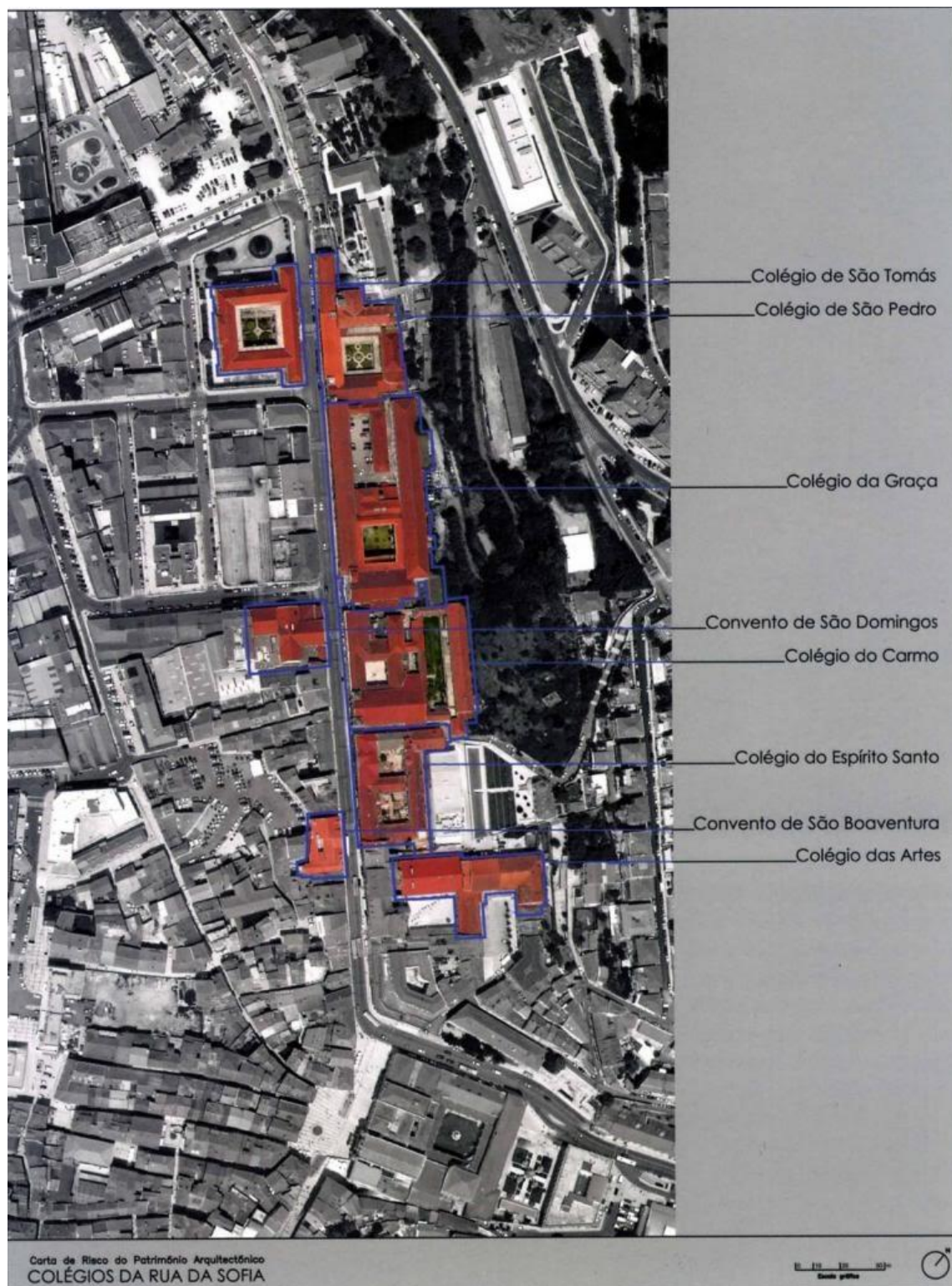
Figuras

Fig. 1: Ortofotomapa da Rua da Sofia. Walter Rossa, 2006. Fonte: *Monumentos*, nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 17



Fig. 2: Colégio de São Boaventura, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora



Fig. 3: Sinalética do Colégio de São Boaventura, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora



Fig. 4: Colégio do Espírito Santo, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora



Fig. 5: Rua Dr. Manuel Rodrigues. Vista para a Igreja de S. Pedro, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 6: Notícia do Diário de Coimbra de 29 de Janeiro de 2019. Fonte: autora



Fig. 7: Antigo posto de venda de bilhetes de autocarro “Moisés”, Rua João Machado, 2019. Fonte: autora



Fig. 8: Vitrine à saída da rodoviária, 2019. Fonte: autora



Fig. 9: Sinalética na Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 10a: *Mupie* do Convento de São Domingos, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora



Fig. 10b: *Mupie* do Convento de São Domingos, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora

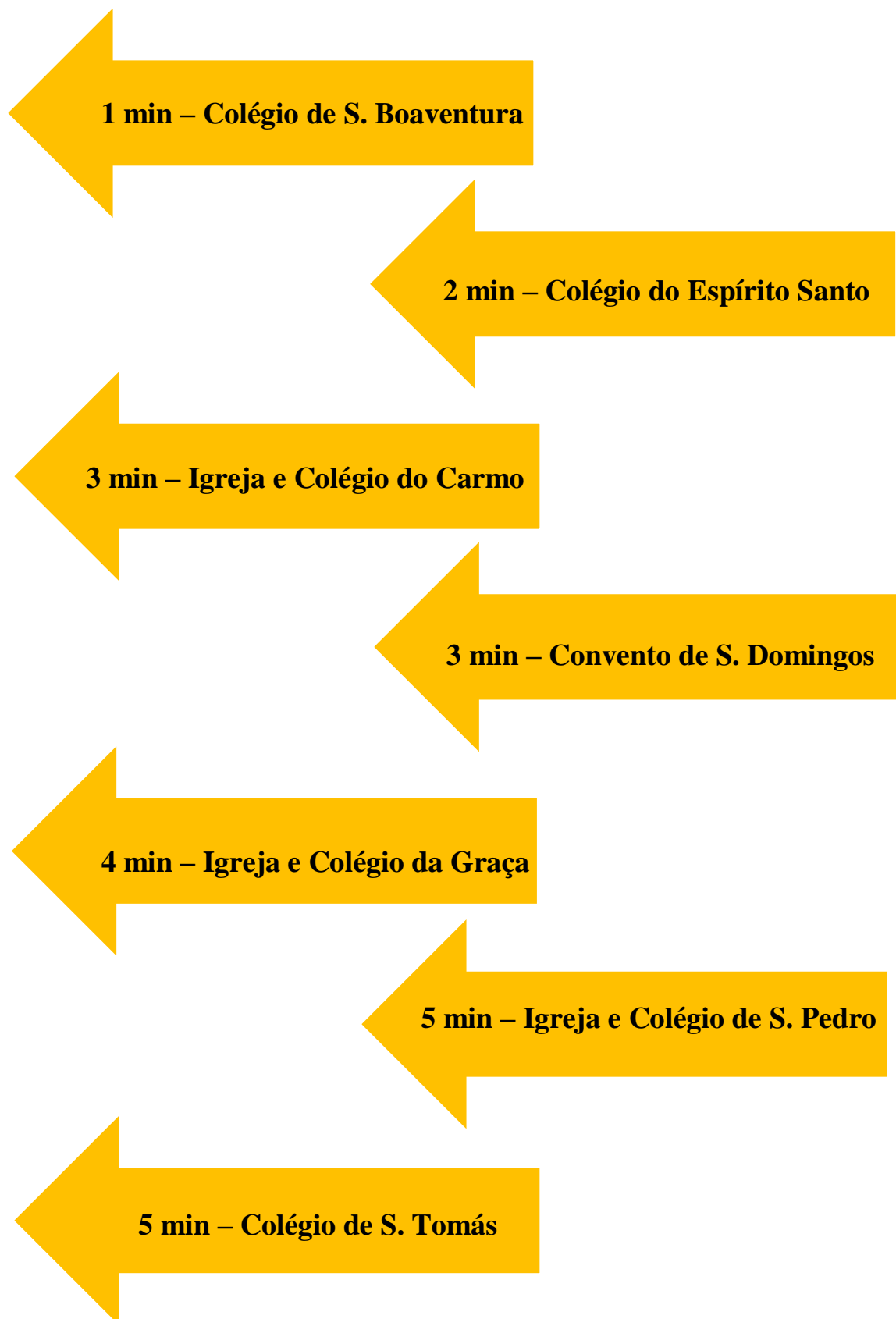


Fig. 11: Proposta de sinalética para a Rua da Sofia, autora, 2019



Fig. 12: Colégio do Espírito Santo, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora



Fig. 13: Colégio de São Pedro, Rua da Sofia, 2019. Fonte: autora



Fig. 14: Colégio de São Boaventura, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora



Fig. 15: Colégio e Igreja do Carmo, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora



Fig. 16: CES, Colégio da Graça, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 17: Tribunal da Relação de Coimbra, Colégio de São Tomás, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 18: Claustro do Colégio de São Tomás, 2018. Fonte: autora



Fig. 19: Painéis de azulejos no claustro do Colégio de São Tomás, 2018. Fonte: autora



Fig. 20: Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, Colégio da Graça, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 21: Claustro do Colégio da Graça, s.d. Fonte: <https://www.facebook.com/coimbra.ligadoscombatentes/photos/pcb.1118851228217029/1119701648131987/?type=3&theater>



Fig. 22: Convento de São Domingos, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora



Fig. 23: Capela de Jesus, Convento de São Domingos, 2018. Fonte: autora



Fig. 24: Igreja da Graça, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 25: Claustro do Colégio do Carmo, 2018. Fonte: autora



Fig. 26: Quintal do Colégio do Carmo, 2018. Fonte: autora



Fig. 27: Colégio das Artes, 2018. Fonte: autora



Fig. 28: Visita guiada à Rua da Sofia, varanda da Igreja da Graça, 2019. Fonte: autora



Fig. 29: Visita guiada à Rua da Sofia, claustro do Colégio da Graça, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 30: Visita guiada à Rua da Sofia, jardim da Cerca de São Bernardo, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 31: Visita guiada à Rua da Sofia, infantário, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 32: Casa dos Pintores, Leiria, 2019. Fonte: autora



Fig. 33: Sinalética na Casa dos Pintores, Leiria, 2019. Fonte: autora



Fig. 34: Igreja da Misericórdia, Leiria, 2019. Fonte: autora



Fig. 35: Mupie com pontos de interesse no centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 36: Sinalética da Rota de Leiria Histórica, 2019. Fonte: autora



Fig. 37: Informação sobre a Judiaria de Leiria, 2019. Fonte: autora



Fig. 38: Centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: autora



Fig. 39: Centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: autora



Fig. 40: Centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 41: Centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: Rute Tavares



Fig. 42: Igreja de Santa Justa, Terreiro da Erva, 2019. Fonte: autora

Documentos

Doc. 1: Inquérito aos públicos da Rede de Programação Artéria



INQUÉRITO AOS PÚBLICOS DA REDE DE PROGRAMAÇÃO ARTÉRIA



O Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e a Rede Artéria estão a realizar um estudo sobre os públicos deste espetáculo, para perceber melhor as suas motivações. A sua opinião é fundamental, por isso pedimos que responda a este inquérito. As respostas são confidenciais e anónimas e destinam-se apenas a tratamento estatístico.

Agradecemos muito a sua colaboração.

1. Como teve conhecimento da realização deste espetáculo? (pode assinalar várias respostas)

- Através da imprensa escrita 1
- Através da rádio 2
- Através de cartazes ou folhetos 3
- Através da informação recebida por email 4
- Através das redes sociais ou páginas da internet 5
- Através de familiares ou amigos/as 6
- Outro meio..... 7 Qual? _____

NR 2

2. Dos seguintes aspetos, assinale os que tiveram maior importância na sua decisão de vir assistir a este espetáculo (assinale no máximo os 3 mais importantes)

- Interesse no trabalho da companhia Trincheira Teatro 1
- Interesse por espetáculos de rua 2
- Seguir as iniciativas promovidas pelo Teatrão 3
- Interesse pelas atividades desenvolvidas pela rede de programação Artéria..... 4
- Conhecer pessoas que participam no espetáculo 5
- Interesse suscitado por o espetáculo decorrer na Vila Medieval e entorno..... 6
- Influência de familiares ou amigos/as 7
- Acaso: estava a passar e deparou com o espetáculo 8
- Nenhum dos aspetos referidos teve importância..... 9

NR 2

3. Iria assistir a este espetáculo se ele não se realizasse neste lugar?

- Sim 1
- Não..... 2
- Talvez 3
- Não sabe..... 4

NR 2

4. Com quem veio a este espetáculo? (pode assinalar várias respostas)

- Sozinho/a 1

- Com amigos/as e/ou colegas.....₂
 Com marido/esposa ou namorado/a.....₃
 Com outros familiares.....₄
 Outro(s)₅ Quem? _____
 NR ₂

5. Já tinha assistido a algum espetáculo da companhia Trincheira Teatro?

- Sim, a vários.....₁
 Sim, uma única vez antes deste.....₂
 Não, é a primeira vez₃
 NS ₁
 NR ₂

6. Tem conhecimento de que este espetáculo é parte das atividades da rede de programação Artéria?

- Sim.....₁
 Não₂
 NR ₂

7. Por favor, diga se discorda ou concorda com cada uma das afirmações seguintes.

Utilize uma escala de 1 a 5, em que 1 significa que discorda totalmente e 5 que concorda totalmente.

	Discordo totalmente		Concordo totalmente			NS	NR
	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
A realização deste espetáculo é uma forma de dar a este espaço uma vida nova, que o valoriza mais	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
Este lugar tem uma vida própria, que não combina bem com a realização de um espetáculo deste tipo	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
O aspeto mais interessante deste espetáculo é o facto de se realizar neste lugar	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
Este espetáculo vale pelo seu conteúdo artístico, independentemente de se realizar aqui ou noutra sítio qualquer	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
O facto deste espetáculo se realizar neste lugar capta pessoas que de outra forma não participariam numa manifestação artística como esta	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
Este lugar é uma referência muito importante na identidade da cidade de Ourém	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
A realização deste espetáculo permite-me conhecer aspetos deste lugar que nunca tinha percebido	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂

Pedimos-lhe finalmente que responda a algumas questões sobre si e os seus hábitos de ocupação dos tempos livres.

8. Durante os últimos 6 meses com que regularidade foi:

	Nunca foi	Foi uma vez	Foi mais que uma vez	Não sabe
A um museu ou a uma exposição de pintura/escultura	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A um concerto de música	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A um espetáculo de dança	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A uma feira ou festa popular ao ar livre	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A um espetáculo na rua, ao ar livre	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A um espetáculo de teatro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁

9. No último mês foi alguma vez ao cinema?

- Não foi nenhuma vez ₁
 Foi uma vez ₂
 Foi mais que uma vez ₃
 Não se recorda / não sabe ₋₁
 NR ₋₂

10. Sexo (preencher sem perguntar)

Masculino ₁

Feminino ₂

11. Qual é a sua idade? _____ anos.

NR ₋₂

12. Qual é o seu concelho de residência? _____

12.1. (Só para quem reside fora do concelho de Ourém)

Porque razão se encontra neste momento em Ourém?

- Veio expressamente para assistir ao espetáculo ₁
 Está de visita a Ourém em turismo / viagem de lazer ₂
 Veio a Ourém por razões de trabalho ₃
 Veio a Ourém visitar familiares ou amigos ₄
 Encontra-se em Ourém por outro motivo ₅
 NR ₋₂

13. Qual é a sua ocupação principal?

- Exerce uma atividade profissional ₁
 Está desempregado/a ₂
 Está à procura do 1.º emprego ₃
 É reformado/a ou pensionista ₄
 É estudante ₅
 É trabalhador-estudante ₆
 Outra situação ₇ Qual? _____
 NR ₋₂

14. Qual é o seu nível de escolaridade (indique o grau mais elevado que completou).

- Sem qualquer grau completo ₁
 1º ciclo do ensino básico ₂
 2º ciclo do ensino básico ₃
 3º ciclo do ensino básico ₄
 Ensino secundário ₅
 Ensino superior ₆

NR □-2

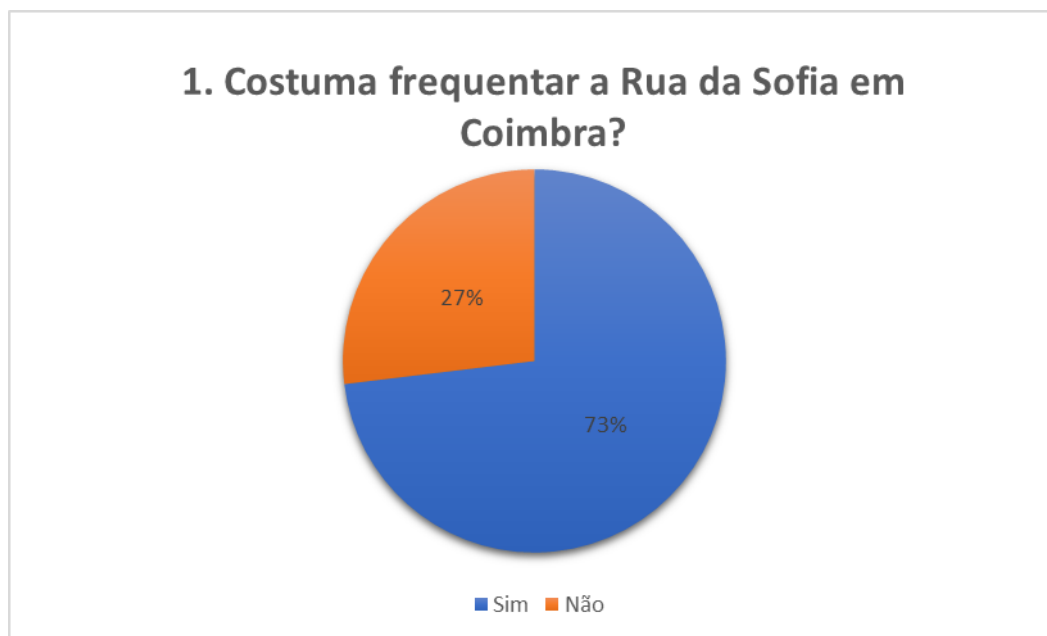
AGRADECEMOS MUITO A SUA COLABORAÇÃO

Doc. 3: Resultados dos 104 questionários realizados aos estudantes da FLUC

1. Costuma frequentar a Rua da Sofia em Coimbra?

Sim – 76

Não – 28



2. Nos últimos 6 meses com que regularidade visitou a Rua da Sofia?

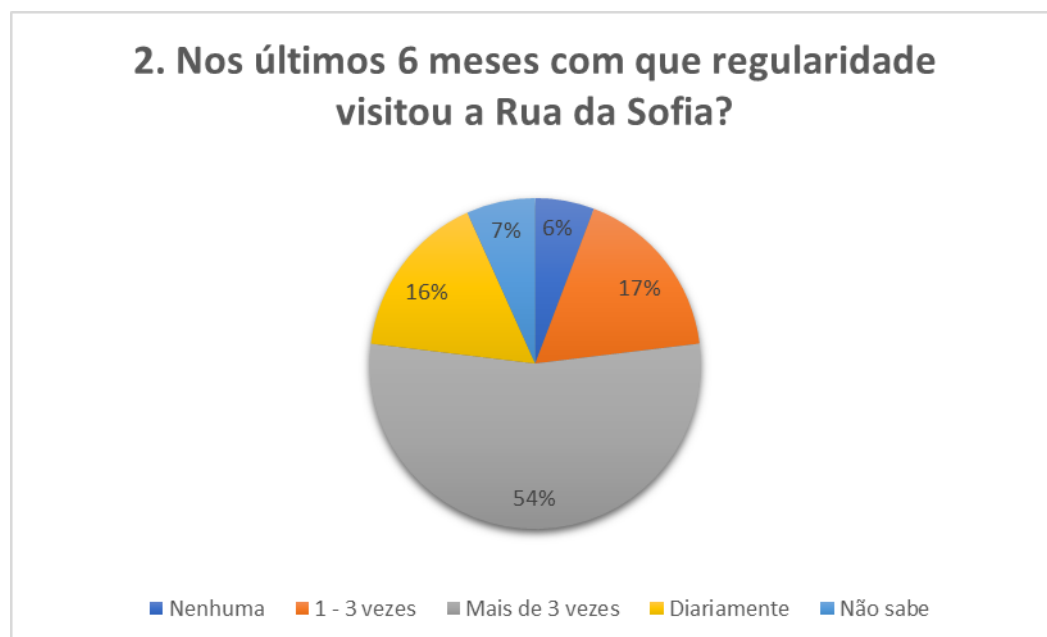
Nenhuma – 6

1-3 vezes – 18

Mais de 3 vezes – 56

Diariamente – 17

Não sabe – 7



3. Porque é que frequenta a Rua da Sofia? (pode assinalar mais do que uma hipótese)

Serviços – 24

Comércio – 48

Habitação – 3

Motivos religiosos – 3

Via de passagem para outro destino – 73

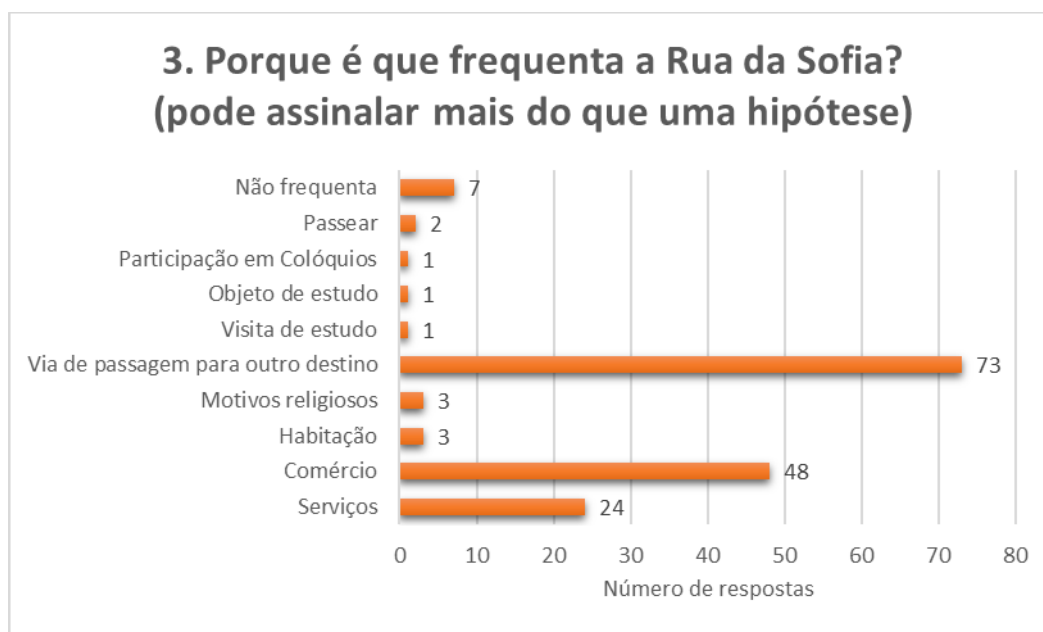
Outros: Visita de estudo – 1

Objeto de estudo – 1

Participação em colóquios – 1

Passear – 2

Não frequenta – 1



4. Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património Mundial?

Sim – 62

Não – 42



4.1. Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património?

Sim – 72

Não – 32



4.2. Porquê?

Não respondeu – 23

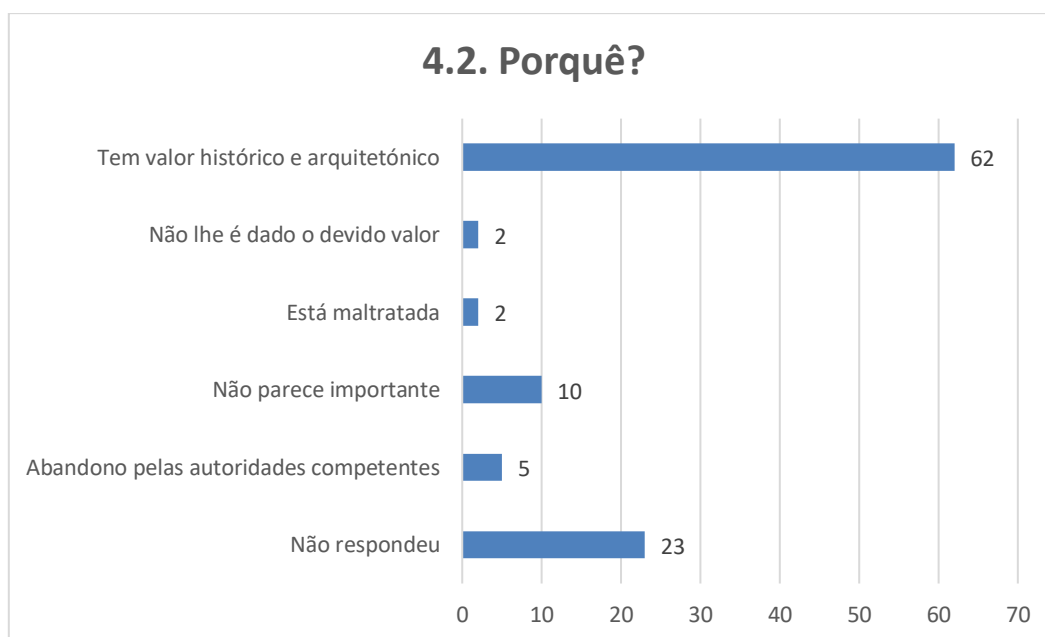
Abandono pelas autoridades competentes – 5

Não parece importante – 10

Está maltratada – 2

Não lhe é dado o devido valor – 2

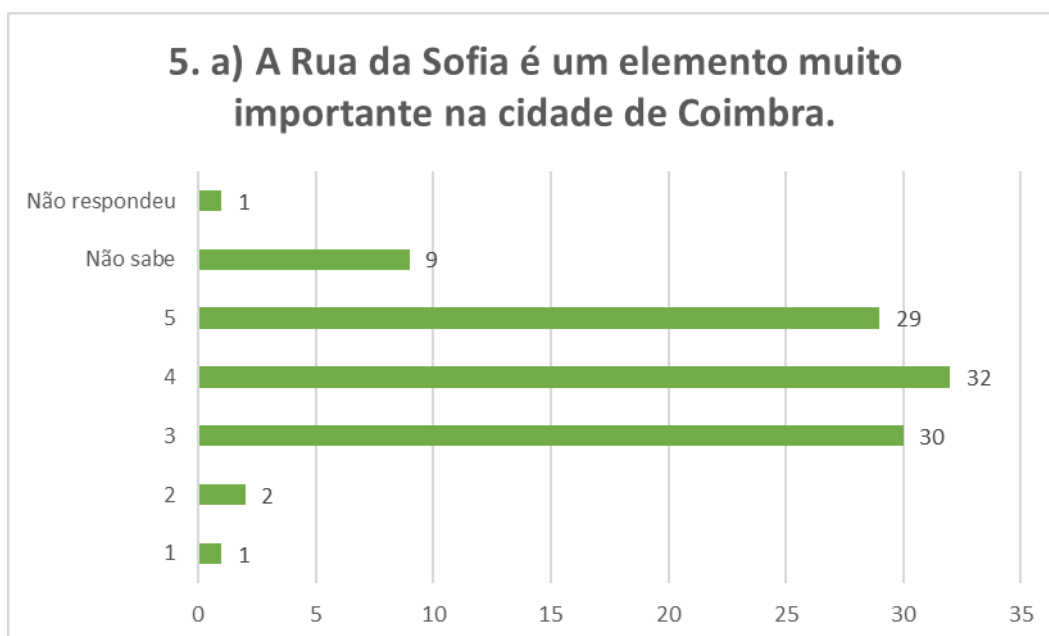
Tem valor histórico e arquitetónico – 62



5. Numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), avalie as seguintes afirmações. Pode também assinalar as opções *não sabe* ou *não responde*.

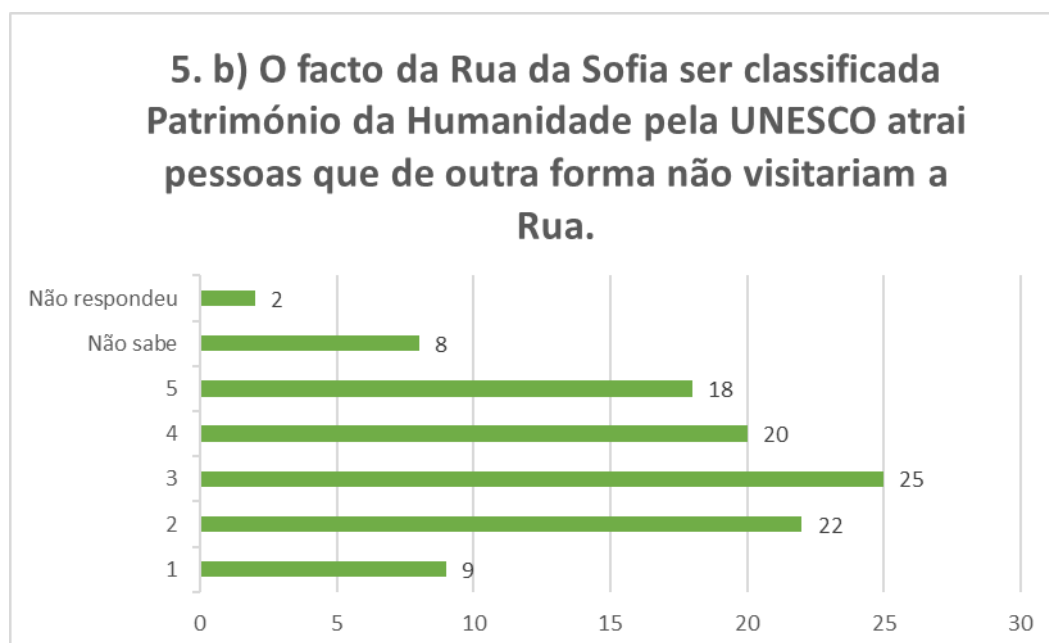
a) A Rua da Sofia é um elemento muito importante na cidade de Coimbra.

1 – 1 2 – 2 3 – 30 4 – 32 5 – 29 NS – 9 NR – 1



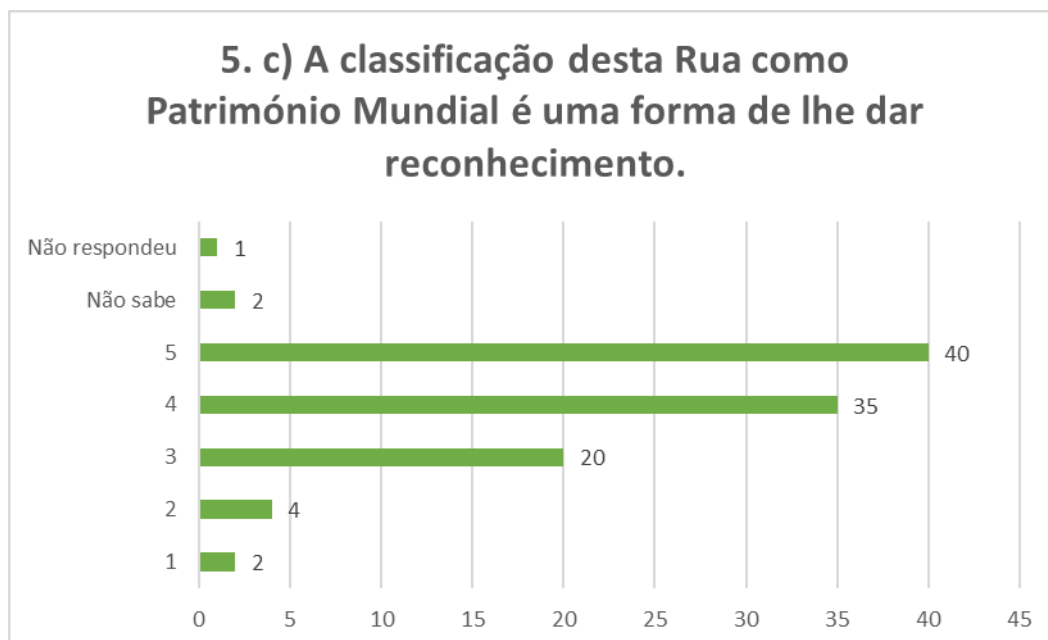
b) O facto da Rua da Sofia ser classificada Património da Humanidade pela UNESCO atrai pessoas que de outra forma não visitariam a Rua.

1 – 9 2 – 22 3 – 25 4 – 20 5 – 18 NS – 8 NR – 2



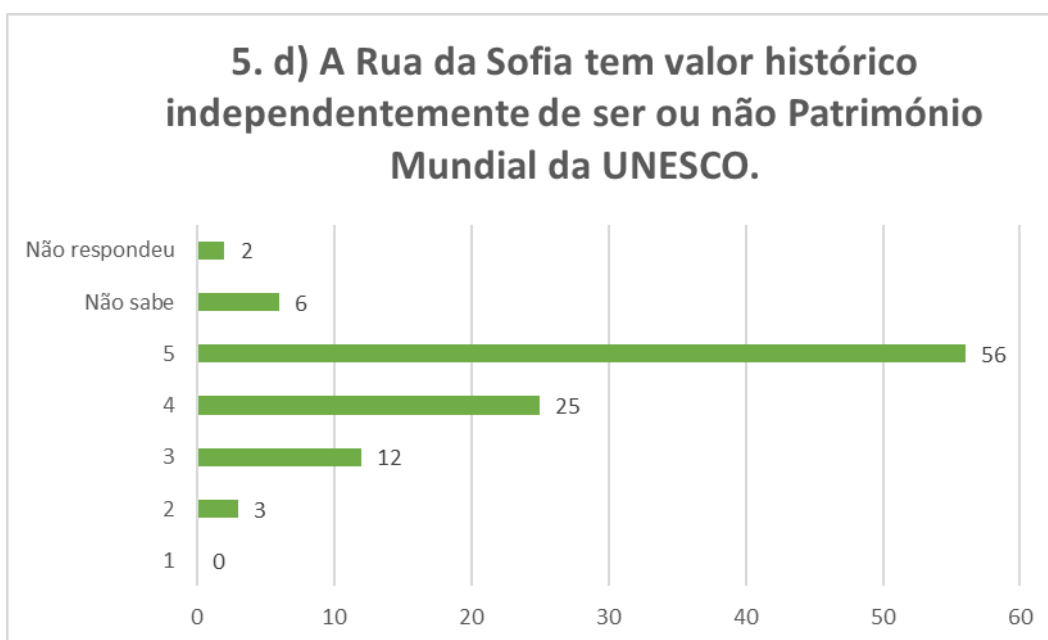
c) A classificação desta Rua como Património Mundial é uma forma de lhe dar reconhecimento.

1 – 2 2 – 4 3 – 20 4 – 35 5 – 40 NS – 2 NR – 1



d) A Rua da Sofia tem valor histórico independentemente de ser ou não Património Mundial da UNESCO.

1 – 0 2 – 3 3 – 12 4 – 25 5 – 56 NS – 6 NR – 2



e) A passagem de veículos na Rua da Sofia influencia a minha perceção dos edifícios.

1 – 4

2 – 7

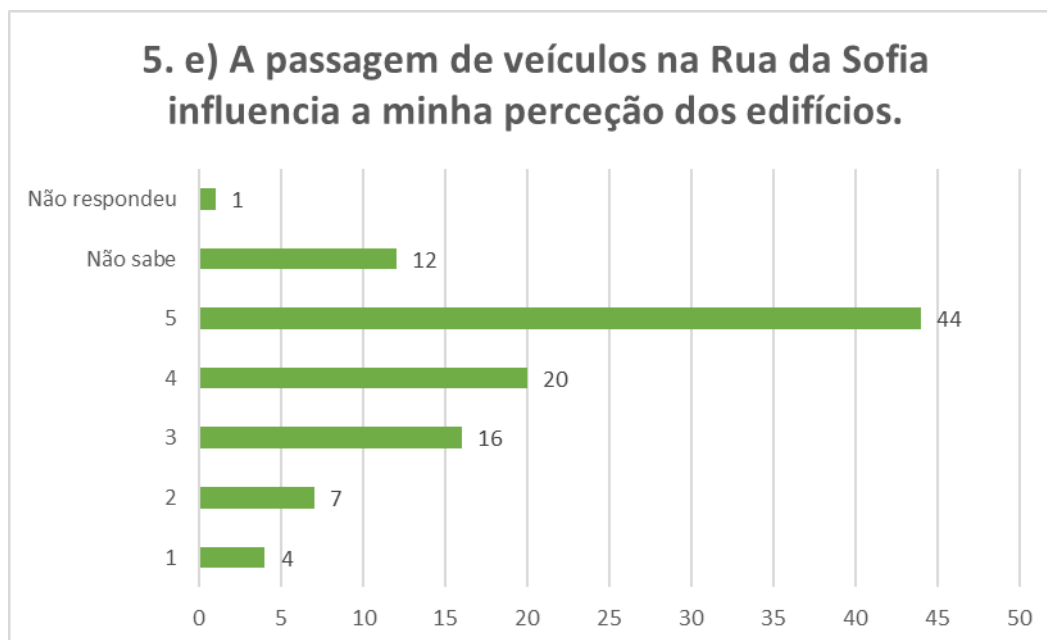
3 – 16

4 – 20

5 – 44

NS – 12

NR – 1



6. Sabe o que significa *Sofia*?

Sim – 76

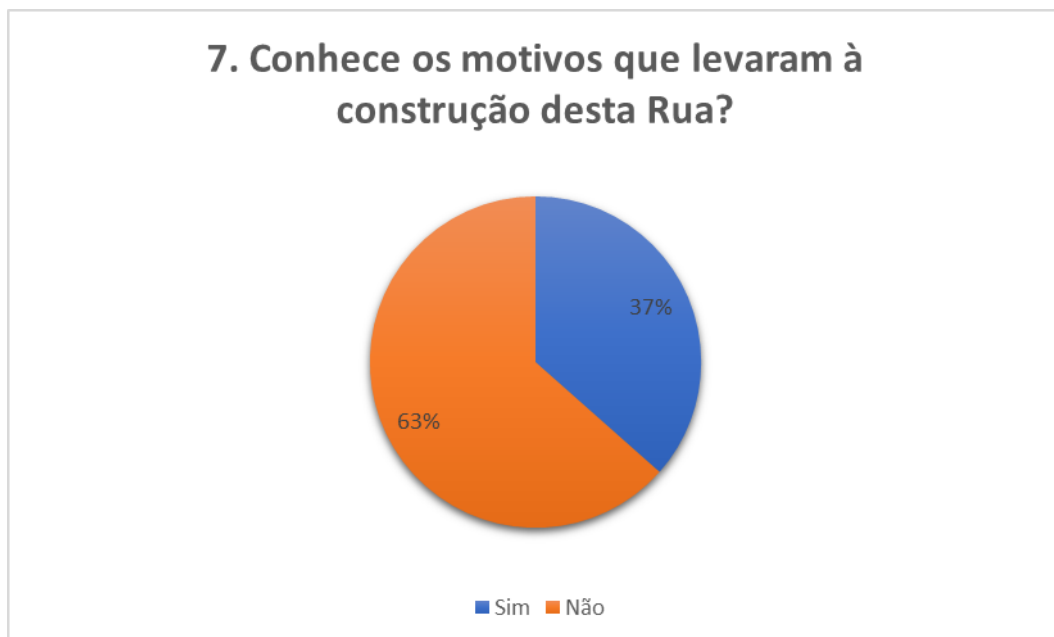
Não – 28



7. Conhece os motivos que levaram à construção desta Rua?

Sim – 38

Não – 66

**8. A partir de que ano foi construída a Rua da Sofia?**

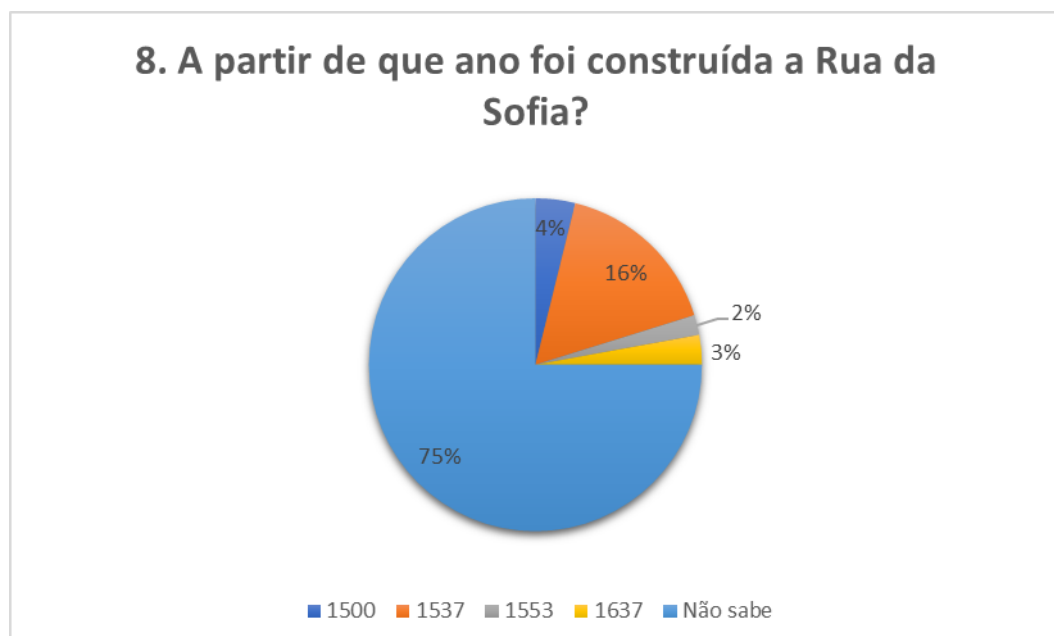
1500 – 4

1537 – 17

1553 – 2

1637 – 3

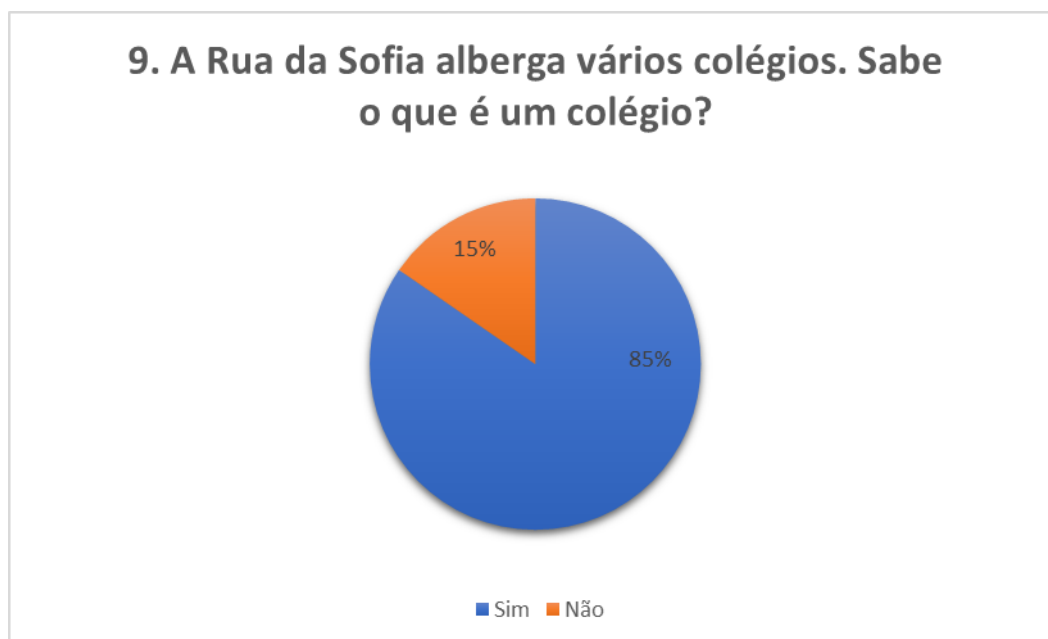
Não sabe – 78



9. A Rua da Sofia alberga vários colégios. Sabe o que é um colégio?

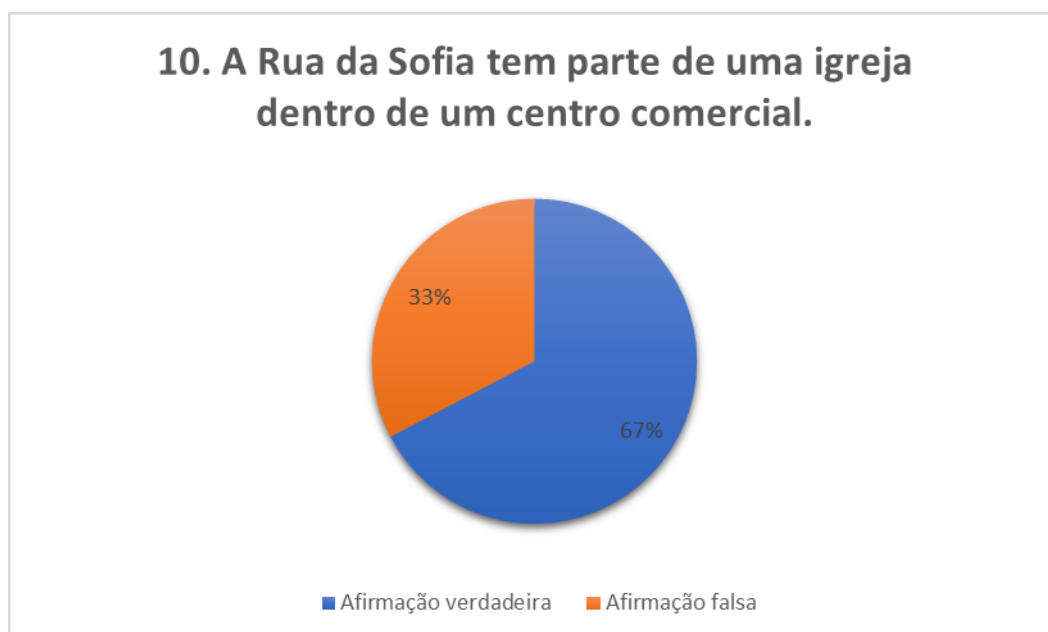
Sim – 88

Não – 16

**10. A Rua da Sofia tem parte de uma igreja dentro de um centro comercial.**

Verdadeiro- 70

Falso – 34



11. Quais são os aspetos mais positivos na Rua da Sofia?

Não respondeu – 22

Comércio – 22

Localização – 2

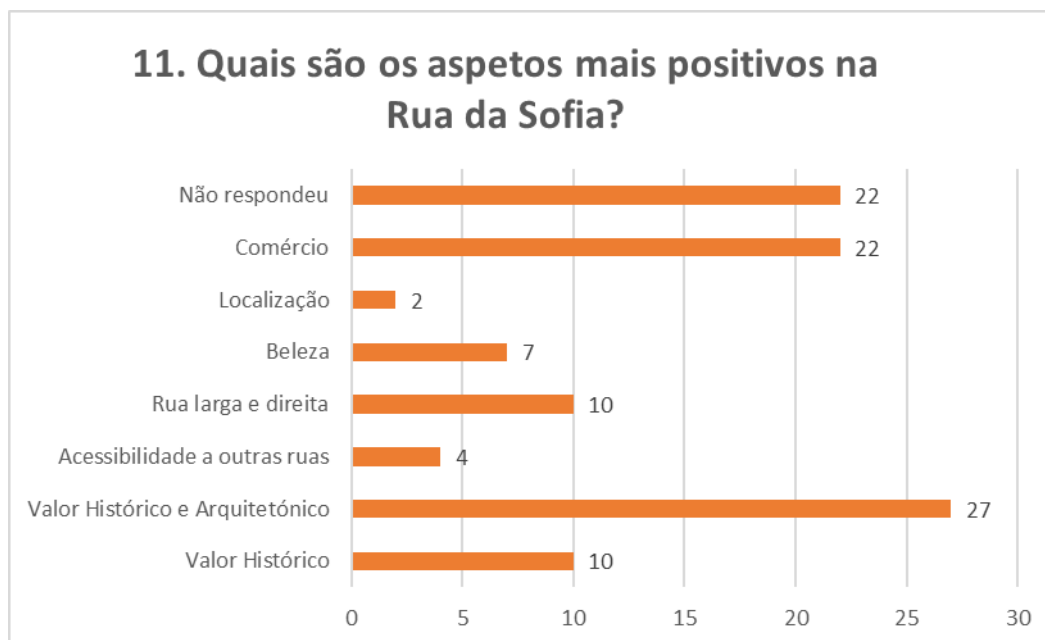
Beleza – 7

Rua larga e direita – 10

Acessibilidade a outras ruas – 4

Valor Histórico e Arquitetónico – 27

Valor Histórico - 10



12. Quais os aspetos menos positivos na Rua da Sofia?

Não respondeu – 30

Comércio estagnado – 1

Excesso de comércio – 4

Falta de estacionamento – 5

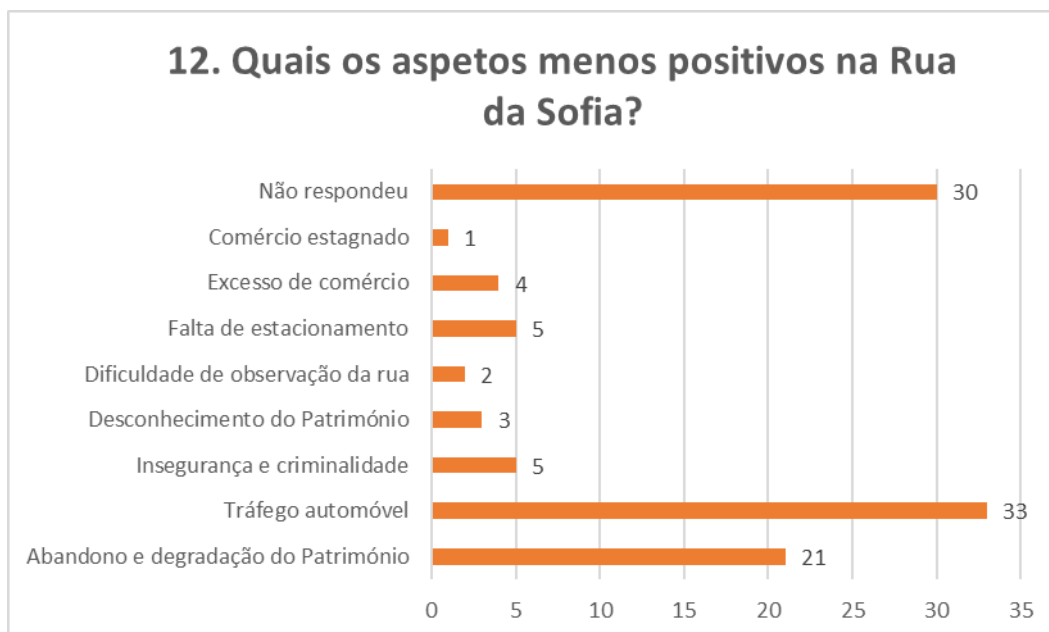
Dificuldade de observação da rua – 2

Desconhecimento do Património – 3

Tráfego automóvel – 33

Abandono e degradação do Património – 21

Insegurança e criminalidade – 5



13. Se esta Rua fosse minha... (completar)

Não respondeu – 44

Era reformada – 7

Sinalizava os edifícios – 3

Reduzia o tráfego automóvel – 2

Reabilitava os edifícios – 14

Era estimada e valorizada – 9

Proibia o tráfego automóvel – 11

Dinamizava o turismo – 5

Era incluída nas rotas turísticas – 2

Instalava portagens – 1

Colocava controlo policial – 3

Protegia o comércio local – 1

Habitava os edifícios – 1

Abria um centro de abrigo – 1

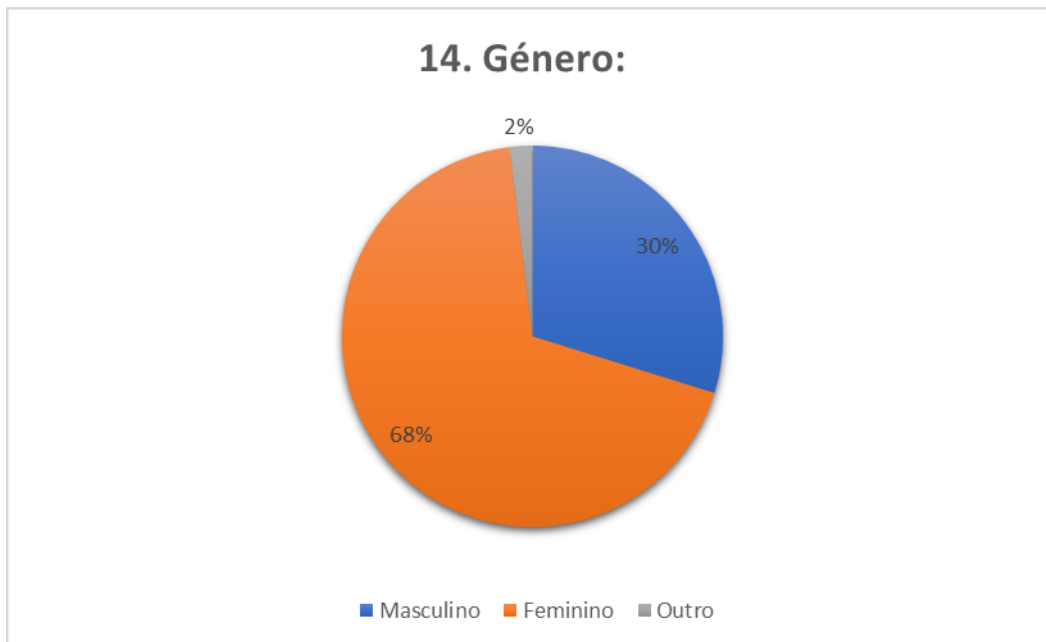


14. Género:

Masculino – 31

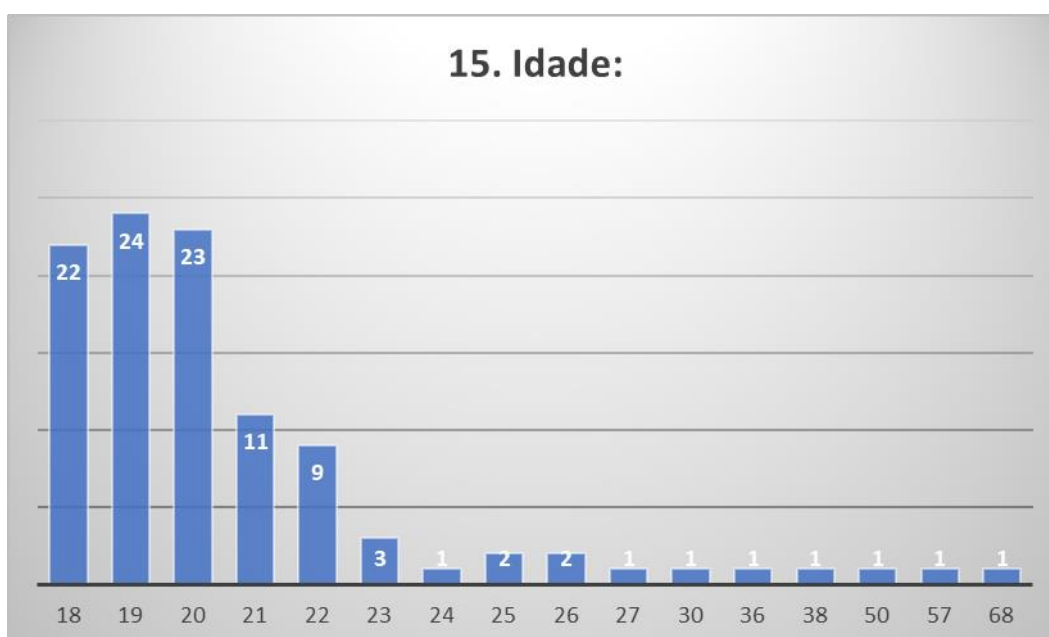
Feminino – 71

Outro – 2



15. Idade:

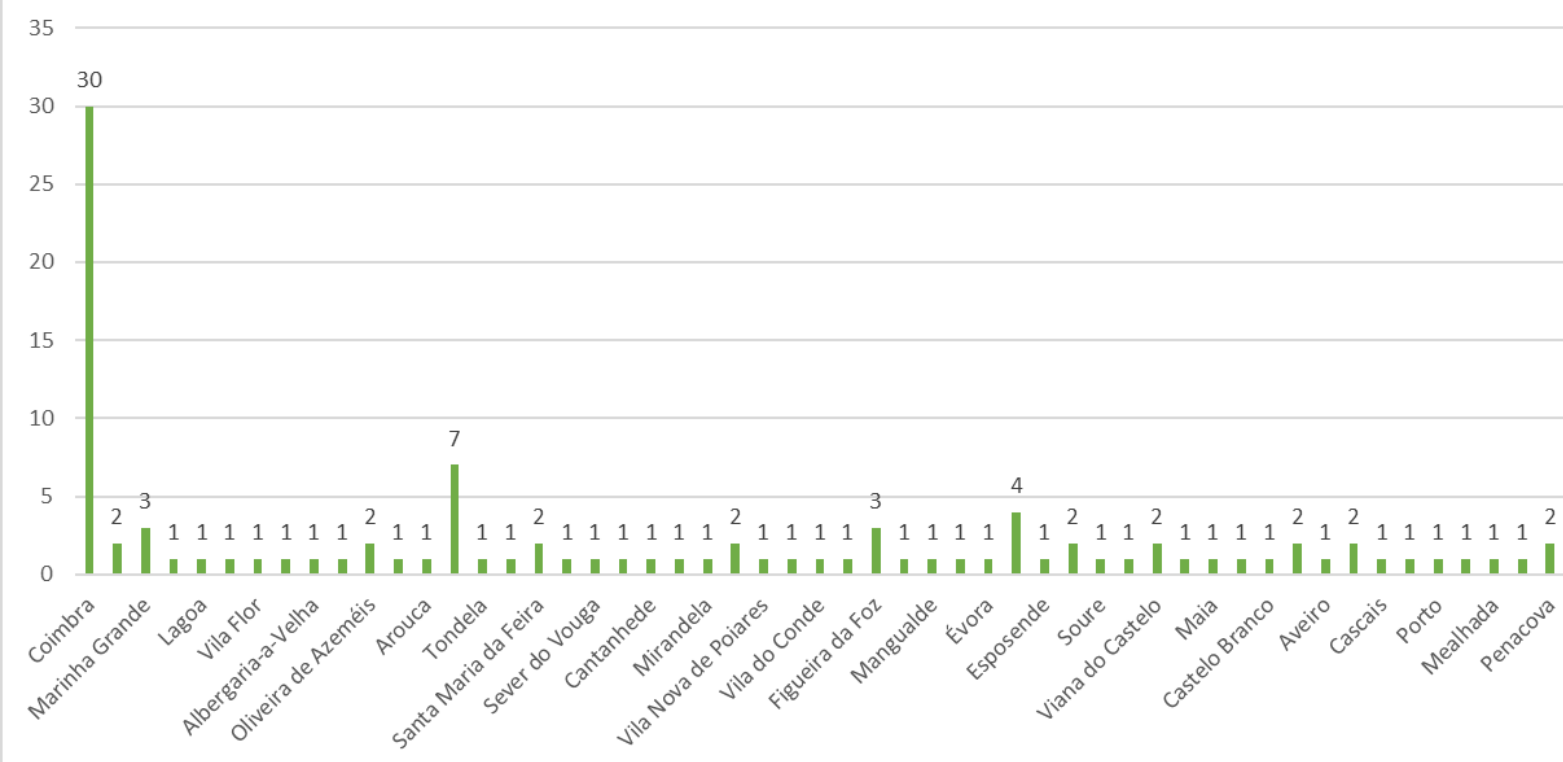
18 – 22	22 – 9	26 – 2	38 – 1
19 – 24	23 – 3	27 – 1	50 – 1
20 – 23	24 – 1	30 – 1	57 – 1
21 – 11	25 – 2	36 – 1	68 – 1



16. Concelho de residência:

Coimbra – 30	Guarda – 2
Lamego – 2	Aveiro – 1
Marinha Grande – 3	Lisboa – 2
Santo Tirso – 1	Cascais – 1
Lagoa – 1	Guimarães – 1
Vale de Cambra – 1	Porto – 1
Vila Flor – 1	Caldas da Rainha – 1
Vila Nova de Foz Côa – 1	Mealhada – 1
Albergaria-a-Velha – 1	Peniche – 1
Leiria – 1	Penacova – 2
Oliveira de Azeméis – 2	Não respondeu – 7
Coruche – 1	
Arouca – 1	
Tondela – 1	
Ílhavo – 1	
Santa Maria da Feira – 1	
Cabeceiras de Basto – 1	
Sever do Vouga – 1	
Sabugal – 1	
Cantanhede – 1	
Póvoa de Lanhoso – 1	
Mirandela – 1	
Gouveia – 2	
Vila Nova de Poiares – 1	
Madalena – 1	
Vila do Conde – 1	
Espinho – 1	
Figueira da Foz – 3	
Tábua – 1	
Mangualde – 1	
Gondomar – 1	
Évora – 1	
Viseu – 4	
Esposende – 1	
Lousã – 2	
Soure – 1	
Idanha-a-Nova – 1	
Viana do Castelo – 2	
Bragança – 1	
Maia – 1	
Seia – 1	
Castelo Branco – 1	

16. Concelho de residência:



17. Habilitações literárias:

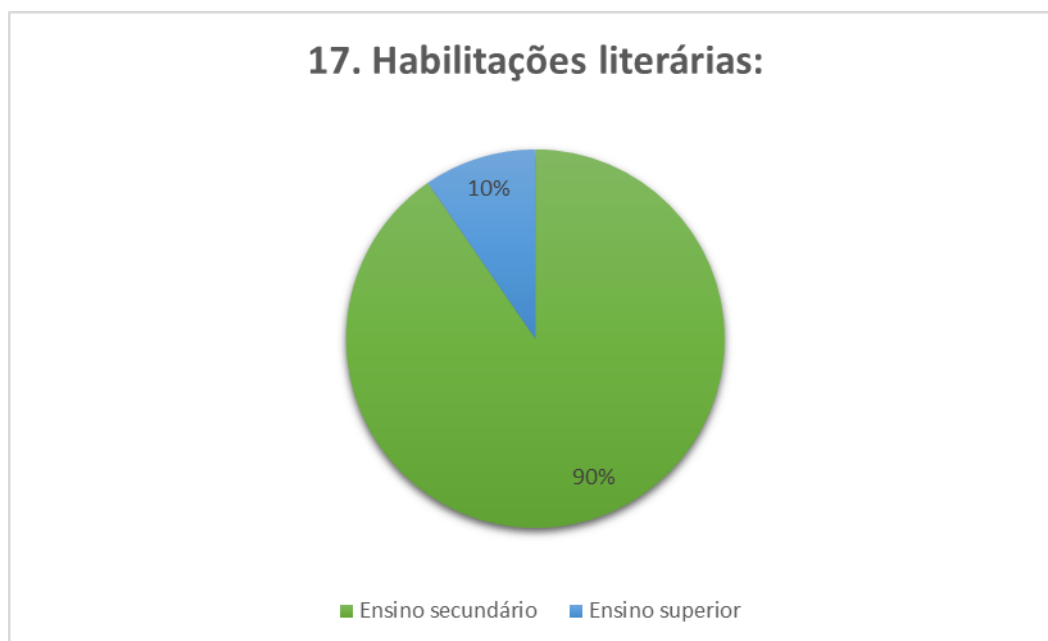
1º ciclo do ensino básico – 0

2º ciclo do ensino básico – 0

3º ciclo do ensino básico – 0

Ensino secundário – 94

Ensino superior – 10



18. Qual é a sua ocupação principal?

Exerce uma atividade profissional – 0

Está desempregado(a) – 0

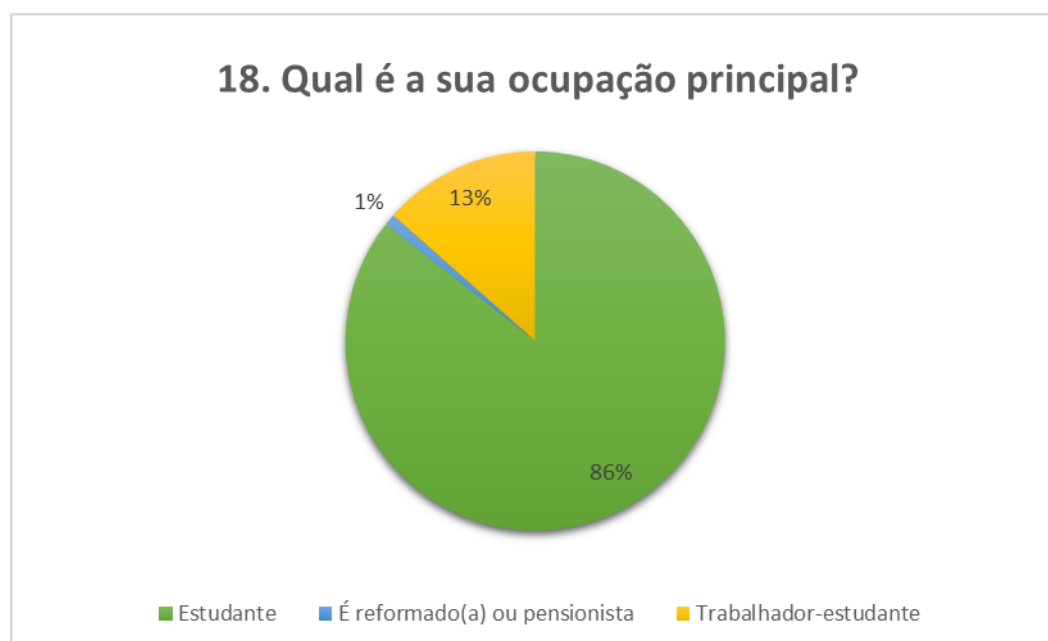
Está à procura do 1º emprego – 0

É reformado(a) ou pensionista – 1

Estudante – 89

Trabalhador-estudante – 14

Outro – 0



19. Se respondeu *Estudante*, indique a sua área de estudo:

História da Arte – 17

História – 12

Mestrado em História – 1

Mestrado em Arte e Património – 4

Estudos Linguísticos e Literaturas – 1

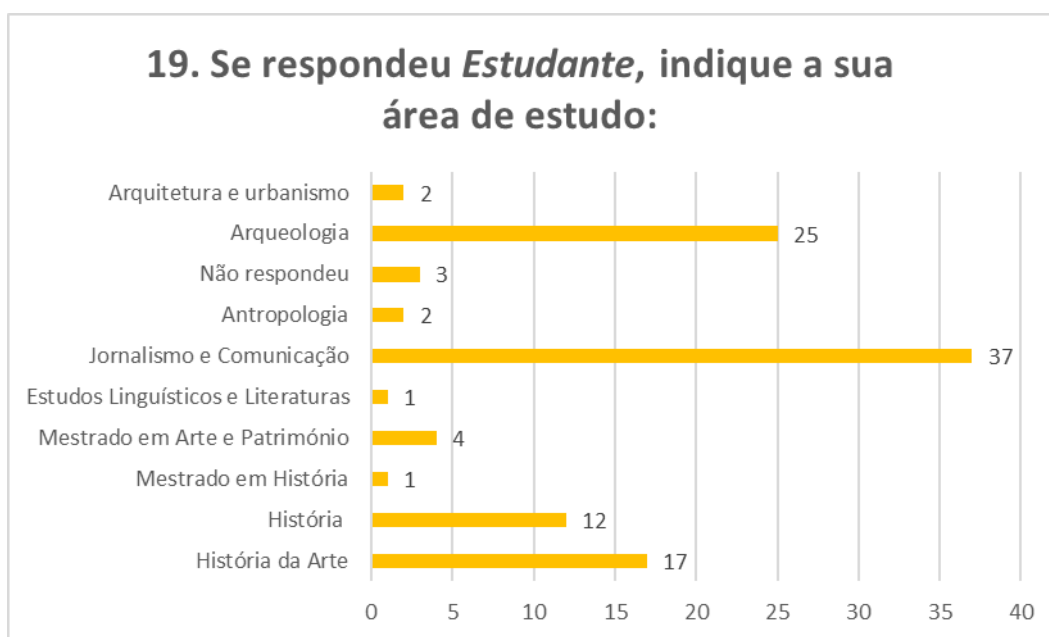
Jornalismo e Comunicação – 37

Antropologia – 2

Arqueologia – 25

Arquitetura e urbanismo -2

Não respondeu – 3



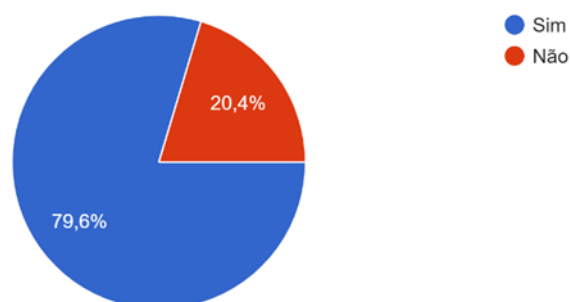
Doc. 4: Resultados dos 226 questionários preenchidos *online***1.** Costuma frequentar a Rua da Sofia em Coimbra?

Sim – 180

Não – 46

1. Costuma frequentar a Rua da Sofia em Coimbra?

226 respostas

**2.** Nos últimos 6 meses com que regularidade visitou a Rua da Sofia?

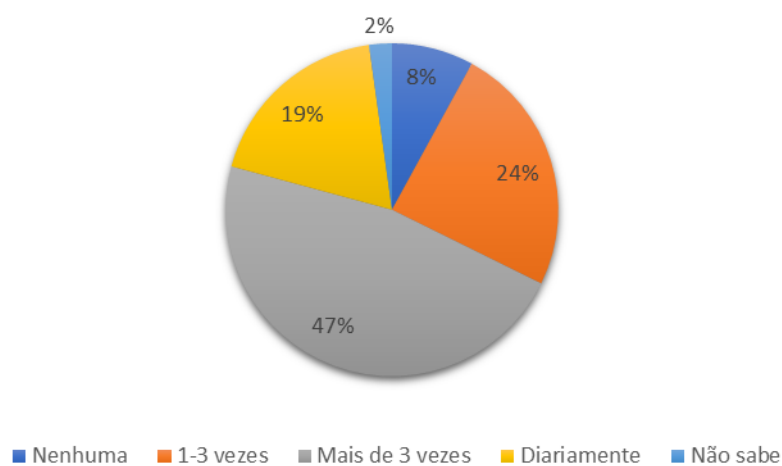
Nenhuma – 18

1-3 vezes – 55

Mais de 3 vezes – 106

Diariamente – 42

Não sabe – 5

2. Nos últimos 6 meses com que regularidade visitou a Rua da Sofia?

3. Porque é que frequenta a Rua da Sofia? (pode assinalar mais do que uma hipótese)

Serviços – 67

Comércio – 111

Habitação – 3

Motivos religiosos – 11

Via de passagem para outro destino – 167

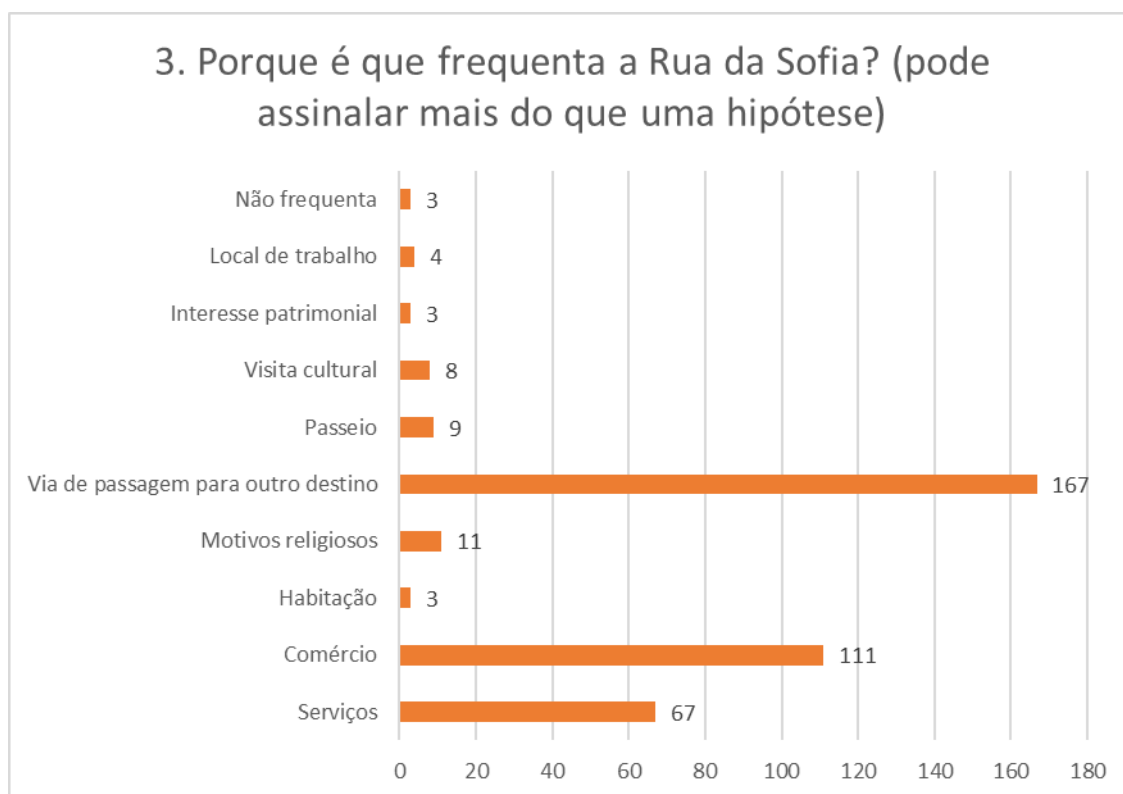
Outros: Não frequenta – 3

Local de trabalho – 4

Interesse patrimonial – 3

Visita cultural – 8

Passeio – 9



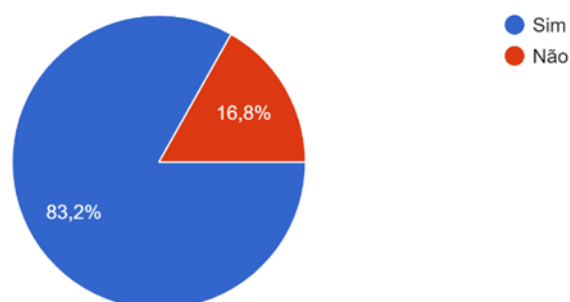
4. Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património Mundial?

Sim – 188

Não – 38

4. Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património Mundial?

226 respostas



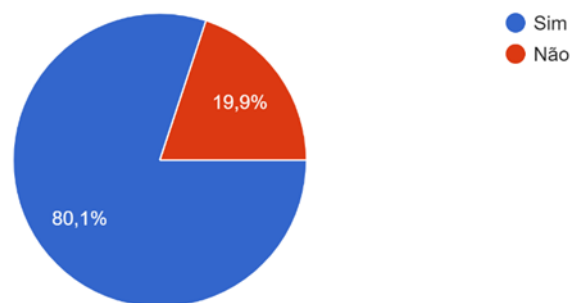
4.1. Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património?

Sim – 181

Não – 45

4.1. Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património?

226 respostas



4.2. Porquê?

Não respondeu – 5

Identificação com a sua história – 1

Abandono e degradação – 24

Valor patrimonial – 25

Atividade comercial – 2

Dificuldade de acesso às igrejas – 3

Falta de dinamização – 3

Falta de valorização – 2

Tráfego rodoviário intenso – 3

Valor histórico e arquitetónico – 39

Beleza – 7

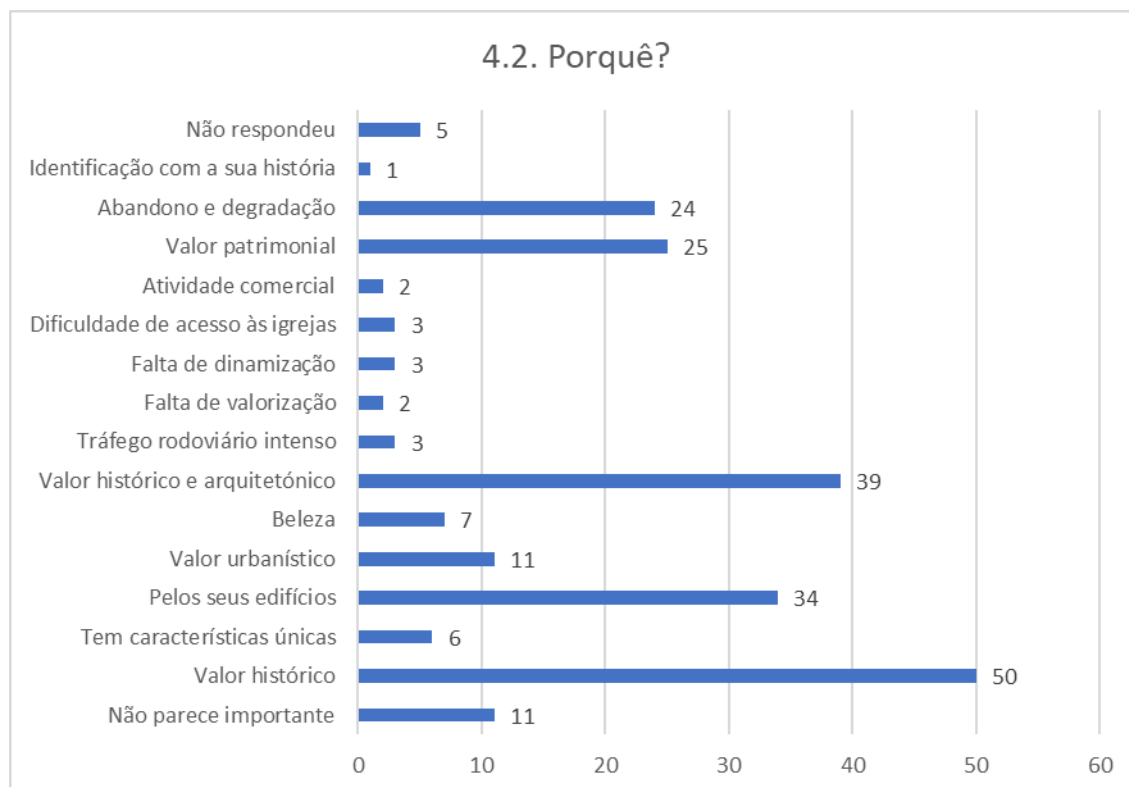
Valor urbanístico – 11

Pelos seus edifícios – 34

Tem características únicas – 6

Valor histórico – 50

Não parece importante – 11



5. Numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), avalie as seguintes afirmações.

a) A Rua da Sofia é um elemento muito importante na cidade de Coimbra.

1 – 1

2 – 4

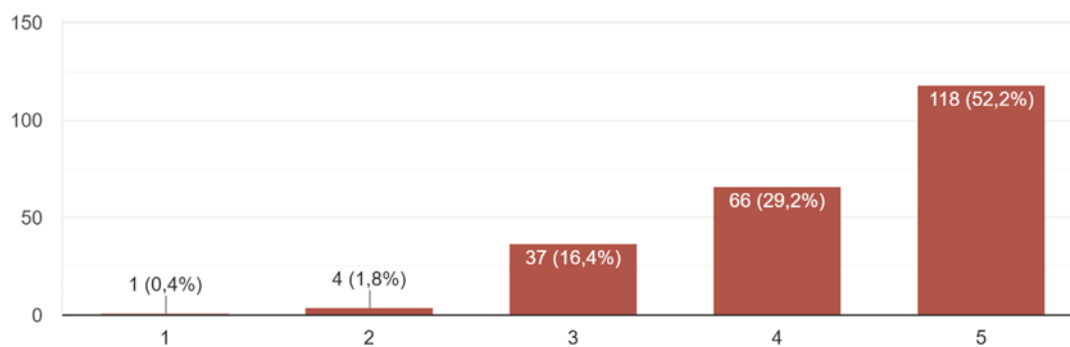
3 – 37

4 – 66

5 – 118

5. Numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), avalie as seguintes afirmações.

226 respostas



b) O facto da Rua da Sofia ser classificada Património da Humanidade pela UNESCO atrai pessoas que de outra forma não visitariam a Rua.

1 – 15

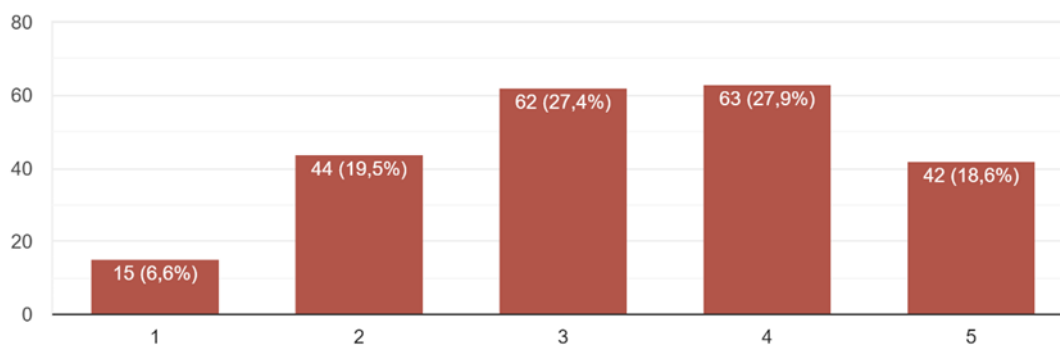
2 – 44

3 – 62

4 – 63

5 – 42

226 respostas



c) A classificação desta Rua como Património Mundial é uma forma de lhe dar reconhecimento.

1 – 2

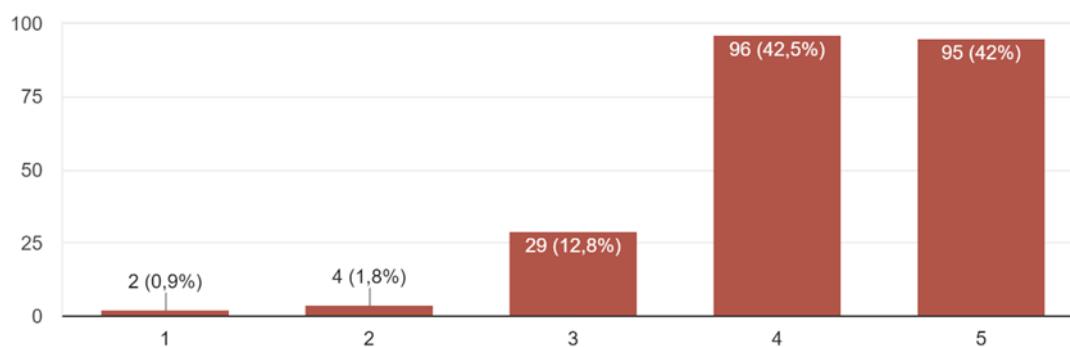
2 – 4

3 – 29

4 – 96

5 – 95

226 respostas



d) A Rua da Sofia tem valor histórico independentemente de ser ou não Património Mundial da UNESCO.

1 – 1

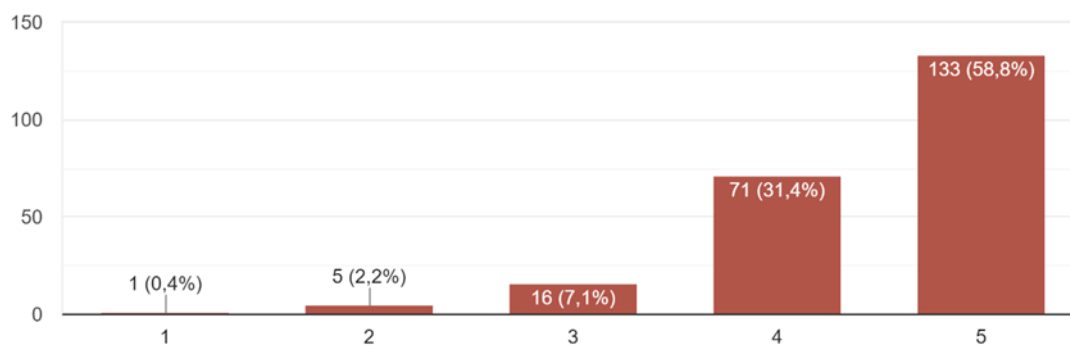
2 – 5

3 – 16

4 – 71

5 – 133

226 respostas



e) A passagem de veículos na Rua da Sofia influencia a minha perceção dos edifícios.

1 – 15

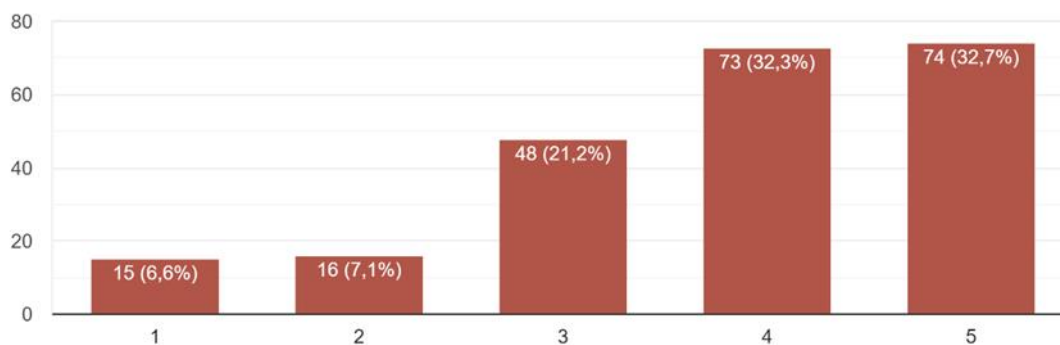
2 – 16

3 – 48

4 – 73

5 – 74

226 respostas



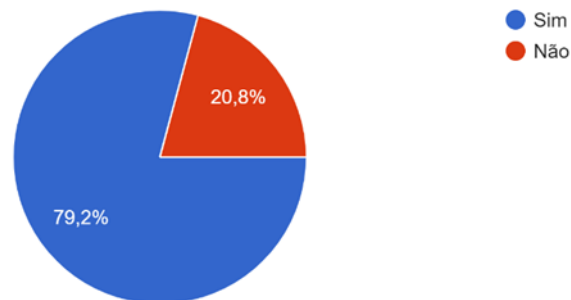
6. Sabe o que significa *Sofia*?

Sim – 179

Não – 47

6. Sabe o que significa "Sofia"?

226 respostas



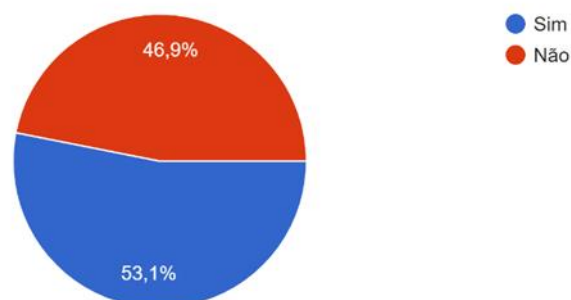
7. Conhece os motivos que levaram à construção desta Rua?

Sim - 120

Não – 106

7. Conhece os motivos que levaram à construção desta Rua?

226 respostas



8. A partir de que ano foi construída a Rua da Sofia?

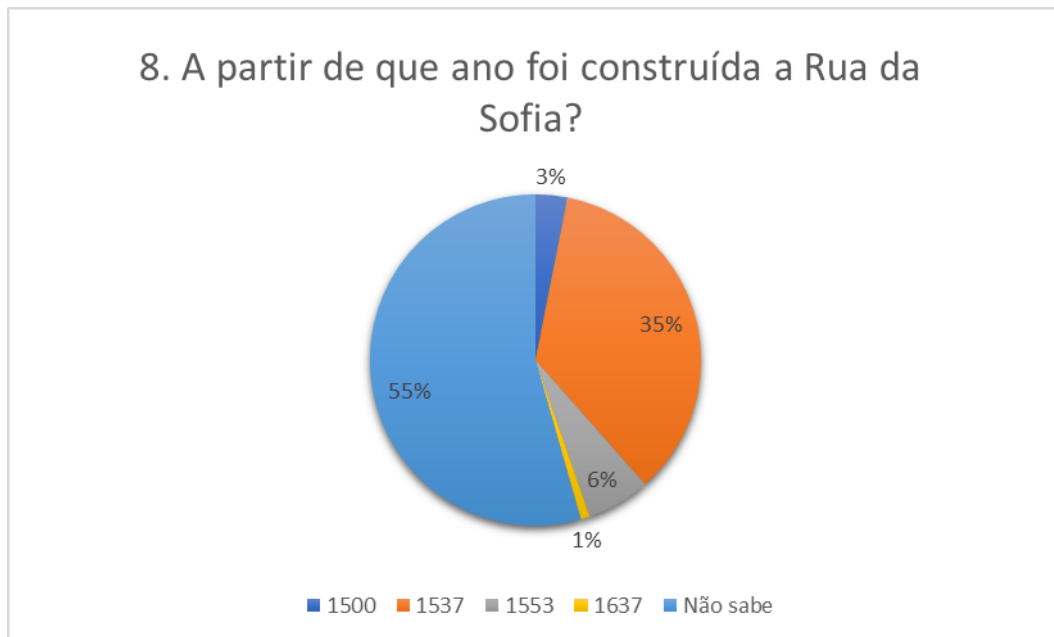
1500 – 7

1537 – 80

1553 – 14

1637 – 2

Não sabe – 123

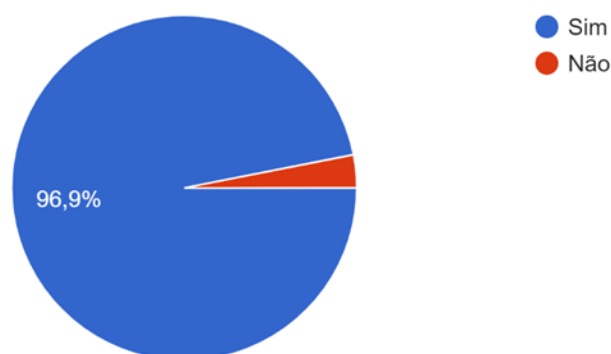
**9. A Rua da Sofia alberga vários colégios. Sabe o que é um colégio?**

Sim – 219

Não – 7

9. A Rua da Sofia alberga vários colégios. Sabe o que é um colégio?

226 respostas



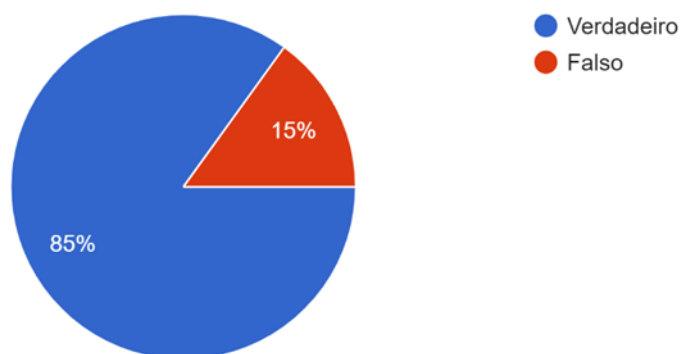
10. A Rua da Sofia tem parte de uma igreja dentro de um centro comercial.

Verdadeiro – 192

Falso – 34

10. A Rua da Sofia tem parte de uma igreja dentro de um centro comercial.

226 respostas



11. Quais são os aspetos mais positivos na Rua da Sofia?

Não respondeu – 8

Património – 24

Relação entre as pessoas – 9

Luminosidade – 7

Beleza – 15

Traçado urbano – 10

Dimensão e largura – 19

Via de saída da cidade – 4

Serviços – 8

Comércio – 22

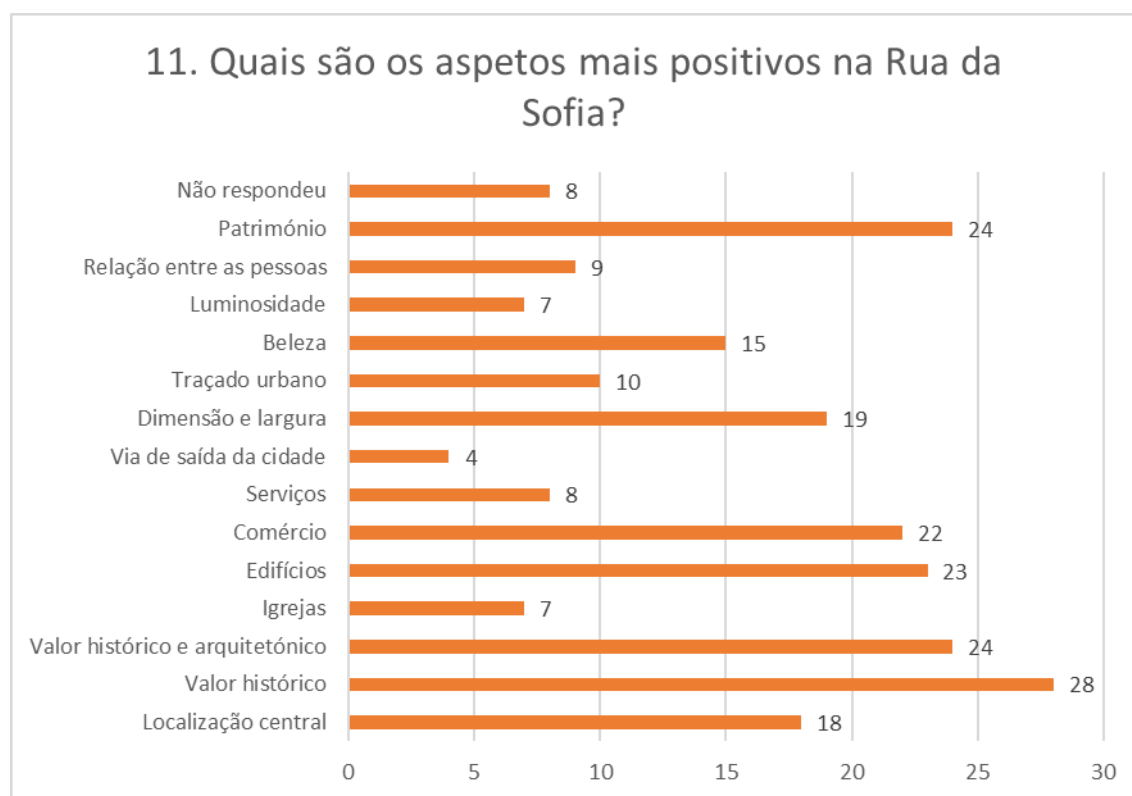
Edifícios – 23

Igrejas – 7

Valor histórico e arquitetónico – 24

Valor histórico – 28

Localização central – 18



12. Quais os aspetos menos positivos na Rua da Sofia?

Não respondeu – 11

Colégios não acessíveis ao público – 6

Falta de reabilitação e conservação – 12

Delinquência e mendicidade – 13

Falta de estacionamento – 6

Via de passagem para outro destino – 6

Falta de reconhecimento – 8

Lojas encerradas – 8

Falta de sinalética – 8

Comércio pouco atrativo – 12

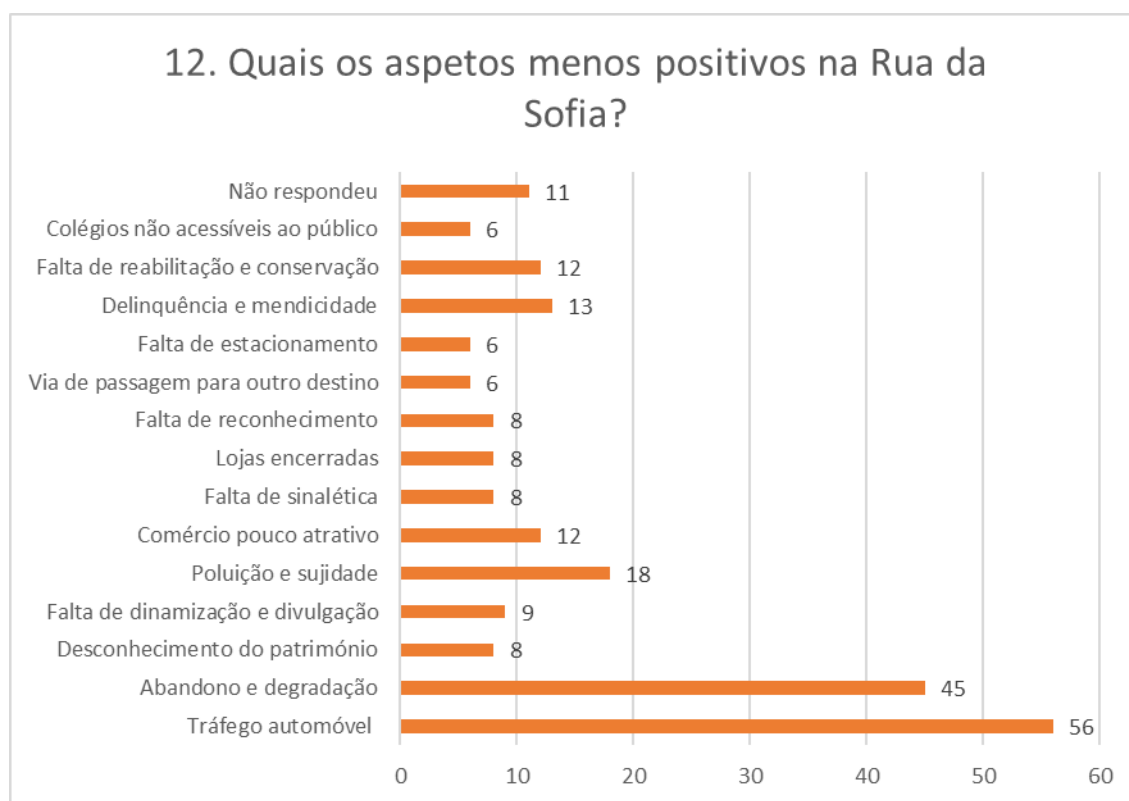
Poluição e sujidade – 18

Falta de dinamização e divulgação – 9

Desconhecimento do património – 8

Abandono e degradação – 45

Tráfego automóvel – 56



13. Se esta Rua fosse minha... (completar)

Não respondeu – 20

Os edifícios eram habitados e ocupados – 17

Reduzia o tráfego automóvel – 10

Estava limpa – 16

Era integrada nos circuitos turísticos – 11

Cativava lojas e empresas – 4

Era dinamizada e valorizada – 34

Dava a conhecer a sua história – 10

Proibia o tráfego automóvel – 30

Fomentava atividades culturais – 12

Tornava-a mais bonita – 20

Colocava estacionamento – 3

Era recuperada e revitalizada – 39



14. Género:

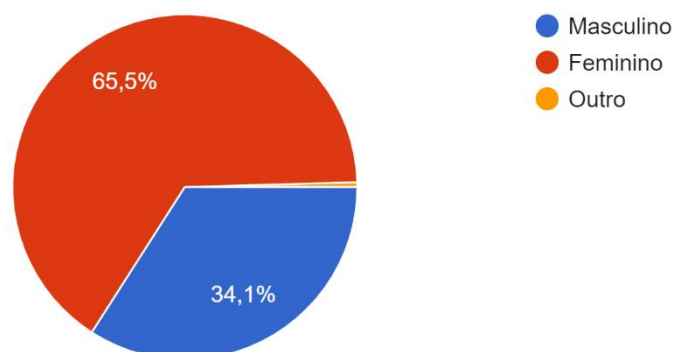
Masculino – 77

Feminino – 148

Outro – 1

14. Género:

226 respostas



15. Idade:

15 – 1

17 – 1

18 – 2

20 – 5

21 – 8

22 – 7

23 – 10

24 – 13

25 – 10

26 – 6

27 – 7

28 – 5

29 – 3

30 – 5

31 – 3

32 – 2

33 – 3

34 – 4

35 – 6

36 – 4

37 – 3

38 – 1

39 – 8

40 – 4

41 – 10

42 – 2

43 – 3

44 – 6

45 – 3

46 – 5

47 – 5

48 – 8

49 – 4

50 – 4

51 – 4

52 – 3

53 – 5

54 – 1

55 – 4

56 – 2

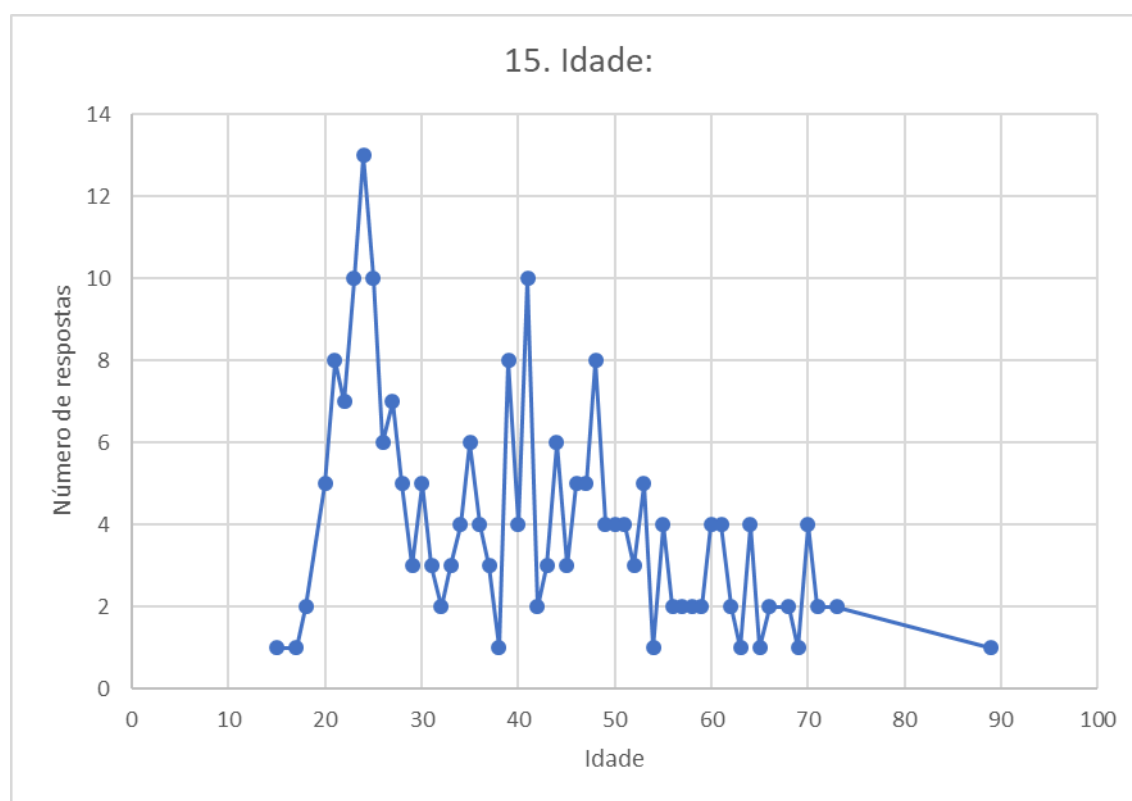
57 – 2

58 – 2

59 – 2

60 – 4

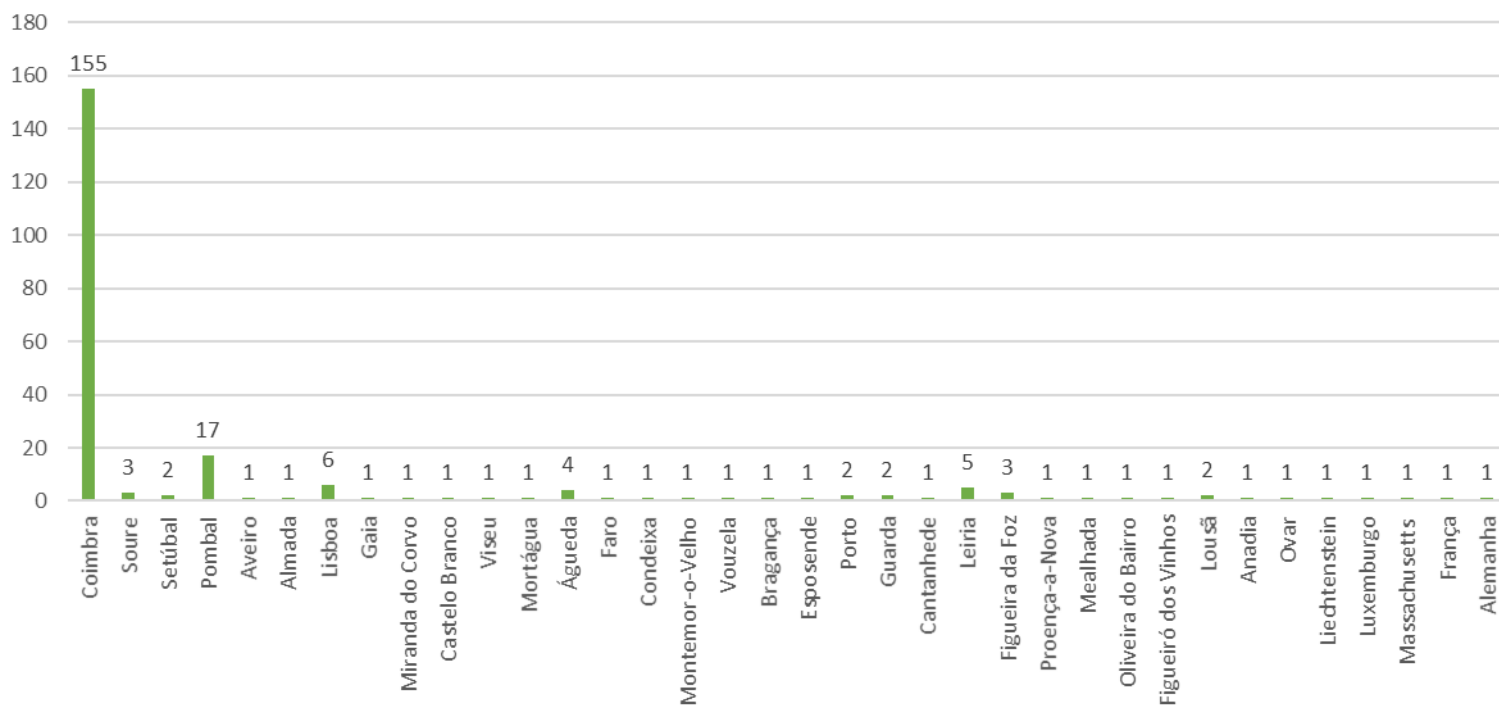
61 – 4
 62 – 2
 63 – 1
 64 – 4
 65 – 1
 66 – 2
 68 – 2
 69 – 1
 70 – 4
 71 – 2
 73 – 2
 89 – 1



16. Concelho de residência:

Coimbra – 155	Viseu – 1	Guarda – 2	Ovar – 1
Soure – 3	Mortágua – 1	Cantanhede – 1	Liechtenstein – 1
Setúbal – 2	Águeda – 4	Leiria – 5	Luxemburgo – 1
Pombal – 17	Faro – 1	Figueira da Foz – 3	Massachusetts – 1
Aveiro – 1	Condeixa – 1	Proença-a-Nova – 1	França – 1
Almada – 1	Montemor-o-Velho – 1	Mealhada – 1	Alemanha – 1
Lisboa – 6	Vouzela – 1	Oliveira do Bairro – 1	
Gaia – 1	Bragança – 1	Figueiró dos Vinhos – 1	
Miranda do Corvo – 1	Esposende – 1	Lousã – 2	
Castelo Branco – 1	Porto – 2	Anadia – 1	

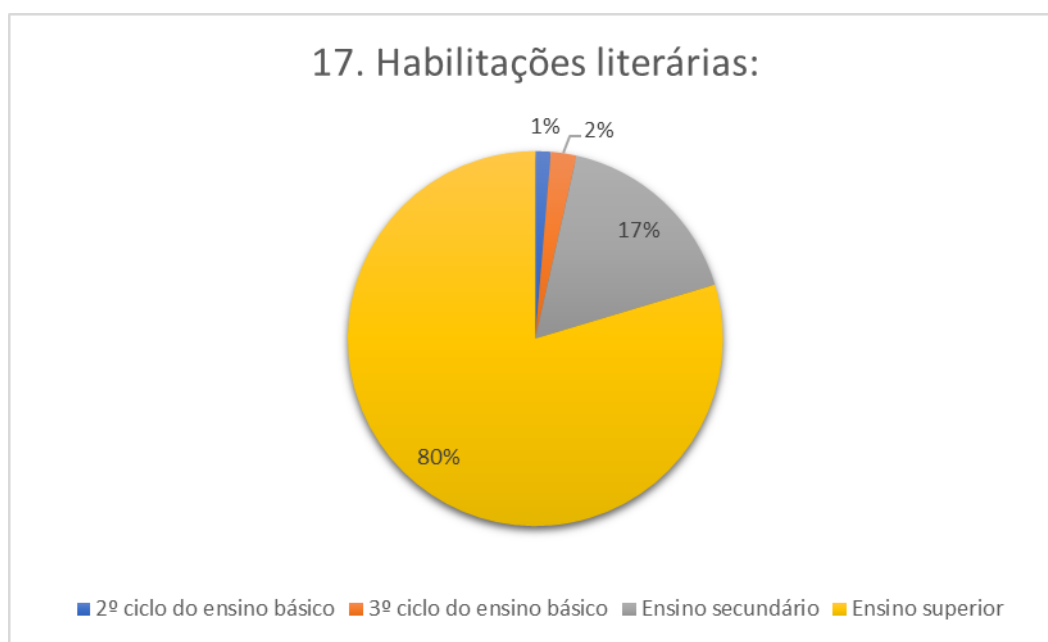
16. Concelho de residência:



17. Habilitações literárias:

- 1º ciclo do ensino básico – 0
- 2º ciclo do ensino básico – 3
- 3º ciclo do ensino básico – 05
- Ensino secundário – 38
- Ensino superior – 180

17. Habilitações literárias:



18. Qual é a sua ocupação principal?

Exerce uma atividade profissional – 147

Esta desempregado(a) – 9

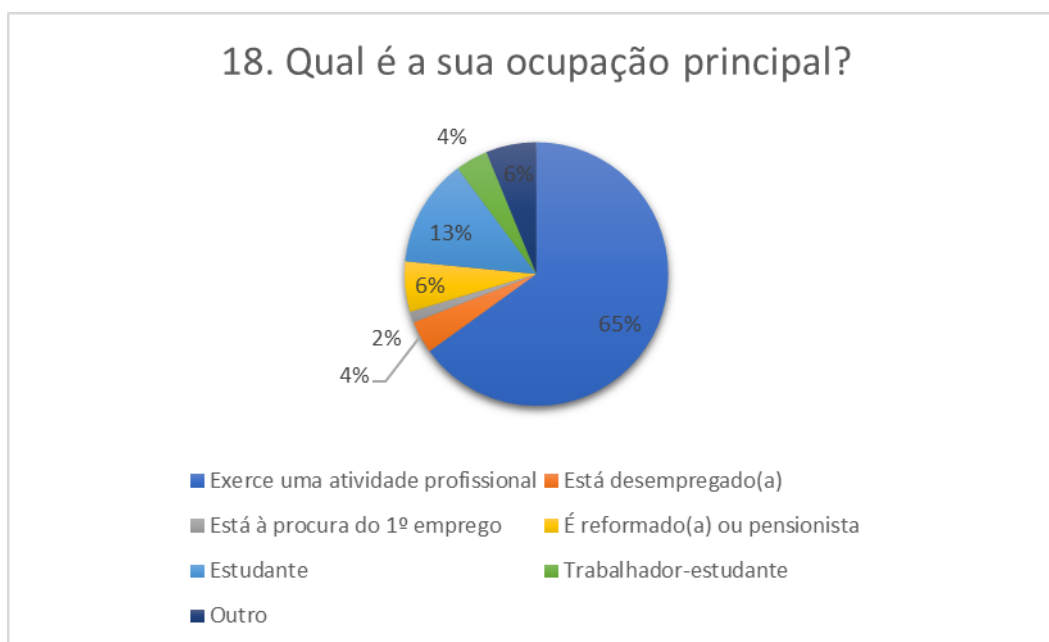
Está à procura do 1º emprego – 3

É reformado(a) ou pensionista – 14

Estudante – 30

Trabalhador-estudante – 9

Outro – 14

**19. Se respondeu *Estudante*, indique a sua área de estudo:**

Artes Visuais – 2

Arquitetura – 1

Arquitetura e urbanismo – 1

Cinema – 1

História da Arte – 8

História – 2

Comunicação – 1

Marketing – 2

Ciências do Desporto – 2

Gastronomia – 1

Geografia – 2

Antropologia – 3

Recursos Humanos – 1

Conservação de Bens Culturais – 1

Gestão Cultural – 1

Direito – 1

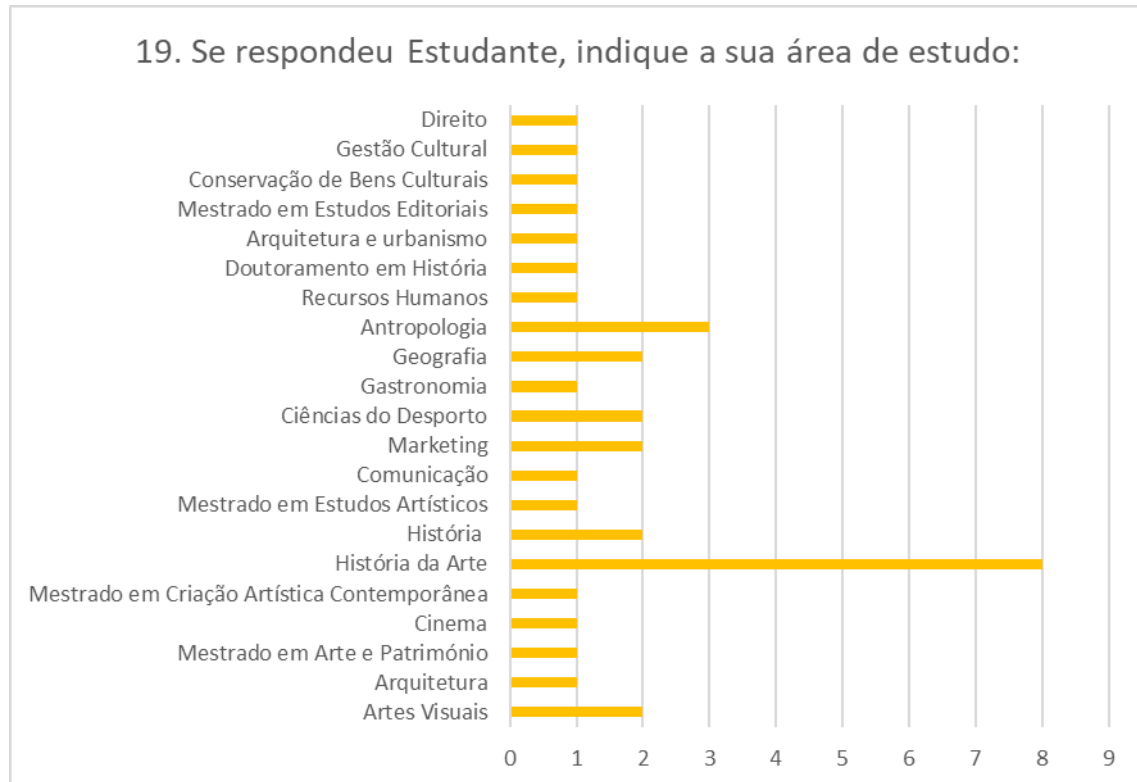
Mestrado em Arte e Património – 1

Mestrado em Criação Artística Contemporânea – 1

Mestrado em Estudos Artísticos – 1

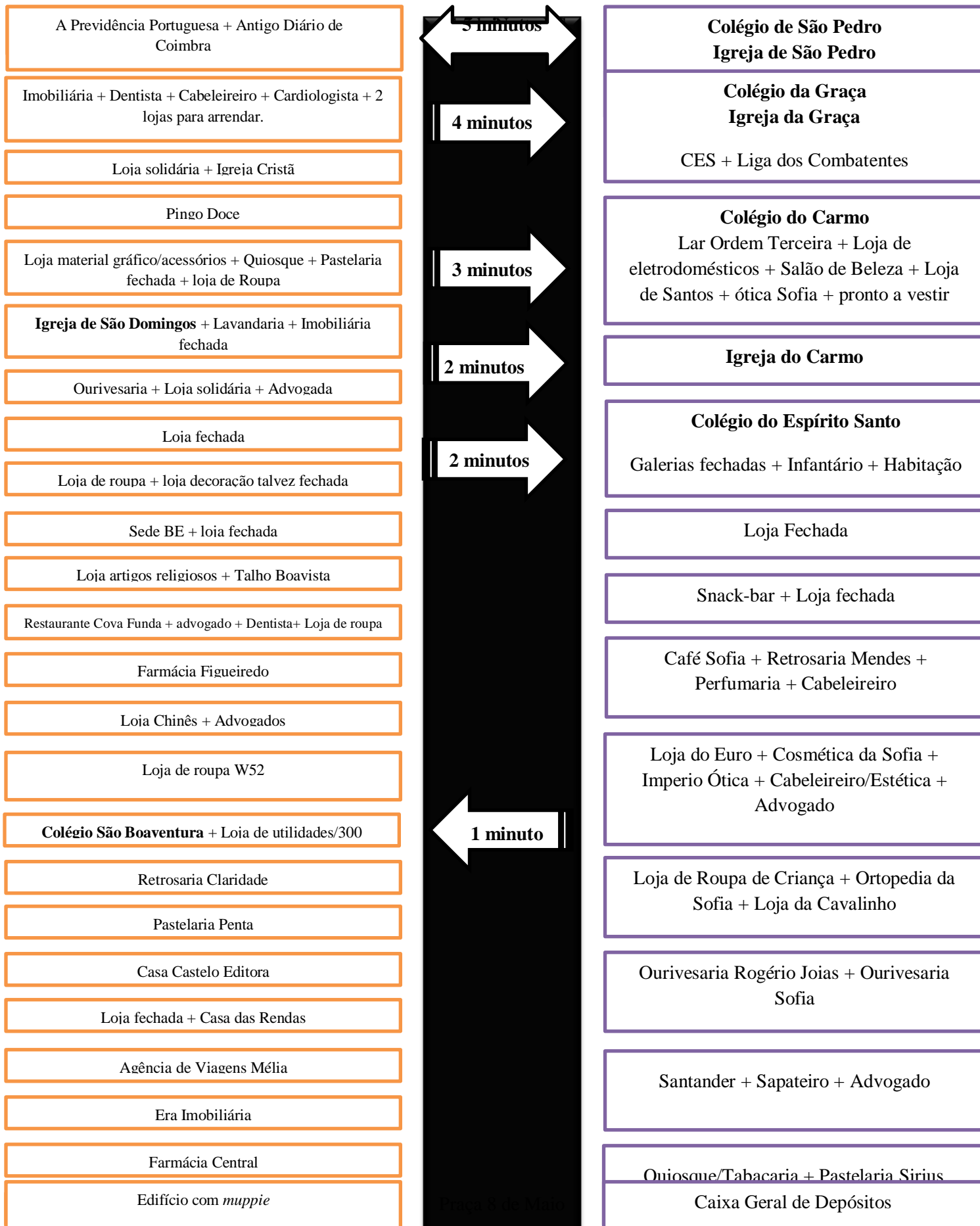
Mestrado em Estudos Editoriais – 1

Doutoramento em História – 1



Doc. 5: Mapeamento da Rua da Sofia.

Ver folha seguinte



Doc. 7: Texto da entrevista da Dona Aguinalda Simões. Escrito pela autora

Dona Aguinalda Simões da Graça Amaro, 43 anos, Café Sofia.

Bons dias

A Dona Aguinalda, mais conhecida por Dona Guida, trabalha na Rua da Sofia há 30 anos. Veio de Ansião para Coimbra com 18 anos, e começou a trabalhar no restaurante *A Democrática*, uma casa de pasto na Travessa da Rua Nova, estabelecimento que já não existe, e que se situava perto do atual *MijaCão*. Antigamente o restaurante era uma estalagem, mas isso já não foi do seu tempo. Trabalhou no restaurante durante 10 anos, e também lá dormia. A sua vida era passada lá, trabalhava muito, principalmente com estudantes, o restaurante estava sempre cheio. Começava a trabalhar às 9h e não tinha horário para sair pois tinha sempre muito trabalho. Por trás do restaurante existia a adega típica. A Dona Guida é do tempo das pipas, que vinham a rebolar pela Rua Nova abaixo. Ainda vendeu muito vinho “ao copo”. Saiu do restaurante e foi para a pastelaria *Sirius*, onde trabalhou durante 12 anos, tendo os seus filhos nesta época.

Há quase 7 anos, num espaço de uma semana, meteu-se numa aventura. A pastelaria *Sirius* passou a exploração da pastelaria para uma pessoa com a qual a Dona Guida não se identificava. Os senhores que estavam no café Sofia queriam sair deste espaço e insistiram para ela ficar com o mesmo, e ela acabou por ficar com o trespasse do café. Nessa altura só tinha o dinheiro da escritura. Ela entra no café às 6:30h da manhã e às 19h ainda lá está, não é um trabalho fácil, é bastante cansativo.

Sabe que a Rua da Sofia é Património Mundial, mas não a considera como tal. Na sua opinião a Rua não mudou desde que foi classificada Património, há 6 anos. Está esquecida, feia e suja. Os comerciantes estão lá e querem mostrar exatamente isso, mas a Rua está parada. Devia ser zelada porque é das ruas mais importantes de Coimbra, tem tanto significado e está abandonada por quem manda, por quem pode, não está abandonada pelos comerciantes (que precisam dela), está abandonada por quem devia cuidar dela, os comerciantes tentam fazer o seu melhor, mas sem ajuda pouco podem fazer, o que a deixa triste. Para ela a Rua é linda, de uma ponta à outra, tem um princípio e um fim, mas acaba na mesma linha. Durante a nossa conversa, a Dona Guida emociona-se ao falar sobre a Rua da Sofia, nota-se que nutre por ela um grande carinho.

Há muitos anos atrás a Dona Guida gostava de trabalhar com os estudantes, eles respeitavam as pessoas, o que não acontece atualmente. Na Latada e na Queima das Fitas fecha o seu estabelecimento. Os estudantes não vêm para a Rua da Sofia, não a ajudam, só passam para ir ao

Pingo Doce e à sexta-feira para irem para a Rodoviária para voltarem para casa. De resto só aparecem para pedir patrocínios para os carros alegóricos do Cortejo da Queima das Fitas.

Quando lhe perguntamos que acontecimento a marcou mais na Rua da Sofia a sua resposta é imediata, a imagem da Rainha Santa Isabel marcou-a muito. Antigamente a Rainha Santa Isabel vinha sempre para a Igreja da Graça na Rua da Sofia, e ela ficava à espera, à noite, que a imagem chegasse à Igreja, o que acontecia por volta da meia-noite. Ver a rua cheia de gente e ver a Rainha Santa a passar era algo maravilhoso para si. Atualmente o que a marca mais são as marchas. Abriu o seu café durante essa noite, tendo vendido, no primeiro ano, 10kg de sardinha, no ano seguinte vendeu 20kg, e já foram realizadas 3 marchas, que têm sido um sucesso, com cada vez mais estabelecimentos a aderirem e a abrirem as suas portas. As coisas más, os acontecimentos menos positivos, não a marcam. Com o passar do tempo aprendeu a observar as pessoas. Ainda hoje tem aquelas pessoas que há 30 anos diz “bom dia”.

Se pudesse fazer o que quisesse na Rua da Sofia mandava restaurar toda a Rua, abria as janelas, alugava quartos, dava vida à Rua, pedia às pessoas para viverem na Rua da Sofia. Mandava colocar flores nas janelas, embelezar a Rua. Gostava de ver na Rua pessoas, crianças e carrinhos de bebé, gostava que existissem parques infantis, e espaços agradáveis onde as pessoas pudessem passear, principalmente à noite. Diz-nos que já não pede árvores, mas gostava pelo menos de ter os passeios mais largos, paragens de autocarro, ou de elétrico, gostava de recuperar as coisas boas que a Rua já teve. A Rua da Sofia devia ser uma Rua histórica. Os turistas deviam visitá-la e quem vive em Coimbra devia usar a Rua. Devia haver uma biblioteca, pequenos museus, e no Terreiro da Erva podia ser feito um parque infantil.

Doc. 8: Texto da entrevista do Sr. Alídio Mendes. Escrito por Rute Tavares

Alídio Mendes Pereira, 75 anos, Retrosaria Mendes

Retrosaria Mendes – Um homem cheio de sorte.

A Rua da Sofia parece demasiado grande para a Retrosaria Mendes, sentimos sempre tanta pressa naquele corredor ladrilhado que nem damos conta que ali, naquele cantinho do Colégio do Espírito Santo, se encontra cor, luz e muitas histórias por contar. Quando entramos na loja fica difícil focar a nossa atenção numa coisa só, são tantas linhas de cores vibrantes, cubículozinhos de roupa cuidadosamente dobrada, malhas para recém-nascidos com os acabamentos mais doces, babetes sobrepostos de forma padronizada, entre tantas outras coisas supervisionadas pelos olhos de *chucky* dos manequins infantis. Estes são os detalhes materiais que dividem a nossa atenção que se adensa com o barulho desordeiro do tráfego da rua e que apenas se acalma, quando Alídio Mendes começa a falar. Enquanto conversamos descontraidamente sobre a rua percebemos que o Sr. Mendes a considera património pelo valor histórico, e sabe de forma superficial a história da construção dos colégios. Mas quando lhe perguntamos o que é que a Rua da Sofia tem de belo, Alídio Mendes, sem hesitar, diz que não tem “nada de especial, é uma rua como outra qualquer”. Existe um desconsolo leve que lhe assombra o rosto quando profetiza estas palavras, e depois de um breve silêncio, percebemos que elas não foram verdadeiramente sentidas.

A estatura pequena não faz jus à grande simpatia com que nos conta a sua estória. Alídio Mendes nasceu na Serra do Buçaco em 1944, e depois de terminar a quarta classe, o seu pai disse que na sua casa “não havia papa para malandros”, o que o levou, ainda criança, a mudar-se para a cidade em busca de uma oportunidade de trabalho. Porém, entre esta mudança, ainda teve a sorte de poder fazer um seminário com o padre da paróquia, mas não teve muito sucesso e passados três meses regressou a casa, onde lhe esperava a tão aguardada mudança para a cidade de Coimbra. Aos onze anos chegou à Rua da Sofia porque tinha de trabalhar, mesmo ainda não percebendo o que isso era e para que servia. “Tive a sorte”, é a expressão que repete novamente para descrever a forma como arranjou emprego: começou numa sapataria na grande via e ali ficou até aos dias de hoje, porque o patrão gostou da sua cara e do seu serviço ao ponto de lhe ter deixado a loja. Entretanto mudou de loja, mas não de rua, e o seu negócio passou a ser uma retrosaria, que chegou a ter cinco empregados devidamente fardados de fato e gravata, que recorda como “os pobres engravatados”.

A Retrosaria Mendes é uma das lojas mais antigas da Rua da Sofia, com quase cinquenta anos de idade. Durante este tempo, o Sr. Mendes assistiu a várias mudanças na rua, no comércio e

nas pessoas. O tipo de cliente mais frequente que entra na retrosaria são os da casa, os que até têm direito a um banco para se sentarem e conversarem, enquanto escolhem mais um *baby-grow* para o bisneto. Não obstante, o leque de clientes consegue ser mais variado, ainda que muitas vezes ligados por um cordão umbilical, pois os clientes mais novos acabam por ser filhos dos mais velhos que conhecem a fama da retrosaria. Atualmente sente que as grandes superfícies empobreceram o comércio tradicional de rua, e a falta de revitalização da Rua da Sofia é uma agravante, mas o seu lado conformista é de acordo que cada coisa tem a sua época e que os problemas da baixa de Coimbra são irreversíveis. Conta-nos com alguma indignação que por vezes passam à porta da retrosaria e dizem – “Olha este cá se vai aguentando” ou “Estás a ver? Está cá o Senhor”.

Em relação ao seu próprio negócio confessa que – “Eu já sou pequenito por natureza, nunca quis crescer o meu negócio, e sinto-me bem assim.”. Pergunta-se: “O que é a riqueza? Todos são ricos do que têm e pobres do que não têm”, e como este é um tema que lhe inflama o pensamento, reproduz o seguinte ditado que aprendeu com o tempo – “Mais vale o mal da inveja do que o bem da caridade”. Todavia, concorda que devemos manter aquilo que nos deixaram, e assim fez durante quase meio século, no entanto, não pretende manter a retrosaria para a próxima geração e que tenciona desfazer-se da loja antes de partir.

Entre a Retrosaria e a Biologia

A vida na aldeia ensinou-lhe parte das técnicas da agricultura, que exerce até hoje ainda que forçosamente. O contacto com a flora é pelo hábito, mas o contacto com a fauna é uma paixão que não consegue esconder. Aos dezoito anos recebeu dos pais uma arma de fogo, para poder exercer as habilidades da caça, que tanto orgulhavam a sua mãe que sonhava ter um filho caçador. Mas para o homem que se desvia de qualquer inseto para não o machucar, esta atividade revelou-se sádica e confessa que matar animais não estava na sua natureza e com facilidade colocou a espingarda de lado. O Sr. Mendes trabalha numa retrosaria mas podia muito bem ser biólogo se tivesse tido essa oportunidade, conta que nutre um admirável interesse pela vida animal e que conserva em álcool alguns animais que encontra já sem vida. Entre estórias, conta-nos que gosta de tratar de todos os gatos que aparecem por casa, relata um episódio de uma estranha gata que lhe ficou eternamente agradecida pelo carinho que um dia lhe trouxe “a parte nobre do rato” como oferenda. Não se pode amar um gato e menosprezar a vida de um pássaro, por isso, sempre que Alídio vê passarinhos distraídos, avisa-os de duas formas: ou cantando como eles ou dizendo – “poe-te ao fresco, que daqui a nada estás no papo de um gato” – a razão para os gatos não é por acaso.

A rua que ensina

Os dias passam quase sempre todos iguais, mas alguns ficam profundamente marcados. Quando lhe perguntamos por um episódio ocorrido na Rua da Sofia que tivesse ficado gravado na sua memória, ele relata-nos a seguinte estória – nos finais do século XX a rua tinha ainda carris para os autocarros elétricos, cujo tráfego começava a aumentar não só a quantidade, mas também na velocidade. Um dia, em frente ao seu estabelecimento, uma jovem de vinte e sete anos tropeça num desses carris e é atropelada por um carro que não conseguiu realizar uma travagem segura. Depois de assistir a este acontecimento que não deixava a sua mente em paz, decidiu ligar para o hospital para saber o estado da jovem, ao qual a enfermeira informou que a jovem já chegou ao hospital sem vida, e que estava grávida. Este triste acontecimento é ainda hoje um dos que mais o impressionaram.

Para o Sr. Mendes a via sempre enfrentou problemas relacionados com o trânsito. Recorda que existiu na rua a Rodoviária José Maria dos Santos, que apesar de trazer movimento também acarretava um certo engarrafamento rodoviário. Além disso, ainda existiam estacionamento na própria rua que só eram possíveis de serem utilizados por quem possuísse um disco azul, que era adquirido no posto da polícia. É evidente que tudo isto, tornava a rua num corredor de atmosfera poluída e ensurdecadora, características que se mantêm até à atualidade. Para por fim a esta adversidade urbana, conseguiu reunir três mil assinaturas para colocar apenas um sentido na rua e uma paragem de autocarro, mas este esforço não teve qualquer efeito, ficando espelhada na opinião de Alídio Mendes a pouca fé que tem nos autarcas. Por um lado quer acreditar que a conjuntura pode ser diferente, mas por outro há uma sombra que o inunda que não o faz confiar em nada.

Com a conversa a chegar ao fim, é evidente que aquelas palavras iniciais não foram sentidas. Não é fácil pensar o património que está envidraçado ou protegido, quanto mais pensar o património que se usa todos os dias. Porém, apesar das indecisões, o Sr. Mendes reconhece que a falta de turismo e jovens na rua é um problema que a assombra. Numa primeira conversa parece que não tem qualquer interesse pela rua e que a deixava como está, mas numa segunda ronda em que a reflexão faz despertar uma réstia de esperança, é com convicção que afirma que o mais importante para trazer à rua são os estudantes e a Universidade de Coimbra. Aguarda por um futuro prospero, acreditando que a juventude e as novas mentalidades possam elevar o património da Rua da Sofia.

Depois de perguntar o que afinal o prendia à rua, ficou sem explicação mesmo já tendo pensado numerosas vezes nessa resposta, apenas diz que “é algo de transcendente”. Se estive

sempre indecisa quanto à posição do Sr. Mendes face à importância da rua na sua vida, fica claro com a seguinte afirmação que a *Sofia* foi uma das maiores paixões da sua vida – “Eu não trocava a Rua da Sofia por nenhuma rua, por muito movimento que tivesse. Tudo o que eu aprendi, foi aqui, mas não foi em colégio nenhum, foi com o trabalho”. Afinal, a *Sofia* sempre tem algo de belo.

Doc. 9: Texto da entrevista da Dona Alice Abreu. Escrito por Rute Tavares

Maria Alice de Oliveira Abreu, 59 anos, Lar da Ordem Terceira

A Rua que podia ser o jardim das delícias.

A entrevista com a Dona Alice aconteceu por acaso. Estávamos a ir em direção ao Colégio do Carmo, para agendar a entrevista para um dia da semana, sem pressa. Ao tentar entrar no colégio, os nossos corpos quase embatem com o da Dona Alice que estava precisamente a sair naquele momento. Para ela, não foi coincidência, mas sim um acaso destinado, que faz parte da energia da sua vida. Ela aparece sempre para ajudar, quando alguém, mesmo sem falar, a procura. Ficámos por ali no claustro do colégio e tão cedo não saímos, porque a entrevista estava prestes a começar.

Os vários tons de azul que nos rodeiam acentuam a frieza da pedra do claustro do Colégio do Carmo. O azul está no céu, nos azulejos rococó e nos olhos da dona Alice. Em relação à Rua da Sofia, sabe um pouco da sua história, mas não considera a rua património. Apesar de saber do seu valor, admite com um dissabor, que “a rua está esquecida.”

Habituada a trabalhar em ruas movimentadas como a Ferreira Borges, quando se mudou para a Rua da Sofia, sentiu que fez uma redescoberta, afirma que “quem vê de fora não sabe os conteúdos das casas”. Trabalhou no ramo do comércio, do qual recorda boas memórias sobre corações puros que a marcaram até hoje. No entanto, sempre soube que era com pessoas que gostava de trabalhar o resto da vida, fossem crianças ou idosos. É com essa dedicação que começa a sua jornada como auxiliar de serviço social e animadora sociocultural na Venerável Ordem Terceira. Uma casa de saúde inserida no Colégio do Carmo, um espaço que a faz esquecer que está na célebre Rua da Sofia, uma rua cheia de trânsito e barulho, que desaparecem mal se entra no edifício. Espaços incorporados, pedra forte e robusta que silencia qualquer reboliço tão típico das cidades agitadas.

Aprendeu a trata a rua por tu, caminha nela há quase 30 anos, são muitos dias, muitas horas e muitas vivências. Tem vários episódios que a marcaram ocorridos na rua, mas existe um momento que se manifestou logo num grande sorriso. Numa manhã, acompanhada pela Doutora Alexandra, foram acompanhar uma paciente do lar ao banco para realizar umas transações. Em frente à Pastelaria *Sirius*, reparam que a senhora tinha deixado escorregar as cuecas. Quando se apercebem, o momento congela e em milésimos de segundo tentam encobrir a situação. É com embaraço que a Dona Alice agarra as cuecas e as coloca dentro da carteira da senhora, sem dar o

mínimo de atenção. O momento de riso, torna-se também num momento de reflexão, aprendeu várias lições ao acompanhar e cuidar de idosos durante tantos anos. Considerava os idosos de antigamente mais sábios do que são hoje, aprendeu muito com alguns pacientes que já partiram, aos quais reza para protegerem o colégio e “tomarem conta disto”. Relembra que tem um leque de histórias com idosos, que as próprias colegas lhe dizem que devia escrever um livro de memórias. Afirma que se um dia o escrever, vai ser o livro da sua vida.

Foi escuteira durante muitos anos, trabalhou na área do comércio e também com doentes mentais. Aprendeu a lidar com a natureza humana em várias formas e estados, enquanto cuidava de doentes mentais, fez imensa formação na área e conta que tem o privilégio de saber ler as emoções e os rostos das pessoas. Um saber que se cola com o que designa de “rótulo na testa: procurem-me que eu gosto”, que mais não é do que a vontade que tem em ajudar pessoas com debilidades, sejam elas físicas ou emocionais.

Ao longo de todos estes anos, diz-nos que o que aprendeu a observar a Rua da Sofia é que o tempo e o descuido humano são destruidores. Aponta a falta de restauro e conservação dos edifícios como um ponto negativo da rua que é bem visível aos seus olhos. Aprendeu também a observar os rostos das pessoas, e os olhos. Admite que os rostos são mais felizes na Rua Ferreira Borges e Visconde da Luz, porque são rostos que pertencem a turistas, que andam à descoberta. O português que frequenta essas ruas é para ir trabalhar, para usufruir de algum serviço ou porque está de passagem, porque a maioria do comércio é direcionado a turistas, com lojas repletas de objetos que refletem uma ficção identitária de portugalidade. Pela observação da Dona Alice, o turista direciona-se à Alta Universitária, desce o Quebra-Costas, fica pela Baixa, e quando chega ao Mosteiro de Santa Cruz não entra na Rua da Sofia. A única razão que vê que proporciona movimentação na Rua da Sofia é o Pingo Doce, afirma com uma risada que é o “monumento principal”. Na Rua da Sofia os rostos mais felizes que se veem são o das crianças, porque a maioria anda na rua à pressa de rosto triste.

Com a agitação dos ensaios do espetáculo *Sofia, Meu Amor!* percebeu que as pessoas começaram a questionar-se sobre o que se estava a passar, principalmente com toda a movimentação de dentro para fora daqueles edifícios gigantes. Sem perder a oportunidade, a Dona Alice conta que sempre que pode mostrou o interior do Colégio do Carmo e contou a estória do profeta Elias que se pinta no azul e branco dos azulejos que rodeiam o claustro. São feitas algumas visitas, mas não são suficientes para dar a conhecer a história daquele património.

A maior mudança que assistiu na rua foi o encerramento das igrejas, e espera que a abertura e restauro de todos os edifícios seja o próximo passo do município de Coimbra, diz que “estamos sempre com a injeção da esperança, de que isto vai acontecer”. Aponta o trânsito e a irresponsabilidade dos transeuntes como um ponto negativo da rua, e classifica o comércio da rua de “abre e fecha”, que faz com que veja pessoas “à porta tristes, à espera que o cliente venha”.

Considera D. João III a personalidade mais importante da rua pela mente aberta que teve para construir uma rua tão imponente, de objetivos tão educacionais. Sonha que se faça jus a esta obra urbana do século XVI, projetando o futuro da rua para um ambiente luminoso, cheio de turistas, igrejas abertas e comércio atrativo. Se pudesse fazer o que quisesse, a Dona Alice enchia a rua de flores, especificamente de sardinheiras. Conclui dizendo: “Acho que os nomes às vezes dizem muito, quando *Sofia*, de facto, é sabedoria, nós devíamos dar à rua o valor do significado que ela tem, e daí eu dizer que as flores ficavam cá bem. Era uma maneira de embelezar a sabedoria”.

Doc. 10: Texto da entrevista do Professor Adelino. Escrito pela autora

Prof. Doutor Adelino Augusto de Abreu Fernandes Marques, 87 anos, Lar da Ordem Terceira

O Sábio Professor

O Professor Adelino, como é tratado carinhosamente por todos no Lar da Ordem Terceira, é um senhor fascinante. Consegue cativar-nos com as suas histórias e memórias, e arranca-nos sempre um sorriso com o seu bom-humor.

Apesar de não ter nascido em Coimbra, esta é a sua casa desde tenra idade. No final da década de 30 frequentou a escola primária de São Bartolomeu e durante todo o seu percurso escolar conheceu bem Coimbra por andar a vadiar pelas suas ruas, como nos diz de forma divertida. Já adulto abriu um consultório na Rua da Sofia, e foi até 2001 diretor do serviço de Nefrologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Foi presidente da Sociedade Portuguesa de Nefrologia entre 1988 e 1991, bem como da Sociedade Portuguesa de Climatologia e Hidrologia Médicas, entre 1977 e 1982. O seu destacável mérito enquanto nefrologista levou a que presidisse à Comissão Nacional de Diálise e Transplantação, de 1990 a 1993. A sua carreira de médico foi conciliada com a de Professor, tendo chegado a professor catedrático em 1982.

Além de todos estes cargos, desde a década de 60 que está ligado à Ordem Terceira de São Francisco. Sendo irmão da Ordem assumiu responsabilidade nos seus órgãos governativos, nomeadamente no conselho fiscal e no conselho diretivo. Foi presidente do conselho diretivo e ministro da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, cargo que deixou há 3 anos. Continua muito ligado à instituição, sendo visível a admiração e o carinho que todos nutrem pelo professor, e que este nutre por aquela casa onde faz visitas regulares, apesar da sua avançada idade. Reforça que não deixou naturalmente de ser irmão pelo facto de ter deixado de pertencer aos corpos sociais.

O Professor Adelino é um homem muito conhecedor, com uma memória incrível e com um discurso coeso e fluído, que relatamos neste texto. Considera a classificação da Rua da Sofia mais que merecida, mas tem pena que esta esteja no estado de degradação em que está. Contou-nos a história da construção da Rua da Sofia muito detalhadamente e enumerou todos os seus colégios, falando também das ruas estreitas de Coimbra medieval, dos colégios da Alta e da Coimbra Universitária desde o século XVI.

Acha que a Rua da Sofia tem um aspeto triste pela degradação dos edifícios e salienta que necessita de obras para as quais é difícil arranjar verbas. O Colégio do Carmo está a necessitar de obras, os painéis de azulejos já foram restaurados, obra que foi dispendiosa. A Igreja está encerrada por

motivos de segurança, pois necessita de obras de requalificação arquitetónica. Embora exista um projeto pronto a colocar em prática, as coisas arrastam-se. O lar precisa de ser requalificado tal como todos os edifícios colegiais da Rua da Sofia. O professor conta-nos que existem nesta Rua, à vista, mas principalmente ocultos, verdadeiros tesouros históricos e arquitetónicos, afirmação com a qual não podemos deixar de concordar.

Há muito para ser requalificado na Rua da Sofia. A Rua faz parte da baixa onde ainda vive gente em condições miseráveis. Quando as pessoas que lá vivem desaparecem, a baixa morre. Na Rua Ferreira Borges e na Rua Visconde da Luz, abrem estabelecimentos comerciais no rés-do-chão, mas as casas por cima estão vazias. Revela-nos, com saudade, que antigamente no cortejo da queima das fitas, das janelas das casas da Rua Visconde da Luz e da Rua Ferreira Borges, os habitantes saudavam os amigos e os estudantes, e nas procissões religiosas todas as sacadas se enchiam de colchas, hoje não vemos nada, só janelas e casas fechadas. Para ele a cidade é um repositório de recordações.

Apesar de tudo acha que a Rua da Sofia podia estar numa situação pior do que a que está, dado que os comerciantes ainda aguentam, ainda lhe dão uma certa vida. Acha que têm de haver estabelecimentos de tipo tradicional que atraiam pessoas à Rua, porque as grandes superfícies acabam com o comércio tradicional.

Na sua opinião manter a vida na rua é o maior problema da Rua da Sofia, porque se não houver comércio e pessoas, não há vida. Deveriam haver no rés-do-chão estabelecimentos comerciais modernizados. As lojas fecham porque as pessoas envelhecem e as que existem agora são antigas e não são atrativas. As lojas fecham e não reabrem, e a Rua da Sofia sofre com isso.

O Professor lê muitos textos e documentos de arquivo, diz que está sempre a aprender coisas novas, e o seu gosto por conhecimento é notável!

Quando nos despedimos, comenta que gostou muito de estar connosco porque pôde esvaziar muito do que tem dentro de si. É sempre um prazer ouvir pessoas com tanto para partilhar.

Doc. 11: Texto da entrevista do Tenente-Coronel João Paulino. Escrito por Rute Tavares

Tenente-Coronel João Paulo Silvestre Paulino, 52 anos, Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes

O que nos Liga.

A atmosfera está gelada, o sol que bate nas palmeiras do Claustro do Colégio da Graça faz brilhar o gelo nelas pousado. A entrevista que vamos fazer ao Presidente da Direção da Liga dos Combatentes de Coimbra, João Paulino, não o faz querer instalar-se dentro de quatro paredes: conta que foi militar durante muitos anos, e que a sua carne rija não adoce com o frio que cai no claustro. Os nossos bons agasalhos e adoração por claustros castilhanos, permitiram-nos dizer algo parecido.

João Paulino sabe que a Rua da Sofia é património, no entanto, não a concebe como tal pela falta do apoio de entidades que considera fundamentais para a conservação e valorização do espaço. Estudou em Coimbra até completar o ensino secundário, conhece bem a Rua da Sofia, mas não a percebe como um espaço patrimonial, é apenas o lugar de trabalho. A rotina é na Rua da Sofia, chegar, trabalhar e regressar a casa. É acompanhar o desgaste da calçada e o negrume da poluição entranhado nas faces de cada figura escultórica das igrejas, é ver como todos os dias a degradação da via se torna mais insuportável e sentir a impotência de a deixar continuar. Depois de estar há cinco anos a trabalhar nesta rua, o que mais o marca é a estagnação da atividade da rua e a falta de conservação dos edifícios, que além de terem as fachadas pouco atrativas, o seu conteúdo também não atrai a visita do turista. É da opinião que os turistas não têm interesse em parar na rua e observar o que ela tem de belo, para que isso acontecesse, crê que seria fundamental tornar a rua pedonal e requalificar os espaços, principalmente os colégios, e criar roteiros turísticos que integrem a Rua da Sofia. Afirma que é redutor para a cidade cingir o turismo a um nicho de sítios, quando Coimbra está repleta de um património riquíssimo, e que no entanto, continua a viver à sombra da Universidade, parando no tempo.

Face ao futuro da Rua, João Paulino, que se considera um homem positivo, projeta uma grande vontade de tornar a Rua da Sofia a mais importante de Coimbra, pois o seu carinho pelo espaço começa com a grande admiração que tem pelo seu criador D. João III, segue-se pela paixão na sua missão de tornar a rua um exemplo para o resto da Europa e desagua na vontade de continuar com este princípio. Reconhece que algumas coisas, ainda que poucas, foram feitas, como a recuperação dos dormitórios do Colégio da Graça por parte da Universidade de Coimbra, ou a recuperação do Colégio de São Tomás para o que é hoje o Palácio da Justiça. Mas a rua é mais,

muito mais, e para João Paulino o patamar de Património Mundial da UNESCO não passa do papel para a prática, e é com tristeza que diz que “aquilo que gostava que fosse amanhã, pode demorar muito anos”.

Em relação à Liga dos Combatentes, a conversa não é tão cinzenta e torna-se mais dinâmica. Percebemos que aquele espaço ajuda imensos ex-combatentes nomeadamente do Ultramar e de um alargado leque de regiões do país, a vários níveis, como social, cultural, hospitalar e psicológico. Neste ramo da saúde, a Liga dispõe de um serviço bem qualificado ao nível dos profissionais e dos materiais que podia ser aproveitado de outra forma mais profunda. João Paulino é a favor de uma união entre as várias entidades da cidade e mesmo da rua que favoreçam os interesses de todos em prol da comunidade conimbricense. A Liga dispõe de um centro médico que para todos os que forem sócios, podem usufruir sem qualquer custo adicional, e ainda integra espaços de lazer, um bar e um pavilhão desportivo. Pelas palavras do presidente, “apesar do claustro parecer morto”, a sua agenda cultural é bastante diversificada e preenchida, recebem eventos de música, poesia, desporto, colóquios entre tantas outras atividades.

Apesar de todo este dinamismo, que só tem consciência quando está a escrever o relatório anual de atividades, sente que atrair o foco para o colégio, para a Liga e para a sua missão é uma tarefa diária que implica muito esforço. E é aqui que chega a instabilidade e a dúvida: será que vale a pena continuar? Vale a pena estar como voluntário e fazer um esforço pela rua que não é reconhecido? São perguntas que João Paulino se coloca diariamente, e para as quais não tem uma resposta concreta, mas que por enquanto são teoria, e neste caso, desejamos que não passem à prática.

Doc. 12: Notícia do Diário *As Beiras* de 28 de Junho de 2018, sobre a falta de impacto da classificação na Rua da Sofia. Foto tirada durante a visita que realizámos em 2018 às crianças do programa de férias de Verão “Se esta Rua fosse minha”, do Teatrão. Fonte: <https://www.facebook.com/oteatrao/photos/a.188543694584032/1482056358566086/?type=3&theater>

6 | essencial | Coimbra

diário as beiras | 28-06-2018

coimbra



protagonista

Manuel Ramos Soares O juiz desembargador foi eleito em março passado presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses e, por inerência, é o responsável pela Casa do Juiz. Esta IPSS, com sede em Bencinta (Coimbra), é inaugurada oficialmente este domingo, pois só recentemente é que o projeto definido para a antiga Quinta de Nossa Senhora da Graça ficou “totalmente concluído”.

Comerciantes não notam impacto da classificação da rua da Sofia



Crianças dos seis aos 13 anos foram conhecer o património da rua da Sofia

Cinco anos depois de edifícios da rua da Sofia serem classificados como património mundial da UNESCO no âmbito da Universidade de Coimbra, os comerciantes não notam o impacto nesta artéria e crianças sonham com uma rua diferente

“Se esta Rua fosse minha...”, reuniram-se mais uma vez para visitar colégios da rua da Sofia, espaço central desta edição do programa. “Sabem que a rua da Sofia é património da UNESCO?”, pergunta uma das guias do grupo, estudante de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. “Sabemos, a partir de agora!” exclama uma das crianças. De facto, a Sara Baquiss e o seu irmão Pedro, a Alice Pinto e o Pedro Gomes já tinham passado pela rua,

mas não sabiam a importância dos monumentos. A Sara, que tem 12 anos, gostava que a rua fosse diferente. “Eu acho que podia ser muito mais bonita. (...) Eu não permitiria vandalismo, só grafitis que fossem arte, que tivessem a ver com a rua”. Para a jovem, é importante que os edifícios estejam bem conservados e com explicações visíveis da sua importância. “Se esta rua fosse minha, eu gostava que estivesse menos poluída”, afirma Alice, que tem 11 anos. Gostava que estivesse mais bem tratada, já que

é património classificado, e deu o exemplo da igreja do Camo. O Pedro Gomes, de 10 anos, “restaurava tudo, metia com bom aspeto” e gostaria de poder pôr todos os edifícios a funcionar de novo com um caráter menos religioso. O Pedro Baquiss, da mesma idade, por seu lado, gostaria que a rua tivesse mais flores e árvores e menos “casas estragadas”. Gostava que a informação sobre os monumentos estivesse mais acessível: deu uma ideia para a sinalética: na igreja da Graça poderia haver uma imagem de um

estudante e do lado da Liga dos Combatentes da Grande Guerra a imagem de um militar.

Turistas não visitam esta rua

Por seu lado, os comerciantes não sentem o impacto da classificação na rua. Cláudia Apóstolo, gerente de uma loja de pronto a vestir, considera que a rua está mais abandonada e que está tudo mais sujo. Queixa-se, a par com outros comerciantes, que apesar da classificação, os turistas não têm o que visitar porque os monumentos estão fechados e que não há sinalética. Margarida Gomes, gerente da pastelaria Nova Penta, é dessa opinião e acrescenta que “enquanto não houver um longo trabalho para canalizar o percurso dos turistas para aqui, com algo para ver e procurar, acho que não vai haver alterações”. Miguel Braga, colaborador da tabacaria papelaria Estrelinha da Sorte, é da mesma opinião e sublinha que é preciso canalizar eventos para esta rua e não só no resto da Baixa. Aldina Santos, colaboradora de uma frutaria desta rua, põe a hipótese de que a rua seja fechada, mas questiona-se se irá beneficiar o turismo ou afetar os negócios. **Maria Inês Morgado**

Sessões do espetáculo “Sofia, meu amor!” quase esgotadas

“As três primeiras sessões do espetáculo “Sofia, meu amor!”, que decorrem este sábado e domingo na rua da Sofia estão quase esgotadas, avança Isabel Craveiro, coordenadora artística da Rede Arterial e diretora de O Teatrão. Este é o primeiro espetáculo que a Rede Arterial produziu e que começou a preparar em 2016 com reuniões com a Câmara Municipal, com a Universidade de Coimbra, com os moradores e comerciantes, assim como com os agentes culturais.

Os seus contributos refletem-se nesta peça encenada pelo Trincheira Teatro. “O percurso que é proposto ao público como que tenta fazer as pessoas perceber que a vida está



Espectáculo vai percorrer rua da Sofia e zona envolvente

por detrás da rua, para lá da monumentalidade, do património reconhecido. A vida faz-se um pouco também daquilo que é menos visível”, explica

Isabel Craveiro, pelo que o espetáculo não vai ser só apresentado na rua da Sofia mas também na área envolvente, em colaboração com a comunidade.

No que diz respeito ao impacto que se espera deste projeto, Isabel Craveiro considera que “há diferentes impactos que vão ser visíveis em tempos diferen-

programa
“Sofia, Meu Amor!”
 Trincheira Teatro
 Coimbra | Rua da Sofia
 ▶ 30 de junho | 18H00
 ▶ 1 de julho | 15H00 | 18H30
 ▶ Direção de Pedro Lamas e João Paiva
 ▶ Dramaturgia de Jorge Palinhos

tes, para além do espetáculo”. Desde já a construção coletiva, a articulação da produção de conhecimento científico com criação artística e uma abordagem inovadora, segundo Isabel Craveiro. De facto, a coordenação académica da Rede Arterial está entregue ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e, segundo Isabel Craveiro, vão surgir teses de mestrado e artigos académicos a partir do trabalho realizado. Também vai ser feita a monitorização dos públicos através de inquéritos, para compreender como é que as pessoas souberam do espetáculo, quanto são esses públicos, quantos são turistas, entre outras informações. **le|j|M.J.M.**

Índice de figuras

Fig. 1: Ortofotomapa da Rua da Sofia. Walter Rossa, 2006. Fonte: <i>Monumentos</i> , nº 25, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	Pág. 109
Fig. 2: Colégio de São Boaventura, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 110
Fig. 3: Sinalética do Colégio de São Boaventura, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 110
Fig. 4: Colégio do Espírito Santo, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 111
Fig. 5: Rua Dr. Manuel Rodrigues. Vista para a Igreja de S. Pedro, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 111
Fig. 6: Notícia do Diário de Coimbra de 29 de Janeiro de 2019. Fonte: autora	Pág. 112
Fig. 7: Antigo posto de venda de bilhetes de autocarro “Moisés”, Rua João Machado, 2019. Fonte: autora	Pág. 112
Fig. 8: Vitrine à saída da rodoviária, 2019. Fonte: autora	Pág. 113
Fig. 9: Sinalética na Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 113
Fig. 10a: <i>Mupie</i> do Convento de São Domingos, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 114
Fig. 10b: <i>Mupie</i> do Convento de São Domingos, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 114
Fig. 11: Proposta de sinalética para a Rua da Sofia, autora, 2019	Pág. 115
Fig. 12: Colégio do Espírito Santo, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 116
Fig. 13: Colégio de São Pedro, Rua da Sofia, 2019. Fonte: autora	Pág. 116
Fig. 14: Colégio de São Boaventura, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 117
Fig. 15: Colégio e Igreja do Carmo, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 117
Fig. 16: CES, Colégio da Graça, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares.....	Pág. 118
Fig. 17: Tribunal da Relação de Coimbra, Colégio de São Tomás, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 118
Fig. 18: Claustro do Colégio de São Tomás, 2018. Fonte: autora	Pág. 119
Fig. 19: Painéis de azulejos no claustro do Colégio de São Tomás, 2018. Fonte: autora	Pág. 119
Fig. 20: Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, Colégio da Graça, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 120
Fig. 21: Claustro do Colégio da Graça, s.d. Fonte: https://www.facebook.com	Pág. 120
Fig. 22: Convento de São Domingos, Rua da Sofia, 2018. Fonte: autora	Pág. 121
Fig. 23: Capela de Jesus, Convento de São Domingos, 2018. Fonte: autora	Pág. 121

Fig. 24: Igreja da Graça, Rua da Sofia, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 122
Fig. 25: Claustro do Colégio do Carmo, 2018. Fonte: autora	Pág. 122
Fig. 26: Quintal do Colégio do Carmo, 2018. Fonte: autora	Pág. 123
Fig. 27: Colégio das Artes, 2018. Fonte: autora	Pág. 123
Fig. 28: Visita guiada à Rua da Sofia, varanda da Igreja da Graça, 2019. Fonte: autora	Pág. 124
Fig. 29: Visita guiada à Rua da Sofia, claustro do Colégio da Graça, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 124
Fig. 30: Visita guiada à Rua da Sofia, jardim da Cerca de São Bernardo, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 125
Fig. 31: Visita guiada à Rua da Sofia, infantário, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 125
Fig. 32: Casa dos Pintores, Leiria, 2019. Fonte: autora	Pág. 126
Fig. 33: Sinalética na Casa dos Pintores, Leiria, 2019. Fonte: autora	Pág. 126
Fig. 34: Igreja da Misericórdia, Leiria, 2019. Fonte: autora	Pág. 127
Fig. 35: <i>Mupie</i> com pontos de interesse no centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 127
Fig. 36: Sinalética da Rota de Leiria Histórica, 2019. Fonte: autora	Pág. 128
Fig. 37: Informação sobre a Judiaria de Leiria, 2019. Fonte: autora	Pág. 128
Fig. 38: Centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: autora	Pág. 129
Fig. 39: Centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: autora	Pág. 129
Fig. 40: Centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 130
Fig. 41: Centro histórico de Leiria, 2019. Fonte: Rute Tavares	Pág. 130
Fig. 42: Igreja de Santa Justa, Terreiro da Erva, 2019. Fonte: autora	Pág. 131